



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

MARIANA ALVES SHIGEHARU

**O SENSO DE COMUNIDADE NO CONJUNTO HABITACIONAL SÃO
LOURENÇO – LONDRINA-PR**



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA



Programa Associado
de Pós-graduação em
Arquitetura e Urbanismo

MARIANA ALVES SHIGEHARU

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Milena Kanashiro

**O SENSO DE COMUNIDADE NO CONJUNTO
HABITACIONAL SÃO LOURENÇO – LONDRINA-PR**

Londrina-Pr
Mar-2015

MARIANA ALVES SHIGEHARU

**O SENSO DE COMUNIDADE NO CONJUNTO
HABITACIONAL SÃO LOURENÇO – LONDRINA-PR**

Dissertação apresentada como parte das exigências para obtenção do título de MESTRE no Programa Associado de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo das Universidades Estaduais de Londrina e Maringá.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Milena Kanashiro

Londrina-Pr
Mar-2015

**Catálogo elaborado pela Divisão de Processos Técnicos da
Biblioteca Central da Universidade Estadual de Londrina**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

S555s Shigeharu, Mariana Alves.

O senso de comunidade no conjunto habitacional São Lourenço – Londrina – PR / Mariana Alves Shigeharu. – Londrina, 2015.
129 f. : il.

Orientador: Milena Kanashiro.

Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Estadual de Londrina, Centro de Tecnologia e Urbanismo, Programa Associado de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, 2015.

Inclui bibliografia.

1. Arquitetura de habitação – Teses. 2. Habitação popular – Teses. 3. Senso de comunidade – Teses. I. Kanashiro, Milena. II. Universidade Estadual de Maringá. III. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Tecnologia e Urbanismo. Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo. IV. Título.

CDU 728.222

MARIANA ALVES SHIGEHARU

**O SENSO DE COMUNIDADE NO CONJUNTO HABITACIONAL SÃO
LOURENÇO – LONDRINA-PR**

Dissertação apresentada como parte das exigências para obtenção do título de MESTRE no Programa Associado de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo das Universidades Estaduais de Londrina e Maringá.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Milena Kanashiro
UEL – Londrina – PR

Prof.^a Dr.^a Silvia A. Mikami G.Pina
UNICAMP – Campinas – SP

Prof. Dr. Renato Leão Rego
UEM – Maringá – PR

Londrina, 30 de março de 2015.

A minhas avós Aurea e Isaura, pelos ensinamentos sobre a vida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, pela capacidade em desenvolver este trabalho, pois, sem Ele nada é possível.

Agradeço aos meus pais, Ivo e Cristina, e a minha irmã Isabella, pelo apoio e carinho em todos os momentos, sempre dando suporte à minha vida acadêmica, me apoiando e incentivando.

Ao meu namorado, Luiggi, por sua ajuda incondicional em tantos momentos, auxiliando diretamente nos levantamentos e mapeamentos desta pesquisa, além de ser meu refúgio nos momentos de dificuldade, me fazendo acreditar que seria possível sempre.

Aos meus sogros Lourdes e Carlos, pela ajuda direta em dados do trabalho e pelo interesse e motivação constantes.

À minha querida família: avós, tios, primos, cunhados e amigos por compreenderem os momentos de ausência e a falta de tempo.

Aos meus colegas de turma e professores do programa de mestrado por compartilharem conhecimento e auxiliarem no meu crescimento acadêmico. Reconheço especialmente a ajuda das companheiras de turma Thaisa, Ligia, Thamine e Jaqueline que participaram diretamente de discussões no desenvolvimento dessa dissertação e a colega de pesquisa Catarina, pelo auxílio na elaboração dos mapas de análise.

Agradeço imensamente à minha orientadora Milena Kanashiro pela paciência, confiança e grande dedicação a este trabalho, sem ela não seria possível concluir essa etapa, pois, além do direcionamento na pesquisa me incentivou na busca de crescimento constante pessoal e profissional, que levarei para vida toda.

Aos professores Sílvia Mikami Pina e Renato Leão Rego pelas importantes colocações na etapa de qualificação e disponibilidade para avaliação desse estudo.

À CAPES pela bolsa de mestrado.

“Assim como uma família torna-se o que ela é nos espaços de uma casa, uma comunidade inteira forja-se nos espaços comuns de uma cidade”.

(Adson Lima)

SHIGEHARU, Mariana A. **O senso de comunidade no conjunto habitacional São Lourenço – Londrina-Pr.** 2015. 135 p. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2015.

RESUMO

As áreas residenciais compõem a maior porção do espaço nas cidades. Uma retomada de discussões sobre a qualidade dessas áreas inclui a existência do senso de comunidade. Enquanto objetivo geral, propõe-se a realizar um diagnóstico do senso de comunidade em áreas de habitação de interesse social. Fez-se uma revisão do estado da arte sobre o tema e, a partir da sistematização de instrumentos existentes de avaliação, aplicado no conjunto habitacional São Lourenço, localizado na cidade de Londrina- PR, que data da década de 1970. Estatisticamente foi necessária uma amostra de 247 unidades, analisadas pelo método correlacional, considerando a multidimensionalidade – aspectos socioeconômicos, comportamentais e físico/espaciais, *checklist* de observação e o mapeamento para sobreposição das variáveis. Os principais resultados na análise unidimensional apontam: dimensão socioeconômica – homogeneidade social, dimensão comportamental - expectativa e satisfação de viver no bairro mais de 10 anos e quanto aos aspectos físicos/espaciais identificaram-se aspectos facilitadores e inibidores do senso de comunidade. A inserção dos dados das várias dimensões em mapas e a sobreposição no mapeamento de interações entre vizinhos possibilitou uma análise multidimensional que sugeriu a necessidade de composição entre relações físicas do conjunto e cara características socioeconômicas e comportamentais da população. Esta pesquisa contribui para possibilidades de análise de fatores de difícil mensuração, por meio da aplicação de um instrumento de avaliação dos aspectos relacionados ao senso de comunidade que direcionou a definição de cinco categorias, apresentadas enquanto conclusão, que expõe alguns dos elementos espaciais observados que podem contribuir para constituição do senso de comunidade em outros conjuntos habitacionais.

Palavras-chave: Senso de Comunidade. Conjuntos habitacionais. Instrumentos de avaliação.

SHIGEHARU, Mariana A. *The Sense of community in São Lourenço's social housing – Londrina-PR*. 2015. 135 p. Thesis (MS) - State University of Londrina, Londrina, 2015.

ABSTRACT

The purpose of this paper is to examine the connections between sense of community and the design of social housing in Brazil. The importance of building sense of community among residents in a neighbourhood is directly related to a higher quality of life, and it poses as one of the challenges of creating a sustainable city. Our study analyses the sense of community through the synthesis of assessment tools. We came up with a questionnaire of 72 questions applied to 247 families in a neighbourhood, considering 95% of confidence level (α) and 5% margin of error (E). We added two other methods: a checklist to observe inhibiting and facilitating elements, and the mapping of neighbourly relationships. The study overlaps sociodemographic data, behavioural factors, and social interactions as a way to develop a multidimensional analysis strategy. Our findings point out that the interaction is directly proportional to the family size, and a better relationship among those who are expected to live longer in the area. The sense of community was assessed through known neighbours, interaction among neighbours, and the level of attachment to the place. We also discussed design strategies in order to strengthen social ties.

Key-words: assessment of sense of community, neighbourhood, urban design, social housing

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Esquema do delineamento da pesquisa	20
Figura 2: Cronologia das principais abordagens do senso de comunidade	24
Figura 3: Exemplo de análises em esquemas de mapeamento	38
Figura 4: Esquema do percurso metodológico	50
Figura 5: Resumo do processo de elaboração do instrumento.	55
Figura 6: Mapa de localização dos conjuntos na cidade de Londrina-PR	58
Figura 7: Mapa de localização do conjunto escala maior	59
Figura 8: Centro comercial projetado no conjunto – atual supermercado local	60
Figura 9: Localização dos espaços públicos e de equipamentos do conjunto	61
Figura 10: Espaços públicos de praça e campo de futebol do conjunto.....	61
Figura 11: Equipamentos educacionais do conjunto	62
Figura 12: Instituições religiosas do conjunto.....	62
Figura 13: Mapa com a definição da seleção dos lotes e etapas.	63
Figura 14: Pessoas andando “a pé” no bairro.	72
Figura 15: Presença de crianças nas ruas e praças.	94
Figura 16: Presença de jovens e adultos nas ruas, praça e espaços semiprivados.	95
Figura 17: Presença de idosos nas ruas e espaços semiprivados.....	96
Figura 18: Praça 03 sem uso e ALL na Praça 01 utilizada por crianças e adultos....	99
Figura 19: Uso e atividades nas áreas de praça e lazer do conjunto	100
Figura 20: Atividades de uso e permanência nas ruas do conjunto.	101
Figura 21: Registro do rastro de áreas de permanência no passeio.	102
Figura 22: Dimensões das vias	104
Figura 23: Áreas de maior interação entre moradores: frontal e lateral	107
Figura 24: Relação de interação nos lotes de esquina.....	108
Figura 25: Elementos espaciais como barreira ou auxílio de interação	109
Figura 26: Elementos espaciais como barreira de interação.....	110
Figura 27: Formas de quadras semelhantes e número de interações diferenciadas	110
Figura 28: Área com predominância de moradores que vivem mais de 26 anos no conjunto.....	114
Figura 29: Áreas públicas de uso comum e diferentes dimensões	120

Figura 30: Continuidade de vias e características de uso das ruas como suporte para interação.....	121
Figura 31: Uso dos espaços semipúblicos/semiprivados	121

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Pesquisas selecionadas que relacionam o senso de comunidade.....	21
Quadro 2: Síntese dos principais fatores das pesquisas analíticas.....	30
Quadro 3: Síntese das dimensões de análise	35
Quadro 4: Relação das categorias de predefinição das áreas	36
Quadro 5: Síntese de dados de recorte, amostragem e método de análise	37
Quadro 6: Síntese dos principais atributos socioeconômicos	40
Quadro 7: Síntese dos atributos físico/espaciais.....	41
Quadro 8: Síntese dos atributos psicológicos	42
Quadro 9: Síntese das variáveis dependentes e independentes	43
Quadro 10: Síntese dos principais fatores das pesquisas analíticas.....	47
Quadro 11: Síntese das pesquisas com diagnósticos selecionados	51
Quadro 12: Relação e dados de conjuntos da década de 1970.....	57

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Sexo, raça/cor e estado civil dos entrevistados.	65
Gráfico 2: Escolaridade, idade e número de membros.	65
Gráfico 3: Expectativa em viver no bairro e tempo de residência.....	67
Gráfico 4: Relação entre expectativa de viver no bairro e tempo de residência.....	67
Gráfico 5: Situação de moradia	68
Gráfico 6: Situação e localização de moradia anterior	68
Gráfico 7: Classe social e situação de emprego	69
Gráfico 8: Tipo de vínculo empregatício.....	69
Gráfico 9: Utilização de transporte público	70
Gráfico 10: Verificação do local de trabalho e motivos de deslocamento	71
Gráfico 11: Necessidade de automóvel no bairro e “andar a pé”	72
Gráfico 12: Percentual de pessoas pelo número de vizinhos conhecidos.....	73
Gráfico 13: Relação entre vizinhos conhecidos e sexo dos entrevistados	73
Gráfico 14: Relação entre vizinhos conhecidos e tempo de moradia.....	73
Gráfico 15: Relação de construção de amizades, cumprimentar e conversar.....	74
Gráfico 16: Características de visita a outros vizinhos	74
Gráfico 17: Familiares no bairro e concordância sobre contatos.....	75
Gráfico 18: Relação entre familiares no bairro e vizinhos conhecidos	75
Gráfico 19: Possibilidade de contar com vizinhos e relação de novas amizades.....	76
Gráfico 20: Características de convivência entre vizinhos	76
Gráfico 21: Relação entre número de conhecidos e confiança	77
Gráfico 22: Relação entre tempo de residência e confiança	77
Gráfico 23: Frequência de ajuda mútua entre moradores	78
Gráfico 24: Relações de empréstimo entre vizinhos	78
Gráfico 25: Situação de ajuda	79
Gráfico 26: Aconselhar vizinhos e trabalhar em conjunto pelo bairro.....	79
Gráfico 27: Existência de associação de moradores.....	80
Gráfico 28: Características de incômodo com a vizinhança	80
Gráfico 29: Relações de apego e afetividade.....	81
Gráfico 30: Bairro como lugar para estabelecer família e viver	81
Gráfico 31: Possibilidade de mudança do bairro	82
Gráfico 32: Satisfação em morar no bairro.....	82

Gráfico 33: Concordância sobre o senso de comunidade	83
Gráfico 34: Senso de segurança na residência e no bairro.....	84
Gráfico 35: Segurança para caminhar e receber visita de familiares e amigos.....	85
Gráfico 36: Percepção das áreas em qualidade e degradação.....	85
Gráfico 37: Existência e frequência de atividades na área.....	86
Gráfico 38: Espaços de convivência importância de atividades	86
Gráfico 39: Religião e frequência de participação em atividades	87
Gráfico 40: O bairro como local para crianças	88

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Dados sobre o número de crianças por famílias	66
Tabela 2: Relação dos tipos de veículos por famílias	70
Tabela 3: Relação de religião com a participação em atividades.....	87
Tabela 4: Elementos físicos verificados no conjunto.....	91
Tabela 5: Atividades observadas por áreas e grupo de pessoas.....	93

LISTA DE MAPAS

Mapa 1: Áreas de maior movimento no conjunto São Lourenço	89
Mapa 2: Área de observação 01 – Praça 01 (ALL)	97
Mapa 3 e Mapa 4: Área de observação 02 – Praça 02 e área de observação 03 – Praça 03.....	97
Mapa 5: Área de observação 04 – Campo de Futebol	98
Mapa 6: Área de observação 05 - comercial.....	98
Mapa 7 e Mapa 8: Área de observação 06 – Avenida Aristides de Souza Melo e 07 - Rua Olímpio Lopes dos Santos.....	103
Mapa 9: Mapa de interação dos moradores.....	106
Mapa 10: Sobreposição: Interação entre vizinhos e dados socioeconômicos	112
Mapa 11: Sobreposição: Relação de vizinhança e dados comportamentais	113
Mapa 12: Sobreposição: Fatores de construção do senso de comunidade.....	115

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

HIS – Habitação de Interesse Social

CHIS – Conjunto (s) Habitacional (s) de Interesse Social

COHAB – Companhia de Habitação

APO – Avaliação pós-ocupação

UNB – Universidade de Brasília

UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas

AM – Associação de Moradores

IAPs - Institutos de Aposentadoria e Pensões

BNH – Banco Nacional de Habitação

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	16
1.1 OBJETIVOS DA PESQUISA	19
2 A EXISTÊNCIA DE UM SENSO DE COMUNIDADE: CONSTRUÇÃO DE UM REFERENCIAL TEÓRICO.....	21
2.1 IDENTIFICAÇÃO DE PARÂMETROS DE AVALIAÇÃO.....	29
2.2 PESQUISAS EXISTENTES EM CONTEXTO NACIONAL.....	45
3 PERCURSO METODOLÓGICO	50
3.1 CONSTRUÇÃO DE FERRAMENTA PARA ANÁLISE DO SENSO DE COMUNIDADE.....	51
3.2 ESTRATÉGIA DA PESQUISA CORRELACIONAL.....	55
3.3 ESTRATÉGIA PARA DEFINIÇÃO DO ESTUDO DE CASO	56
3.4 CARACTERIZAÇÃO DO ESTUDO DE CASO: CONJUNTO HABITACIONAL SÃO LOURENÇO	59
4 ANÁLISE E DISCUSSÃO	65
4.1 ANÁLISE SOCIOECONÔMICA.....	65
4.2 ANÁLISE COMPORTAMENTAL	71
4.3 ANÁLISE FÍSICO-ESPACIAL.....	83
4.4 ANÁLISES POR MEIO DE OBSERVAÇÃO	88
4.5 MAPEAMENTO COMO ESTRATÉGIA ANALÍTICA MULTIDIMENSIONAL: SOBREPOSIÇÃO DE DADOS.....	105
5 CONCLUSÃO	117
REFERÊNCIAS.....	123
APÊNDICES	129

1 INTRODUÇÃO

As áreas residenciais compõem a maior porção do espaço nas cidades e, a partir da discussão inserida por Coelho (2009) de fazer cidades por meio da habitação, o autor reforça que essas devem integrar equipamentos adequados às diversas necessidades dos moradores, mas também ao estímulo do convívio natural em uma extensão do habitar que contribua para a vida individual, familiar, da vizinhança, do bairro e da cidade.

Essa questão também é observada nas legislações complementares de vários países, os chamados Guias de Design para Áreas Residenciais, que com o objetivo de melhoria da qualidade desses espaços estabelecem várias recomendações, prescritivas ou de *performance*, e inserem a necessidade do ambiente físico dar suporte para a criação do senso de comunidade (KANASHIRO; AYOUB, 2013).

A partir dessas inferências, as seguintes indagações direcionaram esta dissertação de mestrado: É possível avaliar o senso de comunidade? Existem instrumentos? Quais são os fatores vinculados à sua existência? Pode-se projetar bairros objetivando alcançar um maior senso de comunidade?

Em uma primeira estratégia de pesquisa, foi realizada uma busca em periódicos indexados do sistema Capes com os seguintes descritores: *sense of community* (Senso de Comunidade) e *neighborhood* (bairro). Verificou-se a existência de 64 pesquisas predominantes nas áreas do conhecimento das Ciências Humanas – Psicologia e Ciências Sociais Aplicadas – Arquitetura e Urbanismo.

Nessa busca preliminar, observou-se a inexistência de pesquisas no contexto nacional e, em uma segunda verificação em bancos de teses, dissertações e eventos para identificar os trabalhos sobre a temática, dois pesquisadores brasileiros se destacaram: Kowaltowski, et. al (2005 e 2006) e Günther (1996), este em uma análise comparativa do senso de comunidade entre as superquadras do Plano Piloto em Brasília e as cidades satélites indica a prevalência de maiores interações em áreas de casas geminadas, e aquele associa o conceito com os aspectos de qualidade de vida em empreendimentos de habitação de interesse social no Estado de São Paulo.

Com base na possibilidade de avaliação do senso de comunidade, observou-se que os estudos definem recortes espaciais específicos para a análise. Assim, sobressaiu-se uma outra questão de pesquisa: Quais os locais para verificação da existência do senso de comunidade?

Os estudos caracterizam precondições do lugar como: a existência de atividades, áreas residenciais com certa maturação, homogeneidade nas características socioeconômicas, bem como a relação de tempo de residência no bairro. Em relação às pesquisas brasileiras indicam-se dois padrões de áreas residenciais: casas térreas com uma configuração importante na relação habitação x rua e áreas de maior densidade de moradores.

Assim, diante dessas constatações na associação do senso de comunidade como uma qualidade do espaço e, considerando as críticas quanto à recente produção massiva dos empreendimentos de habitação de interesse social, assim como as indicações de Ayoub (2014) que avalia os espaços livres de uso público em conjuntos habitacionais e identifica que esses tornam-se essenciais em virtude das dimensões mínimas das áreas privadas, definiram-se as áreas residenciais de habitação de interesse social para a avaliação do senso de comunidade. Somam-se a essas questões o conceito de micro vizinhança utilizado por Coelho (p. 2, 2009), em uma avaliação de empreendimentos governamentais promovidos em Portugal, que a cidade pode ser entendida realmente como “de interesse social”, a partir da integração entre público, privado e semiprivado.

Dessa forma, o presente trabalho parte do pressuposto da existência do Senso de Comunidade como um fator importante nas áreas residenciais, estabelecendo vínculos sociais e espaciais que sugerem percepções positivas em seus moradores e tem como objetivo geral realizar a avaliação do Senso de Comunidade em uma área de habitação de interesse social no Brasil.

Recentes pesquisas têm procurado tratar dos aspectos qualitativos para a discussão do projeto de áreas residenciais de habitação de interesse social. Ferreira; et al (2012) e Pina; Kowaltowski (2000) discutem em seus trabalhos parâmetros de qualidade para projetos de áreas habitacionais de interesse social, no entendimento do significado muito além do “abrigo”. Assim, essas áreas consistem

não apenas de elementos físicos de construção e infraestrutura, mas devem ser somados elementos subjetivos como os aspectos socioculturais e de qualidade de vida. Nesse mesmo sentido, Perry (1995) reforça a necessária ponderação da relação físico-material, o bem-estar emocional e a situação social que sobrepostos configuram os domínios de qualidade de vida.

Esta dissertação está estruturada com a apresentação dos objetivos e do delineamento da pesquisa na introdução. O capítulo dois faz a construção do referencial teórico, com estudos existentes que relacionam o senso de comunidade em áreas residenciais. Foram identificadas inicialmente 64 pesquisas e, após análise dos resumos, excluíram-se 22 realizados em outros ambientes. Restaram 42 e, em ordem cronológica foram analisadas suas características gerais. Dentre essas, 21 faziam a verificação do senso de comunidade por meio de instrumentos cujos métodos de construção e aplicação foram detalhados. Constatou-se que 08 estudos compunham os instrumentos replicados com maior frequência.

O terceiro capítulo explicita o percurso metodológico adotado e a análise dos principais instrumentos de avaliação do senso de comunidade, para construção da ferramenta de verificação local. Assim, definiu-se um instrumento com três estratégias: questionários, observações por meio de *checklist* e mapeamento. Os dados foram analisados por meio da metodologia correlacional, proposta por Groat; Wang (2002), por verificar que a temática extrapola a dimensão espacial, tendo a dimensão social como elemento indissociável nas verificações. Define-se ainda o estudo de caso, Yin (2005) como abordagem, pela necessidade de verificação em contexto local. Uma avaliação para a seleção do estudo de caso é realizada a partir da pre-existência de Senso de Comunidade. Assim, é feita a caracterização do estudo de caso selecionado – o Conjunto Habitacional São Lourenço, na cidade de Londrina – Pr.

No capítulo quatro, são apresentados os dados e resultados extraídos dos instrumentos propostos pela pesquisa. Os diagnósticos foram analisados em três aspectos: socioeconômico, comportamental e físico-espacial, por meio de análises estatísticas simples e correlacionadas. A estratégia de observação das atividades, além da sobreposição das principais questões identificadas foram mapeadas como método de avaliação multidimensional.

No quinto capítulo, tem-se as conclusões do estudo a partir dos resultados do diagnóstico de senso de comunidade. Esta pesquisa contribuirá na verificação da aplicabilidade de um instrumento para diagnóstico do senso de comunidade com discussões associadas aos aspectos socioeconômicos, comportamentais e espaciais. São apresentadas orientações projetuais que contribuem para a rede de interações de vizinhança, subsídios para uma discussão de projetos de bairros residenciais nas cidades brasileiras.

1.1 OBJETIVOS DA PESQUISA

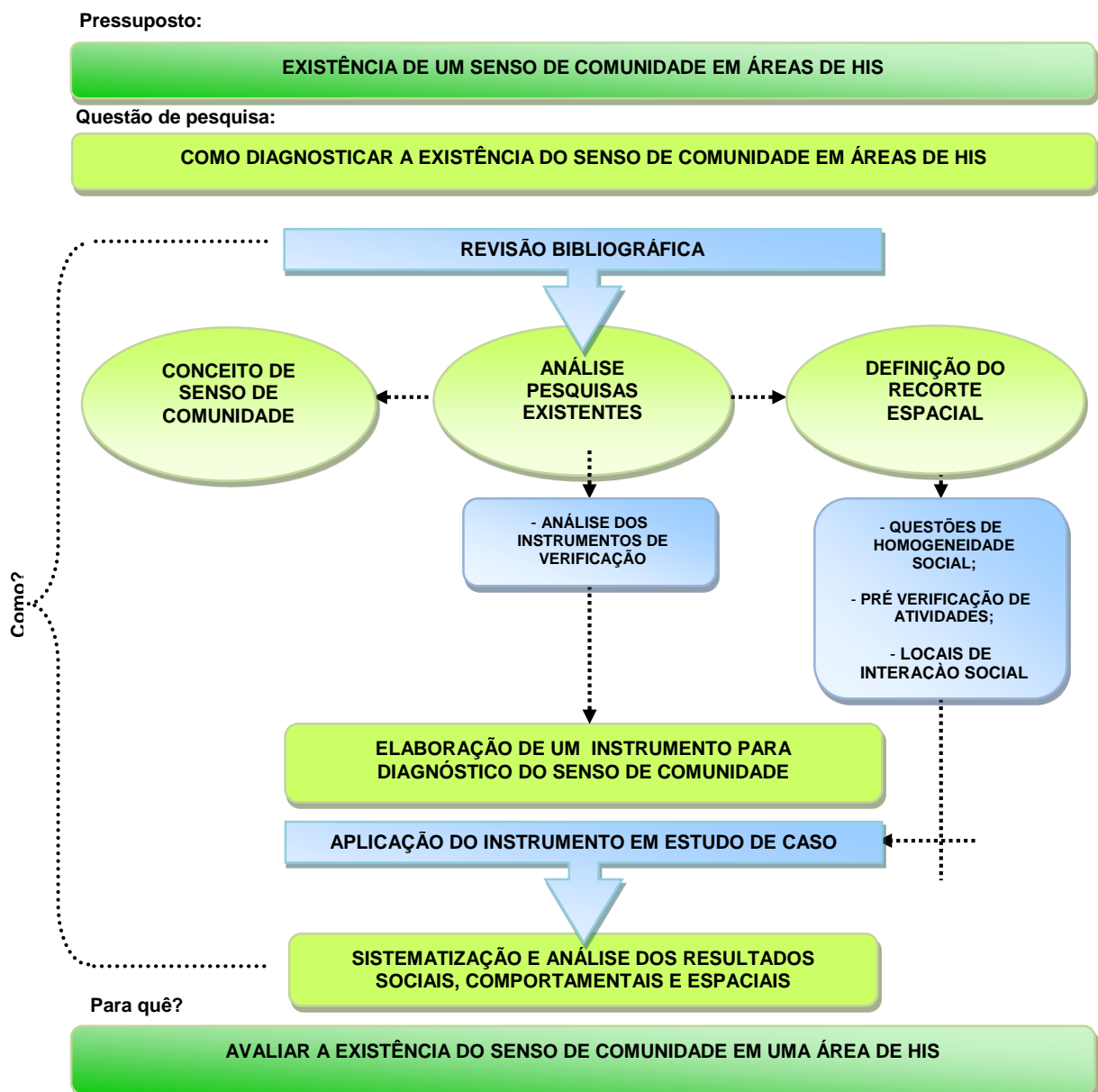
Parte-se, do pressuposto da existência de um Senso de Comunidade em bairros residenciais. Assim, enquanto objetivo geral, esta pesquisa pretende realizar uma avaliação do Senso de Comunidade em uma área de habitação de interesse social, buscando contribuir na aplicabilidade de um instrumento para esse processo de verificação, e subsidiar a discussão sobre o projeto dessas áreas residenciais. Para atingir essa proposta, estabelecem-se os seguintes objetivos específicos:

1. Entender o conceito/senso de comunidade nas pesquisas existentes (por meio de revisão bibliográfica);
2. Sistematizar os instrumentos existentes para a avaliação do senso de comunidade (por meio de revisão bibliográfica);
3. Construir um instrumento de avaliação para um diagnóstico no contexto local (por meio da análise dos existentes e aplicação de um pré-teste);
4. Aplicar o instrumento de diagnóstico de senso de comunidade em uma área residencial de conjunto habitacional (por meio de questionário, mapeamentos e observações);
5. Entender os fatores sociais, comportamentais e físico-espaciais relacionados ao senso de comunidade (por meio de análise estatística correlacional);

6. Discutir os fatores físicos, sociais e comportamentais relacionados ao senso de comunidade (por meio de mapeamento e sobreposição dos resultados).

O delineamento da pesquisa demonstra a organização: pressuposto, questão de pesquisa, abordagens da revisão bibliográfica e construção do instrumento de análise (Figura 1).

Figura 1: Esquema do delineamento da pesquisa



Fonte: Organizado pela autora, 2015.

2 A EXISTÊNCIA DE UM SENSO DE COMUNIDADE: CONSTRUÇÃO DE UM REFERENCIAL TEÓRICO

A partir do objetivo principal, verifica-se a necessidade de um referencial teórico para embasar a pesquisa e compreender o “estado da arte” em relação ao senso de comunidade. Em um primeiro momento, como estratégia metodológica, foi realizada uma busca em periódicos indexados no sistema Capes em 2013, com os seguintes descritores: *sense of community* e *neighborhood*. Por meio das referências dos primeiros artigos, sistematizou-se uma listagem com 64 pesquisas internacionais.

Esses estudos foram encontrados em diferentes áreas do conhecimento: saúde física, psicologia ambiental e comportamental, e arquitetura e urbanismo. Na área da saúde as pesquisas abordam, na maioria das vezes, questões relativas às áreas que proporcionam o caminhar e relacionam ao senso de comunidade. Os referentes à psicologia direcionam a uma discussão de vivência entre moradores com questões de senso de segurança e pertencimento. Já nos estudos relacionados à área da arquitetura e urbanismo, o foco volta-se aos padrões da forma urbana e de configuração dos bairros como suporte para a relação de boa vizinhança.

Foi realizada a análise dos resumos e excluídas 22 pesquisas que não relacionavam o senso de comunidade em áreas residenciais. Essas pesquisas avaliavam em contextos empresariais e institucionais, entre outros. A partir dessa segunda triagem foram selecionadas 42 pesquisas para uma primeira análise do senso de comunidade. Essas são apresentadas no quadro a seguir (Quadro 1).

Quadro 1: Pesquisas selecionadas que relacionam o senso de comunidade

ANO	AUTOR	TÍTULO	PALAVRAS-CHAVE	OBJETIVO GERAL
1938	WIRTH, I.	<i>Urbanism as a way of life</i>	X	Discutir o anonimato e a fragmentação da vida na cidade, declínio da vida social.
1954	MANN, P.	<i>The concept of neighborliness</i>	X	Conceituar a relação de boa vizinhança.
1973	GRANOVETTER, M.S.	<i>The strength of weak ties</i>	X	Relacionar os tipos de contatos casuais como acesso à comunidade.
1974	SARASON	<i>The psychological sense of community: Prospects for a community psychology.</i>	X	Notar as características básicas do senso psicológico de comunidade pela percepção de similaridade.
1975	HUNTER, A.	<i>The loss of community: an empirical test through replication</i>	X	Compreender o processo de trocas de valores e ideologias, confundidas com declínio da comunidade.
1981	APPLEYARD	<i>Livable Streets</i>	X	Verificar influência do tráfego na relação e interação social.

Pesquisas selecionadas que relacionam o senso de comunidade – continuação.

1981	GLYNN	<i>Psychological sense of community: Measurement and application</i>	X	Mensurar a relação entre residentes com o Senso de Comunidade
1981	RIGER, S.; LAVRAKAS, P.I.	<i>Community ties: patterns of attachment and social interaction in urban neighborhoods</i>	X	Identificar os fatores âmbito físico que afetam os residentes em seus comportamentos
1984	FRIED, M.	<i>The structure and significance of community satisfaction.</i>	X	Investigar o significado de 'comunidade' nas metrópoles americanas – diferentes classes sociais
1986	CHAVIS; et.al	<i>Sense of Community Through Brunswik's Lens: A First Look</i>	X	Desenvolver o índice de senso de comunidade (SCI)
1986	LEVINE, M. D.	<i>Working it out: a community recreation approach to crime prevention</i>		Observar o uso do espaço público – foco em elementos individuais
1988	BUCKNER	<i>The Development of an Instrument to Measure Neighborhood Cohesion</i>	X	Compor um instrumento para medir a coesão da comunidade
1990	CHAVIS E WANDERSMAN	<i>Sense of Community in the Urban Environment: A Catalyst for Participation and Community Development</i>	X	Observar como o SC pode ter efeito catalisador sobre as ações locais e as relações sociais
1995	NASAR E JULIAN	<i>The psychological sense of community in the neighborhood</i>	-Communities -Group identity -psychological aspects	Desenvolver um teste para análise do senso de comunidade em bairros residenciais como versão mais curta que a de Glynn (1981)
1996	MCMILLAN	<i>Sense of Community</i>	X	Revisar os aspectos definidos conceitualmente quanto ao senso de comunidade em seu trabalho com Chavis e Hogge em 1981.
1996	SKAJAEVELAND; et. al	<i>A multidimensional measure of neighboring</i>	-Multidimensional measurement -Factorial analysis; -Neighborhood;	Medir as dimensões da vida social dentro de um bairro através de um curto questionário
1999	BOSELDMANN; et.al	<i>Livable streets revisited</i>	X	Comparar habitabilidade em <i>boulevards</i> e ruas convencionais
1999	CHAVIS; PRETTY	<i>Sense of community: Advances in measurement And application</i>	X	Apresentar os avanços teóricos e metodológicos do SOC e SCI estabelecendo outras dimensões
1999	LOCHNER; et. al	<i>Social capital: a guide to its measurement</i>	-Social capital; -Cohesion; -Community; -Neighborhood	Estabelecer um guia para medida e operacionalização do capital social na revisão do conceito.
1999	TALLEN, E.	<i>Sense of community and neighborhood form: an assessment of the social doctrine of new urbanism</i>	X	Notar oportunidades de interação social.
2001	KAPLAN, R.	<i>The nature of view from home psychological benefits</i>	X	Verificar o impacto do design no senso de comunidade.
2001	OBST, et.al	<i>An Exploration of Sense of Community: Dimensions and Predictors of Psychological Sense of Community in Geographical Communities</i>	Community -Social Identification -Geographic	Debater sobre a ferramenta PSOC e SCI de Chavis; et. al para melhor fundamentação.
2002	LUND, H.	<i>Pedestrian environments and sense of community</i>	X	Entender como qualidades do ambiente para pedestres na influência do SC.
2003	CANTILLON; et. al	<i>Measuring community social organization: Sense of community as a mediator in social disorganization theory</i>	X	Verificar variáveis positivas e negativas do SOC
2003	LONG E PERKINS	<i>Confirmatory factor Analysis of the sense of Community index and Development of a brief SCI</i>	X	Estabelecer o BSCI, com base na proposta de melhoria dos trabalhos de Chavis e McMillan E Perkins em 1986.
2003	FARREL, et. al	<i>Neighborhoods and neighbors: do they contribute to personal wellbeing?</i>	X	Caracterizar a influência da vizinhança e bem estar pessoal no senso de comunidade
2003	NASAR, J.L.	<i>Does neotradicional development build community?</i>	-Neotradicional development; -Sense of community; -Traditional suburbs; -Auto use	Compreender a Conexão entre espaço e senso de comunidade.
2004	KIM, J.; KAPLAN, R.	<i>Physical and psychological factors in sense of community: new urbanism Kentlands and nearby Orchard Village</i>	- Sense of community; - new urbanism; -place attachment; - community identity; - pedestrianism	Explorar questão do novo urbanismo relacionado ao senso de comunidade

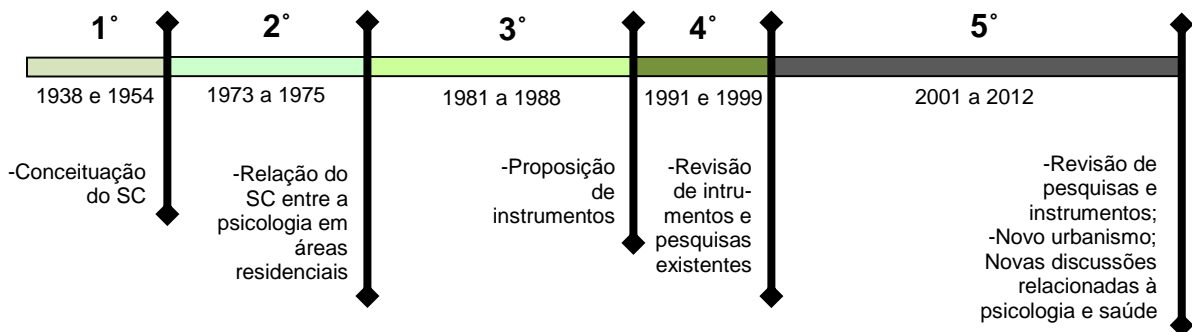
Pesquisas selecionadas que relacionam o senso de comunidade – continuação.

ANO	AUTOR	TÍTULO	PALAVRAS-CHAVE	OBJETIVO GERAL
2006	APPLEYARD B. E COX	<i>At Home in the zone</i>	X	Revisar as teorias de Appleyard (1981) e fazer uma análise para o contexto atual da relação de socialização e influência no desenho das ruas de bairros residenciais.
2006	KEARNEY, A. R.	<i>ART- Residential development patterns and neighborhoods satisfaction: impacts of density and nearby nature</i>	-Residential density; -Quality of life; -Benefits of nature	Entender os impactos do design no senso de comunidade.
2006	PETERSON; et. al	<i>Measuring sense of community: a methodological interpretation of the factor structure debate</i>	X	Revisar criticamente os métodos do SCI de Chavis; et. al e do SOC de Buckner, abordando aspectos negativos e positivos
2006	SUKOLRATANAMETEE, S.	<i>Pedestrian oriented design and sense of community: a comparative study</i>	X	Pontuar questões do SC como componentes de análise, ex: diz olá ao vizinho? Visita? Para e conversa?
2007	MAYA-JARIEGO E ARMITAGE	<i>Multiple Senses of Community in Migration and Commuting: The Interplay between Time, Space and Relations</i>	-Commuting identification -Migration -Personal networks -Sense of community -Time	Compreender a importância das diferenças e similaridades enquanto benefício para o desenvolvimento da comunidade
2008	SUGIYAMA, T.; et. al	<i>Associations of neighborhood greenness with physical and mental health: do walking, social coherence and local social interaction explain the relationships?</i>	X	Examinar associações de percepção bairro 'verde' com percepção física e saúde mental para investigar fatores sociais que representam os relacionamentos.
2008	YANG, Y.	<i>A tale of two cities: physical form and neighborhood satisfaction in metropolitan Portland and Charlotte</i>	-Compact development and mixed uses, -Urban form, -Smart growth, - -Neighborhood satisfaction, -Quality of life	Vincular as questões de densidade e uso misto como dependentes do contexto para o SC.
2009	LAWHON	<i>The Neighborhood Unit: Physical Design or Physical Determinism?</i>	-Neighborhood Unit, -Clarence Perry, - -Radburn, -Forest Hills Gardens, -New Urbanism	Verificar se conceito de unidade de vizinhança pode proporcionar resultados de interação social positivos.
2009	ROGERS; SUKOLRATANAMETEE	<i>Neighborhood design and sense of community: Comparing suburban neighborhoods in Houston Texas</i>	-Landscape -Street pattern -Ecology -Neighborhood -Place	Verificar o impacto do design do bairro no senso de comunidade
2010	MASON	<i>Can community design build trust? A comparative study of design factors in Boise, Idaho neighborhoods</i>	-Community design -Trust -Income inequality -New urbanism -Social capital	Explorar duas relações: design da comunidade e confiança.
2010	WOOD; et. al	<i>Sense of community and its relationship with walking and neighborhood designq</i>	-Built environment -Mental Health -Walkability -Physical activity -Sense of community -Walking	Verificar a associação entre senso de comunidade, caminhabilidade e design do bairro.
2011	CUTCHIN; et.al	<i>The socio-spatial neighborhood estimation method: An approach to operationalizing the neighborhood concept</i>	-Neighborhood -Socio-spatial -Measurement -Qualitative - GIS	Estabelecer o SENM (método de estimativa socio-espacial)
2011	NOWELL E BOYD	<i>Sense of community as construct and theory: authors' response to McMillan</i>	X	Responder às críticas colocadas por McMillan (2011) sobre o artigo Visualizando o comunitário como responsabilidade, bem como recurso: desconstruindo as raízes teóricas do sentido psicológico de comunidade.
2012	WILKERSON; et. al	<i>Neighborhood Physical Features and Relationships With Neighbors: Does Positive Physical Environment Increase Neighborliness?</i>	-Physical environment -Neighborhood - Psychological sense of community -Walkability	Utilizar instrumento de medição para investigar associações entre ambiente físico e boa vizinhança.

FONTE: Organizado pela autora, 2015.

Em uma análise inicial, verificam-se abordagens diferenciadas no desenvolvimento de pesquisas ao longo das décadas e uma retomada da discussão a partir de 2000, com mais de 50% dos artigos identificados. Portanto, fez-se o recorte cronológico para a exploração dos estudos existentes. A figura 2 apresenta a linha temporal e compreende os principais enfoques por período sobre o senso de comunidade em áreas residenciais.

Figura 2: Cronologia das principais abordagens do senso de comunidade



FONTE: Organizado pela autora, 2015.

Os primeiros trabalhos datam de 1938 e 1954, respectivamente Wirth e Mann. Esses autores abordam o senso de comunidade, a princípio, de forma mais conceitual e menos analítica.

Wirth (1938) em seu trabalho “Urbanismo como meio de vida” faz observações em cidades dos Estados Unidos e discorre de maneira crítica que a industrialização trouxe grandes impactos nas cidades e nas sociedades: o “inchaço”, os aspectos de anonimato, os fatores de homogeneidade e heterogeneidade da população afetaram o caráter das comunidades. Para o autor, a qualidade de vida das pessoas é resultado da existência de associações entre ambiente, fatores psicológicos e organização social. Relata ainda que as necessidades cotidianas entre vizinhos são facilitadoras da interação social.

Quase duas décadas depois, Mann (1954) alega de maneira direta os aspectos que condicionam uma “boa vizinhança” e afirma que esse conceito se associa à unidade de planejamento do bairro, que pode promover uma maior sociabilidade entre os moradores. Inicia-se um processo de verificação de forma empírica, não apenas restrita às questões descritivas e conceituais. A análise da qualidade ambiental e as relações psicológicas dos moradores são feitas por meio de

observações, além de um questionário sucinto, com questões sobre a influência no relacionamento entre pessoas em uma área residencial.

Ambos os estudos estão relacionados às áreas da Sociologia e Psicologia e às suas correlações com o ambiente urbano, considerando principalmente os aspectos socioeconômicos e comportamentais.

São 3 (três) os principais trabalhos da década de 1970: Granovetter (1973), Sarason (1974) e Hunter (1975) e, assim como Wirth (1938) e Mann (1954), estão inseridos na Psicologia e na Sociologia. Verificam questões como a força dos laços sociais, a discussão do declínio das comunidades e a expansão urbana desordenada.

Granovetter (1973) considera o tema organização social vinculada à construção das comunidades e procura estabelecer um padrão para verificar os níveis de interação nas conexões interpessoais, por meio de uma multiplicidade de indicativos: intensidade emocional, intimidade e reciprocidade.

Sarason (1974) indica em seu trabalho, pela primeira vez, o senso psicológico de comunidade enquanto conceito:

"O conceito 'senso psicológico de comunidade' não é conhecido em psicologia...não parece preciso, ele obviamente reflete um juízo de valor e não parece compatível com a ciência pura. Para muitos psicólogos esta é uma frase associada a um tipo de companheirismo, um sentimento lamentoso e ilusório que as pessoas do bem procuram experimentar" (SARASON, 1974, p.156-157, tradução nossa).¹

No entanto, associa esse senso de comunidade aos sentidos de pertencimento, de companheirismo, de coletividade e de identidade em uma experiência com grupos de pessoas em uma comunidade e verifica que tal fenômeno pode ser empiricamente testado ou analisado (SARASON, 1974).

Hunter (1975) aborda os mesmos parâmetros que Sarason (1974), porém, para avaliar as questões, estabelece três padrões de variáveis a serem observadas: a) a unidade funcional (espacial), b) o padrão social (aspectos sociais e demográficos) e c) a unidade de identidade coletiva. Constata-se assim uma

¹ *Sense of community is not familiar in psychology...It does not sound precise, it obviously reflects a value judgment and does not sound compatible with "hard" science. It is a phrase which is associated in the minds of many psychologists with a kind of maudlin togetherness, a tear-soaked emotional drappiness that misguided dogooders seek to experience.*

sistematização inicial do senso de comunidade, enquanto avaliação qualitativa e quantitativa.

Porém, esses primeiros trabalhos observam de forma nostálgica as mudanças na cidade e na sociedade, num período de grandes transformações. Nota-se uma necessidade de verificação das novas atitudes e valores, além do desejo em compor uma forma urbana que facilite o convívio entre as pessoas. Nesse sentido, Sarason (1974) e Hunter (1975) especificam que o declínio das comunidades ocorre principalmente pela falta de padrões formais espaciais, que induzem intuitivamente a comportamentos de interação social.

A partir dessas premissas, percebe-se que na década posterior, de 1980, os trabalhos tornam-se mais analíticos na avaliação do senso de comunidade. Observa-se a inclusão de pesquisadores da área de Planejamento e Design Urbano: Appleyard (1981), Glynn (1981), Rigers; Lavrakas (1981), Fried (1984), Chavis; Hogge e McMillan (1986), Levine (1986) e Buckner (1988).

Os estudos definem recortes espaciais específicos, de ruas e de bairros. A pesquisa de Levine (1986) é a única que não faz verificação por um instrumento. O trabalho de Appleyard (1981), inserido por ser referenciado por vários autores, estabelece parâmetros de territorialidade, identificado pelos próprios moradores observados em estudos de casos. As outras pesquisas direcionam-se a setores mais específicos nas cidades: bairros (Riger; Lavrakas, 1981; Fried, 1984), quadras (Glynn, 1986; Chavis; et. al, 1986) e ruas (Appleyard, 1981; Buckner, 1988).

A pesquisa de Chavis et. al (1986) complementa a definição de Sarason (1974) sobre o senso de comunidade:

“O senso de comunidade é um sentimento entre seus membros e a condição de serem importantes uns aos outros, uma fé compartilhada no compromisso de estarem juntos visando o preenchimento de suas necessidades” (CHAVIS; et. al, 1986, p. 25, tradução nossa)².

Dois outros conceitos considerados sinônimos ao senso de comunidade são correlacionados: qualidade de vida (Levine, 1986) e coesão da comunidade (Buckner, 1988).

² *Sense of community is a feeling that members have of belonging and being important to each other, and a shared faith that members' needs will be met by their commitment to be together.*

A principal discussão dos autores da década de 80 é como tornar as áreas urbanas residenciais mais “habitáveis”. De acordo com Appleyard (1981) e Fried (1984), o espaço urbano - rua - sempre foi palco de diferentes tipos de manifestações: culturais, históricas, de atividades, tendo várias funções.

Essa tendência das áreas urbanas já havia sido relatada por Jacobs (1961), considerando que a diversidade, as mudanças de ritmos e o uso dos espaços condicionam a forma de vida nas ruas. Para Fried (1984), locais existentes para contatos sociais favorecem o senso de comunidade, que é um dos componentes críticos de satisfação individual, da família e conseqüentemente do bairro, e afirma ser determinante em todas as classes sociais.

Com essa observação, identifica-se nos estudos um direcionamento para entender as relações entre as pessoas em uma determinada área residencial, portanto, questões espaciais, comportamentais e socioeconômicas continuam sendo objeto de análise em todas as pesquisas. O senso de comunidade começa a ser associado ao senso de pertencimento, de segurança, de lugar, de apego e de territorialidade.

No início da década de 1990, os estudos sobre o senso de comunidade aparecem em 2 (duas) abordagens: na primeira, McMillan (1996); Chavis; Pretty, (1999), Lochner, et. al (1999) e Talen (1999) - revisam estudos anteriores, discutem conceitos e acrescentam novos parâmetros. Apenas Lochner; et. al (1999) faz uma revisão de instrumentos existentes e os relaciona às discussões de “capital social”³.

Na segunda abordagem, Chavis; Wandersman (1990); Nasar; Julian (1995); Skajaeveland; et.al, (1996); Bolsemann et. al, (1999) - propõem novas formas de avaliação, com base em autores da década anterior: Appleyard (1981), Glynn (1981) e Chavis, et. al (1986).

As publicações se dividem entre as áreas do Planejamento - Nasar; Julian (1995); Bolsemann et. al. (1999) e Talen (1999) e da Psicologia - Chavis; Wandersman (1990), Mcmillan (1996); Skajaeveland; et.al. (1996); Chavis; Pretty (1999); Lochner, et. al. (1999).

³ O Capital social consiste em recursos de uma organização social, sendo que considera altos níveis de relação interpessoal, reciprocidade e confiança em uma comunidade (LOCHNER, et. al 1999).

Um dos principais resultados desse período são os instrumentos reavaliados e as análises em bairros consolidados, com o objetivo de verificar as características físicas e comportamentais, referentes ao senso de comunidade.

Observa-se que a maioria das publicações - 22 pesquisas – é realizada a partir do ano 2000. Similar à década anterior, também em 2 (duas) abordagens, alguns trabalhos revisam e discutem estudos sobre o senso de comunidade, como: Kaplan (2001), Obst; et. al (2001), Nasar (2003), Kearney (2005), Appleyard; Cox (2006), Peterson; et. al (2006), Maya-Jariego; Armitage (2007), Sugiyama; et. al (2007), Yang (2008), Lawhon (2009) e Nowell; Boyd (2011). Outros propõem instrumentos, como: Lund (2002), Cantillon; et. al (2003), Long; Perkins (2003), Farrel; et. al (2004), Kim; Kaplan (2004), Rogers; Sukolratanametee (2009), Mason (2010), Cuthcin; et. al (2011), Wood; et. al (2010) e Wilkerson; et. al (2012).

Quatro pesquisas são da área da Psicologia - Peterson; et. al, (2006); Maya-Jariego; Armitage (2007); Sugiyama; et. al. (2007); Nowell; Boyd, (2011). Os demais trabalhos vinculam-se ao Planejamento e Design Urbano, embora algumas pesquisas estejam relacionadas diretamente à saúde física e/ou coletiva.

A principal discussão desse período é o chamado Novo Urbanismo, pois, de acordo com Talem (1999) e Yang (2008), a maneira de organização do espaços sugerem que o ambiente construído pode criar um 'sentido de comunidade' a partir do estabelecimento de redes de comunicação e do desenvolvimento do capital social, associados à forma espacial, com orientações de diferentes atividades (usos do solo), caminhabilidade, densidade de pessoas (habitação) e relações ambientais podem proporcionar áreas residenciais com uma maior qualidade de vida.

Essas pesquisas comparam a configuração espacial de bairros existentes com aqueles projetados com os preceitos do “Novo Urbanismo”. Relacionam a existência de maior ou menor grau de senso de comunidade e as avaliam com as características do design dos bairros.

Os resultados dos estudos apontam que não apenas a conformação espacial é relevante na definição de um senso de comunidade. Outros aspectos como os: socioeconômicos, comportamentais, políticos, culturais e sociais estão correlacionados e, apontam a necessidade de verificação em diferentes contextos.

Em síntese, é possível notar que os primeiros estudos relatam o senso de comunidade como elemento a ser observado nas áreas residenciais. Em um segundo período, os estudos, principalmente da área da Psicologia, verificam os aspectos que relacionam o senso de comunidade ao bem-estar pessoal, com proposição de alguns instrumentos de avaliação. Já no terceiro período, nota-se uma revisão de métodos e aplicação por parte de algumas pesquisas. No quarto período retoma-se a discussão do senso de comunidade, desenvolvido majoritariamente por pesquisadores da área de Planejamento e Design Urbano. No quinto período essas relações espaciais emergem com as prescrições do “Novo Urbanismo”, associado ainda às discussões na área da saúde física.

2.1 IDENTIFICAÇÃO DE PARÂMETROS DE AVALIAÇÃO

A partir da análise cronológica dos estudos, foi possível estabelecer um terceiro recorte dos trabalhos que propõem instrumentos para o diagnóstico do senso de comunidade em áreas residenciais. Foram identificadas 21 pesquisas internacionais com uma abordagem essencialmente analítica.

Fez-se uma síntese no quadro 2, organizando as seguintes informações: ano, autor, título, palavras-chave, objetivos geral e específicos, área de conhecimento, métodos, recorte espacial e amostragem, caracterização da área, aspectos socioeconômicos, psicológicos e físicos, autores, variáveis dependentes e independentes, abordagem, dificuldades, observações e principais resultados.

Quadro 2: Síntese dos principais fatores das pesquisas analíticas

ANO	AUTOR	TÍTULO	PALAVRAS-CHAVE	OBJETIVO GERAL	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	ÁREA CONHEC.	MÉTODO DE ANÁLISE	RECORTE ESP. AMOSTRAGEM	CARACTER. DA ÁREA	ASPECTOS SD	ATRIBUTOS PSI	ATRIBUTOS FIS	OUTRAS REF.	VARIÁVEIS DEP.	VARIÁVEIS IND.	ABORDAGEM	DFI	OBS.	PRINCIPAIS RESULTADOS
1975	HUNTER	The loss of community: an empirical test through replication	X	Compreender que algumas áreas não estão em declínio, mas em processo de trocas de valores e ideologias.	-Notar questões da urbanização e sociedade moderna industrial -Notar o que atrai os residentes no processo de mudança de valores - Verificar os indicadores de segregação em 3 dimensões	Sociologia	Entrevistas informais e observações realizadas em dois períodos: 1949 e 1974 e analisados estatisticamente.	1949 (N=437) e 1974 (N=154), com entrevistas informais e observações espaciais e comportamentais.	Comunidades ideológicas	- Padrão social -Etnia - Crianças -Idade -Tempo de residência -Proprietários -Escolaridade	- Identidade coletiva - Senso de organização - Vizinhança informal	- Funcionalidade espacial - Usos locais -Forma das casas	Foley (1952), Wirth (1957)	Aspectos socioeconômicos e demográficos	Vizinhança informal, facilidades de uso	Análise relacionada a aspectos de evolução social em tempo e espaço	Percepção simbólica do declínio da comunidade que não pode ser efetivamente comprovada pelas diferenças temporais.	Diferentes tipos de residências, diferentes tipos de residentes sugerem diferentes resultados e variável declínio ou crescimento dos valores de comunidade. (p.548, 549)	Existência da comunidade é baseada em valores transcendentes. Importância da estrutura social e do desenho que pode relacionar utopia ou ideologia
1981	APPLEYARD	Livable streets	X	Verificar a influência do tráfego na relação e interação social entre as pessoas	- Entender o que é viver em ruas de diferentes tráfegos; - Procurar maneiras de tornar as ruas mais seguras e habitáveis em áreas residenciais; - Compreender as diversas funções das ruas	Desenho urbano e psicologia	Questionários com mapas para demarcar área de territorialidade e interações sociais -Observações "in loco"	- 3 ruas de São Francisco de alto, médio e baixo porte de tráfego; - Total de 36 entrevistas em 3 quadras (12 por quadra aleatoriamente selecionados)	Existência de atividades nas áreas e quanto menor o tráfego maior o uso	- Idade dos entrevistados - Classe social - Estado civil; - Famílias com crianças; - Tempo de residência.	- Relações de segurança nas áreas; - Interação social com vizinhos; - Senso de posse e territorialidade	- Diferentes atividades e usos; - Desenho do bairro - Vegetação - Fachadas; - Vistas; - Áreas para desenvolver atividades - Poluição, degradação das áreas e níveis de ruído	Fried (1961) e Jacobs (1961)	- Volume de tráfego - Presença de pessoas e atividades	Características particulares dos residentes	Análise na dimensão espacial, psicológica e comportamental.	Desenho influenciando problemas particulares em cada área.	"As pessoas sempre viveram em ruas". (p. 354). Locais de cenas históricas e desenvolvimento de atividades – crianças brincando, guerras, pessoas se conhecendo etc.	Necessidade de proteção das áreas residenciais e estabelecer diversidade de usos para promover atividades que são fortemente influenciadas pelos tipos de tráfego.
1981	RIGER; LAVRAKAS	Community Ties: Patterns of Attachment and Social Interaction in Urban Neighborhoods	X	Identificar os fatores que afetam os residentes em âmbitos psicológico e físico	-Relacionar outros fatores e contextos na discussão de padrões de interação social -Compreender apego enquanto elemento uni ou multidimensional; -Apontar quais atitudes refletem envolvimento da comunidade.	Planejamento do espaço urbano e comportamental	-Questionário em duas partes com questões comportamentais e sociodemográficas, distribuídos porta a porta.	-1620 entrevistados em três comunidades dos EUA. População dividida em 4 partes características	Vínculo social em enraizamento físico (apego) com o local	-Idade -Sexo -Renda -Número de crianças -Escolaridade	-Laços sociais -Laços econômicos -Laços comportamentais -Senso de pertencimento -Sentido de lugar -Tempo e expectativa de residência -Integração física e social	-Identidade -Limites da comunidade -Fachada -Áreas de encontro e atividades -Ruas	Sarason (1974), Hunter (1975) e Fisher (1977).	-Atitudes típicas de cada grupo, apego ao bairro	-Características sociodemográficas	Análise espacial e comportamental	Circunstâncias de vida das pessoas, particularmente.	"Os principais discriminadores entre os níveis de vínculo social são os de olhos para a rua" p.63. Aqueles com os maiores laços sociais são mais susceptíveis de serem vigilantes e falar. p. 63.	- O desenvolvimento de laços coesivos pode ser produto da vida individual, e características dos membros da comunidade e do meio ambiente. - Este estudo sugere uma tipologia de fixação que pode ser útil em outros contextos.
1981	GLYNN	Psychological sense of community: Measurement and application	X	Mensurar a relação entre residentes com o Senso de Comunidade,	-Identificar tipos e características comuns que representam o PSC -Desenvolver método racionável -Verificar erosão da comunidade -Verificar meios de promover o PSC	Psicologia comportamental	-Questionário com 178 itens em 3 partes (sociodemográficos, atitudes e ambiente local) -Dentre esses 60 itens discursivos: o que é sua comunidade -Questões filosóficas, sociológicas, antropológicas e funcionais.	3 diferentes comunidades em Israel - 150 respondentes selecionados somando as 3 comunidades	Quem é parte da comunidade: família, amigos, igreja, vizinhos... Compreender atitudes da comunidade ideal, satisfação e competências.	-Idade -Sexo -Ocupação -Escolaridade -Gênero	-Tempo de residência -Percepção de limites -Senso de pertencimento	- Usos do solo -Centros comerciais -Limites espaciais	Hunter (1975), McMillan; Chavis (1986), Sarason (1974)	Relacionamento e interações	Territorial/geográfico	Análise psicológica observada na dimensão espacial	Há necessidade de verificar quais outros fatores contribuirão no futuro para um PSC "ideal"	Importância das relações históricas das comunidades.	Existe forte conexão comprovada entre o SC atual nos bairros, mas pode variar. Há uma correlação entre as hipóteses com 55 diferentes combinações entre componentes

Síntese dos principais fatores das pesquisas analíticas - continuação

ANO	AUTOR	TÍTULO	PALAVRAS-CHAVE	OBJETIVO GERAL	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	ÁREA CONHEC.	MÉTODO DE ANÁLISE	RECORTE ESP. AMOSTRAGEM	CARACTER DA ÁREA	ASPECTOS SD	ATRIBUTOS PSI	ATRIBUTOS FIS	OUTRAS REF	VARIÁVEIS DEP	VARIÁVEIS IND	ABORDAGEM	DFI	OBS.	PRINCIPAIS RESULTADOS
1984	FRIED	The Structure and Significance of Community Satisfaction	X	Investigar o significado de 'comunidade' nas metrópoles americanas em diferentes classes sociais	- Verificação do estado socioeconômico da população nesses contextos - Delinear a estrutura de satisfação da comunidade	Psicologia e saúde mental	Entrevista face-a-face, análises estatísticas e em níveis de escala. 25 medidas para verificação divididas com questões	Amostragem em áreas heterogêneas da década de 1970, mas com tamanho aproximado em 42 áreas urbanas e suburbanas dos EUA, totalizando 2622 respondentes.	Interação e experiência comunitária	- Sexo - Idade - Proprietário - Escolaridade	Envolvimento político na comunidade - Experiências na comunidade - Satisfação com a comunidade e residência local - Integração com a vizinhança	- Qualidade das residências - Acesso a amenidades - Qualidade urbana - Acesso a equipamentos - Acesso à natureza - Identidade	Riger; Lavrakas (1981); Hunter (1974)	Personalidade e satisfação pessoal	Diferentes categorias sociodemográficas	Análise na dimensão espacial e psicológica	As variáveis podem ser ainda maiores e diferentes em cada contexto; - Dificuldades de verbalização e consenso.	Consideram-se importantes as análises futuras em diferentes contextos, diferentes controles sociodemográficos implicam em diferentes contribuições	Ponto inicial, mas importante para definição da comunidade, a satisfação, consegue-se notar a importância dos aspectos identificados.
1986	CHAVIS; et. al	Sense of community Through Brunswik's Lens: A First Look	X	Desenvolver o índice de senso de comunidade (SCI)	- Verificar a possibilidade de adaptação do método de Brunswik (Método Lens) aplicando-o com base na teoria de Sarason (1974); - Confirmar as 4 dimensões necessárias para a medição do SC (<i>membro</i> -Revisar de Chavis et. al	Psicologia comportamental	- Entrevistas com residentes sobre 105 itens de um projeto de participação na vizinhança - 31 preditores como questionário em pontos de escala	- 1213 adultos com mais de 18 anos em 39 quadras de um bairro em Nashville, durante o verão de 1979.	Pré-existência notada da participação da comunidade em atividades na vizinhança e influência entre membros	- Idade; - Estado civil; - Sexo; - Interação política	- Senso de pertencimento - Relação de trocas de necessidades e valores; - Comprometimento pessoal; - Segurança emocional; - Afetividade.	- Relação da quadra e do lote; - Limites espaciais e visuais - Áreas de atividades e centro comunitário	- Sarason (1974), Glynn (1981), Doolittle; McDonald (1978); Riger; Lavrakas (1981); Hunter (1972); Fisher (1977)	Homogeneidade de das características sociodemográficas dos entrevistados	Percepção dos julgadores selecionados para a avaliação dos dados das entrevistas	Análise psicológica de características emocionais de relacionamento	Não é familiar somente a psicologia, portanto, torna-se difícil mensurar, mas também não se amarra apenas a questões físicas.	Senso de comunidade enquanto definição na p. 25	Identifica-se a importância das 4 dimensões de análise (<i>membro</i> , influência, necessidades e interação emocional).
1988	BUCKNER	The Development of an Instrument to Measure Neighborhood Cohesion	X	Compor um instrumento para medir a coesão da comunidade	- Constatar as variáveis que envolvem o senso psicológico de comunidade - Verificar as questões de atração para a vizinhança e as interações sociais - Perceber os limites geográficos que possibilitam avaliar a coesão da vizinhança	Psicologia comportamental	- Aplicação de teste delineado com 40 itens de análise dividido em 3 partes (atração, vizinhança e PSC) - Itens eliminados a partir de teste-reteste, finalizando o instrumento com 18 questões-NCI. - Questões em 5 pontos de escala	- 3 bairros de classe média no subúrbio de Washington - 206 entrevistas divididas aleatoriamente nas 3 quadras	Contexto funcional da comunidade, mas o aspecto geográfico (limites) também gera influência	- Homogeneidade ou heterogeneidade da população - Densidade - Tempo de residência no bairro - Nível de educação	- Relações de apego e sentimento com o bairro - Senso de pertencimento - Relações de amizade (nós-eles) - Relação de identidade com o bairro - Atos de comprometimento	- Elementos de identidade - Limites físicos - Desenho urbano e ambiental - Permeabilidade visual - Tamanho das áreas	Glynn (1981), Mann (1954), McMillan (1986), Hunter (1975), Fisher (1986)	Aspectos da coletividade (constatações dos grupos)	Aspectos individuais (sociodemográficos)	Análise dos aspectos individuais e coletivos numa delimitação espacial	Os diferentes tipos de vizinhança dificultam um instrumento específico.	- É possível observar a pré-existência de um SC, quando os residentes reportam um sentimento de ligação por meio de grupos com objetivos comuns e nota-se claramente quem faz parte. - PSC é fenômeno experimental (p. 774)	Diferentes resultados encontrados nos três bairros, mas significantes na medição do nível de coesão da comunidade. Mais um instrumento positivo para agregar aos existentes.
1990	CHAVIS; WANDERSMAN	Sense of Community in the Urban Environment: A Catalyst for Participation and Community Development	X	Compreender como o SC pode ter efeito catalisador sobre as ações locais e as relações sociais	Compreender o senso de comunidade para o desenvolvimento, construção e organização da comunidade; - Promover qualidade física que possibilite a existência do SC.	Educação e desenvolvimento humano	Entrevistas com questionários que duraram de 45 a 75 min.	- 423 entrevistados em 39 quadras de um bairro de classe média em Nashville (que receberam \$3,50 pela participação) - Apenas 349 pessoas participaram.	- Ações e atividades motivadoras - Ajuda mútua e relação social - Características de gerenciamento da comunidade	- Raça dos entrevistados; - Idade - População heterogênea	- Senso de grupo - Percepção espacial e territorialidade; - Interações sociais - Número de conhecidos - Senso de pertencimento	- Qualidade ambiental - Deterioração do espaço	Hunter (1974); Lavrakas (1980); Chavis; McMillan (1986)	Ação local (membro, não membro, líder, trabalho na comunidade etc)	Controle local da comunidade (gerenciamento)	Análise psicológica observada na dimensão espacial	Diferentes tipos e padrões de comunidade – diferentes contextos	“Vários tipos de comunidades foram identificados pelas ciências sociais: lugar, relacionamentos, poder político” (p. 56)	SC desempenha um papel catalisador para estimular a satisfação com o ambiente residencial, incentivando relações vizinhas, e aumentando de influência da comunidade.

ANO	AUTOR	TÍTULO	PALAVRAS-CHAVE	OBJETIVO GERAL	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	ÁREA CONHEC.	MÉTODO DE ANÁLISE	RECORTE ESP. AMOSTRAGEM	CARACTER DA ÁREA	ASPECTOS SD	ATRIBUTOS PSI	ATRIBUTOS FIS	OUTRAS REF.	VARIÁVEIS DEP	VARIÁVEIS IND	ABORDAGEM	DFI	OBS.	PRINCIPAIS RESULTADOS
2003	CANTILLON; et. al	Measuring community social organization : Sense of community as a mediator in social disorganization theory	X	Verificar medida para extrair variáveis positivas e negativas do SOC	- Verificar experiência e fator psicológico nas reações entre as pessoas - Avaliar propostas de diversos medidores do SOC	Psicologia Comportamental	- Revisão bibliográfica - 93 Questões em níveis de escala divididas em 3 partes - Análises estatísticas e percentuais	- 309 famílias de estudantes de 3 high-schools em áreas diferentes de uma cidade de médio porte	Organização e coerência da comunidade, presença de atividades.	- Questões sociais;	- Importância dos laços sociais; - Questões de segurança emocional, e afetividade; - Influência, troca de valores e necessidades; - Interação social.	- Segurança física - Organização espacial da comunidade	Chavis; et. al (1986), Hill (1996), entre outros propositivos	Organização da comunidade	- Aspectos pessoais e socioeconômicos da população	Aspectos organizacionais de uma comunidade na dimensão psicológica	Limitações na aplicação da pesquisa	Quanto mais homogênea e coesa a comunidade melhor para o senso. Base nas questões das quatro dimensões de Chavis e McMillan (1986)	A escala SOC relaciona que as 4 dimensões influenciam na construção da comunidade, mas não foram tão relevantes na definição das relações de segurança
2003	LONG, PERKINS	Confirmatory factor analysis of the sense of community index and development of a brief SCI	X	Estabelecer o BSCI, com base na proposta de melhoria dos trabalhos de Chavis e McMillan E Perkins em 1986.	- Revisar o SCI de 1986 - Estabelecer formas de avaliar as dimensões existentes (SCI) - Propor melhorias nas relações de prevenção de crime e segurança.	Relacionamento entre fatores psicológicos e espaciais	- Revisão bibliográfica - Questionário aplicado por telefone em dois períodos (original - 1986 e atual)	- 5 vizinhanças em Nova Iorque - N1= 1081 - N2=638	Comunitarismo, confiança e poder de coletividade	- Renda - Educação - Raça - Sexo - Idade - Famílias com crianças - Proprietários	- Aspectos temporais - Limites psicológicos - Organização e desenvolvimento da comunidade - Senso de segurança	- Limites físicos e espaciais - Características das áreas construídas - Características das quadras	- Sarason (1974), Chavis; McMillan (1986), Buckner (1986)	- Aspectos físicos	Atratividade ao bairro, vizinhança e senso psicológico de comunidade.	Replicação de método de análise comportamental para avaliação espacial.	Muitas variações são difíceis de interpretar pelo nível de confiança.	"Se de fato SOC tem múltiplas dimensões, deve ser empiricamente e verificável... diferentes comunidades devem variar previsivelmente" p.282	A ferramenta é funcional. Outros pesquisadores devem utilizá-la adaptando o BSCI Utilizar níveis de escala em 5 pontos melhora a confiabilidade.
2004	FARREL, et. al	Neighborhoods and neighbors: do they contribute to personal well-being?	X	Caracterizar a influência da vizinhança e bem estar pessoal no senso de comunidade	- Definir senso de comunidade - Definir vizinho e relação de vizinhança - Entender implicações no planejamento dos bairros	Ciências humanas e sociais	Pesquisa por correio com questionário geral sobre saúde (12 itens) e senso de comunidade (14 itens) em níveis de escala: concorda/discorda	- 345 respondentes (590 enviados por amostra randômica) em Winnipeg no Canadá apenas para proprietários de residências selecionadas	Áreas onde se observa que o contexto do ambiente tem efeito na relação de afetividade pessoal dos residentes	- Sexo - Idade - Escolaridade - Estado civil - Famílias com crianças	- Trocas e apoio social entre vizinhos - Percepção espacial - Influência - Trocas de valores - Aceitação - Disposição em ajudar - Tempo de residência	- Tipo de habitação - Tamanho da residência - Características físicas do bairro - Uso do solo - Estado das construções	Appleyard (1981), Glynn, Chavis (1981); McMillan (1986), Skjaeveland (1996), Riger; Lavrakas (1981), Sarason (1974)	Homogeneidade de entre residentes entrevistados e ambiente físico	Crenças e atitudes dos vizinhos no bairro	Análise na dimensão espacial e psicológica	O potencial de heterogeneidade ainda existe pela dimensão espacial analisada, de bairro.	Objetivos em comum são o principal meio de estabelecer o senso de comunidade. p. 22 É importante repetir o estudo em outros contextos posteriormente	Importância de facilitar o contato entre vizinhos para estimular convivência que pode ser limitada pela conformação física do bairro
2004	KIM, KAPLAN	Physical and Psychological Factors in Sense of Community: New Urbanist Kentlands and Nearby Orchard Village	- Sense of community; - New urbanism; - Place attachment; - Community identity; - Pedestrianism	Explorar questão do novo urbanismo relacionado ao senso de comunidade	- Comparar um bairro de desenvolvimento tradicional a um do novo urbanismo - Compreender os domínios e limites do senso de comunidade	Ambiente físico e relações comportamentais	- Revisão bibliográfica - Aplicação de um pré-teste com 30 entrevistados - Questionários aplicados com moradores em 5 pontos de escala	2 bairros próximos a Washington (um Novo Urbanismo com 535 participantes e um tradicional com 211 participantes)	4 domínios do senso de comunidade (parecidos com os de McMillan e Chavis - 1986)	- Densidade	- Interações sociais - Relações de comunidade - Orgulho da comunidade - Sentimento de posse - Territorialidade	- Áreas para pedestres - Layout do bairro - Carac. e qualidade das edificações - identidade local - Estacionam. - Garagens - Acesso a amenidades - Tamanho e arranjo das quadras	Appleyard (1981), Glynn (1981), Davidson; Cotter (1986), Buckner (1988), Nasar; Julian (1995), McMillan; Chavis (1986), Jacobs (1961)	Caracterização das áreas	Relação de identidade, interação social, acessórios (anexos) do bairro, pedestrianismo (4 dimensões)	Análise física de elementos pela relação comportamental	Diferentes densidades dificultaram a relação pelos percentuais estatísticos	A importância da caracterização das áreas é relevante para que possam ser estabelecidos	Observa-se a existência do senso de comunidade em ambos os bairros, mas com maior ênfase no bairro com características do novo urbanismo.
2009	ROGERS; SUKOLRATANA-METEE	Neighborhood design and sense of community: Comparing suburban neighborhoods in Houston Texas	- Landscape - Street pattern - Ecology - Neighborhood - Place	Verificar o impacto do design do bairro no senso de comunidade	- Comparar dois tipos diferentes de conformação de bairro - Observar elementos atrativos tanto das pessoas quanto do ambiente para facilitar o SC	Paisagem e planejamento urbano	- Revisão de literatura - Entrevistas através de questionários com aproximadamente 100 unidades unifamiliares	4 bairros do subúrbio de Huston, Texas (2 tradicionais e dois de design ecológico)	Homogeneidade social Atividades existentes	- Idade - Estado civil - Famílias com crianças	- Tempo de residência - Senso de pertencimento - Aceitação por demais membros	- Arranjo das edificações - Espaços públicos - Uso misto - Características ruas - Limites e centralidades	McMillan (1986), Hunter (1975), Lund (2002), Skjaeveland (1996)	Design do bairro	Características sócio demográficas e atividades percebidas	Análise espacial e comportamental	Problemas ao prever os processos sociais condicionados apenas ao tipo de desenho	As características sociodemográficas têm valor único e vital no senso de comunidade e no bairro (p. 331)	SC é mais influenciado pelo contexto do que desenho do bairro, mas quando o espaço externo é convidativo para atividades aumentam.

Síntese dos principais fatores das pesquisas analíticas - continuação

Síntese dos principais fatores das pesquisas analíticas - continuação

ANO	AUTOR	TÍTULO	PALAVRAS-CHAVE	OBJETIVO GERAL	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	ÁREA CONHEC.	MÉTODO DE ANÁLISE	RECORTE ESP. AMOSTRAGEM	CARACTER. DA ÁREA	ASPECTOS SD	ATRIBUTOS PSI	ATRIBUTOS FIS	OUTRAS REF.	VARIÁVEIS DEP.	VARIÁVEIS IND.	ABORDAGEM	DFI	OBS.	PRINCIPAIS RESULTADOS
1995	NASAR; JULIAN	The psychological sense of community in the neighborhood	-Comunidades -Identidade de grupo -Aspectos psicológicos	Desenvolver um teste para análise do senso de comunidade em bairros residenciais como versão mais curta a de Glynn (1981)	- Entender o conceito de comunidade - Relacionar como planejadores podem identificar os efeitos de seus planos e políticas sobre as práticas e percepções de moradores	Planejamento e políticas públicas	Questionários aplicados porta a porta em casas e apartamentos, com 11 itens de análise reduzidos do processo de que tem por base Glynn (1981) (medida curta) divididos em 6 dimensões.	Subúrbios de Columbus, Ohio. Amostragem multiestágios para 78 casas, em cada comunidade, foram selecionados aleatoriamente casas em 16 ruas cul-de-sac e 10 em ruas convencionais.	Variedades de contexto e uso do solo misto	-Estado civil -Proprietários -Sexo -Renda -Classe -Áreas com crianças	-Diferentes fatores socioeconômicos -Influência -Interação social -Contato casual -Assistência mútua	-Áreas com pátio interno (edifícios) - Uso do solo - Calçadas e vias -Características das construções	Glynn (1981), McMillan; Chavis (1986), Sarason (1974), Buckner (1988), Jacobs (1961)	Diversidade de uso e atividades desenvolvidas	Características populacionais	Verificações espaciais com o uso de interação social e construção da comunidade	Verificação e adaptação de ferramenta para análise comportamental.	Verificam-se poucas razões para esperar que a medida não possa funcionar, mas recomendam-se mais testes para ver quanto bem ela funciona em outros contextos.	As versões curtas das de Glynn apontam rendimento em escala, enquanto medidas confiáveis e válidas do sentido psicológico de comunidade no bairro e ao nível de edifício de apartamentos.
1996	SKAJAEVELA ND; et. al	A Multidimensional Measure of Neighboring	-Medida multidimensional; -Análise fatorial; -Bairros; -Vizinho	Medir as dimensões da vida social dentro de um bairro através de um curto questionário	-Avaliar dimensões possíveis de análise -Estabelecer nível de confiabilidade para ferramenta -Relacionar a ferramenta ao NCI de Buckner (1986)	Psicologia comportamental e planejamento	-Revisão bibliográfica -Aplicação de pré-teste - Questionário aplicado porta a porta - Sistema de verificação teste-reteste com 14 itens que constituem a ferramenta MMN (Multidimensional Measure Neighboring) incluídos a questionário maior com 111 itens.	-1060 entrevistados residentes em quadras de 85 ruas selecionadas na cidade de Bergen, na Noruega – divididos em 5 amostras.	Laços sociais e atividades sociais evidentes	-Idade -Sexo -Proprietários - Casas com crianças -Classe econômica	-Incômodo com vizinhos -Laços sociais fracos -Senso de pertencimento -Influência -Apego ao lugar -Aborrecimento -Tempo de residência	- Ruas (proximidades) -Propriedades físicas do bairro -Proximidade entre vizinhos	Glynn (1986), McMillan; Chavis (1986), Mann (1954), Buckner (1988), Riger; Lavrakas (1981)	Características sócio demográficas Fracos laços sociais e sentido de comunidade	Atividades ostensivas sociais, sentimento de ajuda mútua, apego ao lugar	Formas de verificação no espaço físico relacionado às características comportamentais	-Relação estatística objetiva entre as variáveis. Muitas dimensões a serem notadas. -Alguns conceitos são muito amplos	A localidade física pode ser a unidade mais fundamental na experimentação - SC ainda é uma experiência um pouco subjetiva mesmo com a medição, devendo ser replicada em outros contextos.	A ferramenta proposta pode ser utilizada para discernir diferenças qualitativas entre bairros por avaliação simultânea de várias dimensões de vizinhança.
1999	BOLSSEMAN N; et. al	Livable streets revisited	X	Comparar as características de habitabilidade de em boulevards – e ruas convencionais	-Verificar as questões de territorialidade em áreas de boulevards; - Perceber as questões de convivência -Compreender influência do tráfego nas interações sociais e uso das áreas; - Propor boulevards mais vivenciáveis.	Planejamento regional e paisagem urbana	- Análises gráficas por mapeamentos feitos pelos moradores através de entrevistas porta a porta.	3 boulevards em São Francisco com diferentes tipos de tráfego; - Total de 99 entrevistas nas 3 áreas aleatoriamente selecionadas	Existência de atividades nas áreas em questão	- Tempo de residência nas áreas; - vizinhos conhecidos; -Idade -Famílias com crianças; - Densidade das áreas; Proprietário -Condições sociais;	-Sentido de lar - Sentido de segurança pelos moradores; - Cuidados com a área pública e senso de pertencimento.	-Tráfego (baixo, médio, alto); - Cuidados com o ambiente físico (limpeza, visual, paisagem, vegetação, construções, fachadas e ruídos) - Desenho do bairro - Áreas para desenvolver atividades; -Uso misto	- Appleyard (1981) Fisher (1986)	- Tipo e volume de tráfego; -Presença de pessoas e atividades.	- Efeitos de densidade populacional; -Valores específicos de cada área muda o contexto e as percepções.	Análise na dimensão espacial e psicológica	Influência dos diferentes contextos no que as pessoas entendem por rua e qualidade	O desenho de um bairro tem relevância na construção de valores e uso de uma área, além dos boulevards podem ser verificadas as influências de outros tipos de espaço.	As percepções dos moradores podem ser definidas pelo desenho de um bairro e a influência do tráfego ocasionado pelo uso de cada via (boulevards e ruas) pode gerar áreas com maior e menor interação social
2002	LUND	Pedestrian environments and Sense of Community	X	Entender como qualidades objetivas e subjetivas do ambiente para pedestres podem influenciar o senso de comunidade	Avaliar onde o senso de comunidade é maior, no bairro tradicional ou voltado para pedestre Compreender os fatores demográficos relacionados ao senso de comunidade e para o perfil do bairro	Planejamento e educação relacionados ao ambiente físico	Questionários entregues nas residências com 11 questões em pontos de escala divididas em 3 categorias: influência do ambiente físico, influência do ambiente pessoal e social e relações sociodemográficas, -	- 2 bairros em Portland um voltado ao pedestre – Novo urbanismo e outro ao automóvel – tradicional. Os mais antigos de cada perfil com 260 entrevistados em cada bairro.	- Atratividade para pedestres e atividades locais nos bairros	- Crianças na família -Proprietários ou locatários -Questões políticas -Interação social	- Sentimentos comuns -Tempo de residência	- Ambiente construído -Design do bairro - Ruas -Calçadas - Conectividade -Uso do solo misto -Tamanho do lote -Amenidades para pedestres	Granovetter (1973), McMillan; Chavis (1986), Buckner (1988); Skjaevela nd, et. al (1996)	-Homogeneidade pelo fator de renda	- Bairros voltados ao pedestre ou tradicional mais voltado a veículos	Análise física e social para amparar aspectos comportamentais	-Encontram-se atualmente mais bairros do novo urbanismo que bairros tradicionais, o que dificulta a análise ainda pelas diferenças temporais de existência de cada bairro -Tamanho da amostra muito grande para atestar resultados	A concepção de um bairro não pode forçar diretamente as pessoas a um comportamento, mas existe a possibilidade de criar ambientes interessantes para o pedestre, e mais propícios para a	Senso de Comunidade depende mais das características da comunidade do que do contexto, pois foi relacionado basicamente da mesma maneira nos dois bairros

																			interação social. p. 310
--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--------------------------

Síntese dos principais fatores das pesquisas analíticas - continuação

ANO	AUTOR	TÍTULO	PALAVRAS-CHAVE	OBJETIVO GERAL	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	ÁREA CONHEC.	MÉTODO DE ANÁLISE	RECORTE ESP. AMOSTRAGEM	CARACTER DA ÁREA	ASPECTOS SD	ATRIBUTOS PSI	ATRIBUTOS FIS	OUTRAS REF.	VARIÁVEIS DEP	VARIÁVEIS IND	ABORDAGEM	DFI	OBS.	PRINCIPAIS RESULTADOS
2010	MASON	Can community design build trust? A comparative study of design factors in Boise, Idaho neighborhoods	-Community design -confidence -Income -New urbanism -Social capital	Explorar duas relações: design da comunidade e confiança.	-Compreender benefício Novo Urbanismo na construção da confiança entre vizinhos; -Entender a relação com a construção do capital social.	Ciências sociais e políticas públicas	- Revisão de literatura relacionada ao tema - Questionários com 5 pontos de escala enviados por correio e telefone	34 bairros com amostra aleatória de 54 entrevistados por bairro em Boise, com o total de questionários devolvidos N= 721.	-Homogeneidade dos grupos e da comunidade, mesmos valores e objetivos (só é ruim quando gera segregação espacial). -Apego à comunidade	-Densidade populacional -Renda -Onde morava anteriormente e tipo de moradia -Raça -Idade -Sexo -Crianças na residência -Estado civil	-Interação social -Confiança -Qualidade de vida -Igualdade social -Tempo de residência -Nível de segurança	- Calçadas e ruas -Design do bairro -Áreas de amenidades -Espaços abertos entre as construções e espaço público	Nasar; Julian (1995), Riger; Lavrakas (1981) Jacobs (1961), Lund (2003)	Confiança e coesão social	Bairro e projeto das ruas	Análise de características físicas refletindo no comportamento e caracterização social	Diversidade de padrões estabelecidos	"Há evidências de que recursos de design realmente podem moderar os efeitos da desigualdade de renda sobre a confiança". p. 256 -Crítica às formas de expansão urbana, que geram estratificação populacional e declínio da vida social.	- Necessidade de pensar outras maneiras de verificar atração da comunidade para pedestres - Governos locais podem influenciar a qualidade de vida dos moradores em suas comunidades por meio do design bairro; SC resulta na produção do capital social e coesão da comunidade.
2010	WOOD; et.al	Sense of community and its relationship with walking and neighborhood design	-Built environment -Health -Walkability -Physical activity -Sense of community -Walking -Mental health -Built form	Verificar a associação entre senso de comunidade, caminhabilidade e design do bairro	-Relacionar modelos SoFC e modelo linear geral para medir SC.	Ciências sociais e saúde	Entrevistas por telefone -Observação nas áreas em questão	N=609 entrevistados	Verificação de presença de atividades e caminhabilidade, percepção da vizinhança e interações sociais	-Idade -Sexo -Etnia -Renda -Densidade	-Olhos para a rua -Percepção de segurança -Interações -Motivação -Preferências	-Áreas comerciais ativas -Tráfego calmo -Conectividade -Uso misto	Appleyard (1981) Glynn (1981), McMillan; Chavis (1986), Jacobs (1961)	Senso de comunidade	Características sócio demográficas e relações pessoais	Verificação de atividades através de características do espaço	-Combinar diferentes tipos de medidas e características em análise comum -Tamanho da área de análise -Conceituação do SC.	"O bairro "caminhabil" não pode aumentar automaticamente senso de comunidade... é necessário notar outros aspectos como uso local" p. 1389	Confirmação da necessidade de elementos que atraíam a caminhabilidade
2011	CUTCHIN; et. al	The socio-spatial neighborhood estimation method: An approach to operationalizing the neighborhood concept	- Neighborhood -Socio-spatial -Measurement -Qualitative -GIS	Estabelecer o SENM (método de estimativa sócio espacial)	- Estimar limites de vizinhança físicos e psicológicos -Verificar coesão social - Observar atividades de rotina	Sociologia, saúde da comunidade e antropologia	Instrumento com níveis de medida ambiental, social, demográfico e de saúde dividido em 6 partes com total de 35 questões	- 48 vizinhanças no Texas, num total de 537 quadras, com espaços comparativos em tamanho e forma. Após amostra randômica, selecionadas 230 unidades residenciais e 730 respondentes.	Níveis de atividade e interação social	- Idade - Sexo - Estado civil - Etnia - Escolaridade	- Percepção de segurança - Satisfação - Territorialidade - Apego ao lugar - Tempo de moradia	- Tamanho da vizinhança - Densidade - Dimensão ambiental - Características das áreas construídas - Padrões de rua - Uso do solo	Martinez, et. al (2002), Caughy, et.al (2001)	Componentes físicos e mentais de saúde relacionados como qualidade de vida	Aspectos socioeconômicos a nível individual	Relação composicional (pessoas) e contextual (ambiente)	Ainda há dificuldade de operacionalização do conceito de vizinhança.	"O instrumento produz nível individual de qualidade de vizinhança e relação social", p. 1117.	Uso potencial da ferramenta do SENM refletindo no contexto e limitação da vizinhança
2012	WILKERSON; et. al	Neighborhood Physical Features and Relationships With Neighbors: Does Positive Physical Environment Increase Neighborliness?	-Physical environment -Neighborhood -Psychological sense of community -Walkability	Utilizar instrumento de medição para investigar associações entre ambiente físico e boa vizinhança.	- Verificar a relação de elementos como: pichação, presença de lixo, grades nas janelas, tráfego de veículos e varandas nas relações de boa vizinhança; -Utilizar modelos de regressão linear	Paisagem e ambiente relacionados à saúde pública	Divisão da pesquisa em 3 partes: - Observação e entrevistas informais - Questionários aplicados diretamente com moradores - 2000 dados de impostos	Áreas heterogêneas (socioeconômicos) Entrevistas com 128 residentes de 8 bairros em Oregon, Portland	Interações sociais e presença de atividades em áreas com elementos espaciais específicos que possibilitam "olhos para rua" Relações de reciprocidade entre vizinhos e trocas	- Sexo -Renda -Idade -Valor de mercado do imóvel do entrevistado -Raça	-Tempo de residência - Interação social -Confiança e ajuda mútua -Percepção de segurança	-Grades nas janelas, - Tráfego lento - Varandas -Calçadas e vias conectadas	Wood (2010), Appleyard (1981) Mann (1954), McMillan; Chavis (1986), Jacobs (1961)	Diferentes áreas em aspecto socioeconômico Formas de interação social – "boa vizinhança"	Elementos ambiente físico: pichação, presença de lixo, grades nas janelas, tráfego de veículos e varandas nas relações de boa vizinhança;	Verificação comportamental pela influência de elementos espaciais	Dificuldade de adaptar a ferramenta e suas medidas as diferentes populações	O estudo sugere que o ambiente construído desempenha um papel único no reforço da boa vizinhança (p. 610)	A boa vizinhança é provida pela somatória de elementos espaciais que proporcionem interação nos espaços semiprivados, confirmados pela ferramenta de análise.

*ASPECTOS SD: aspectos socioeconômicos / ATRIBUTOS PSI: Atributos psicológicos / ATRIBUTOS FIS: Atributos físicos / VARIÁVEIS DEP: variáveis dependentes / VARIÁVEIS IND: variáveis independentes / CARACT. DO ESTUDO: caracterização do estudo/ DFI: dificuldades identificadas.

Fonte: Organizado pela autora, 2015.

O primeiro fator relevante observado nas pesquisas são as dimensões analíticas abordadas em 03 diferentes níveis: a) social; b) comportamental e psicológica; c) física/espacial (Quadro 3).

Quadro 3: Síntese das dimensões de análise

DIMENSÃO		SO	CO	F/E
ANO / AUTOR				
1975	HUNTER	X		X
1981	APPLEYARD	X	X	X
1981	RIGER; LAVRAKAS	X	X	
1981	GLYNN	X	X	X
1984	FRIED	X	X	
1986	CHAVIS; et. al		X	
1988	BUCKNER	X	X	X
1990	CHAVIS; WANDERSMAN	X	X	
1995	NASAR; JULIAN	X	X	X
1996	SKAJAEVELAND; et. al	X	X	
1999	BOLSSEMANN; et. al	X	X	X
2002	LUND	X	X	X
2003	CANTILLON; et. al		X	X
2003	LONG, PERKINS	X	X	
2004	FARREL, et. al	X	X	
2004	KIM, KAPLAN	X	X	
2009	ROGERS; SUKOLRATANAMETEE	X	X	X
2010	MASON	X	X	X
2010	WOOD; et.al	X	X	X
2011	CUTCHIN; et. al	X	X	
2012	WILKERSON; et. al	X	X	X

*SO: social - CO: comportamental - F/E: físico/espacial

Fonte: Organizado pela autora, 2015.

É possível notar que a maioria das pesquisas aborda mais de uma dimensão de análise. No entanto, essas dimensões podem ser compostas por diferentes variáveis. De acordo com Rogers; Sukolratanamettee (2009), a análise unidimensional se refere àquelas que consideram as variáveis separadamente. Por outro lado, o método multidimensional sobrepõe diferentes variáveis de diferentes categorias para avaliação do senso de comunidade. Por exemplo, correlacionam questões socioeconômicas - como idade dos moradores - com as comportamentais - o andar a pé no bairro. A análise revela que a maioria das pesquisas é de caráter multidimensional. Apenas Chavis; et. al (1986), apesar de citar quatro dimensões, não faz as associações.

Outro aspecto importante nessas pesquisas, além da dimensão analítica, é a seleção dos locais para avaliação. Observa-se uma predefinição considerando basicamente cinco características: A) A preexistência de atividades e

interações sociais, B) A verificação de um “declínio” da comunidade, C) A organização e influência da comunidade, D) As questões de afetividade com o local e senso de pertencimento, E) Novo urbanismo relacionado a aspectos socioeconômicos e comportamentais. Embora a maioria dos estudos considere apenas uma característica, outros contemplam de duas a quatro (Quadro 4).

Quadro 4: Relação das categorias de predefinição das áreas

CARACTERÍSTICA		A	B	C	D	E
ANO / AUTOR						
1975	HUNTER		X	X		
1981	APPLEYARD	X				
1981	RIGER; LAVRAKAS	X			X	
1981	GLYNN			X		
1984	FRIED	X				
1986	CHAVIS; et. al	X		X		
1988	BUCKNER			X		
1990	CHAVIS; WANDERSMAN	X		X		
1995	NASAR; JULIAN			X		
1996	SKAJAEVELAND; et. al	X			X	
1999	BOLSSEMAN; et. al	X				
2002	LUND	X				
2003	CANTILLON; et. al	X		X		X
2003	LONG, PERKINS			X		
2004	FARREL, et. al				X	X
2004	KIM, KAPLAN	X		X	X	X
2009	ROGERS; SUKOLRATANAMETEE					X
2010	MASON				X	X
2010	WOOD; et. al					X
2011	CUTCHIN; et. al	X				
2012	WILKERSON; et. al					X

Fonte: Organizado pela autora, 2015.

Entre as características, verifica-se a prioridade de preexistência de atividades e de interação social e, na sequência, a organização da comunidade. As pesquisas de avaliação em áreas do Novo Urbanismo são consideradas a partir do ano 2000.

Após a predefinição das áreas para análise, aspectos relativos ao recorte espacial, amostragem e método de avaliação do senso de comunidade foram considerados. Em relação ao recorte espacial, são enfatizados dois níveis de observação: ruas - com suas respectivas quadras e delimitação de áreas residenciais – bairros (Quadro 5).

Quadro 5: Síntese de dados de recorte, amostragem e método de análise

DADOS ANO/ AUTOR		RECORTE ESPACIAL		AMOSTRAGEM				MÉTODO DE ANÁLISE		
		B	R	<100	101<500	501<1000	>1001	Q	O	M
1975	HUNTER	X			X				X	
1981	APPLEYARD		X(3)	X				X	X	X
1981	RIGER; LAVRAKAS	X			X		X	X		
1981	GLYNN	X			X			X		
1984	FRIED	X			X	X	X	X		
1986	CHAVIS; et. al	X			X		X	X		
1988	BUCKNER	X			X			X		
1990	CHAVIS; WANDERSMAN	X			X			X		
1995	NASAR; JULIAN		X(16)	X				X		
1996	SKAJAEVELAND; et. al		X(85)				X	X		
1999	BOLSSEMAN; et. al		X(3)	X				X		X
2002	LUND	X			X			X		
2003	CANTILLON; et. al	X			X			X		
2003	LONG, PERKINS	X			X		X	X		
2004	FARREL, et. al	X			X			X		
2004	KIM, KAPLAN	X				X		X		
2009	ROGERS; SUKOLRATANAMETEE	X			X			X		
2010	MASON	X				X		X		
2010	WOOD; et. al	X				X		X	X	
2011	CUTCHIN; et. al	X				X		X		
2012	WILKERSON; et. al	X			X			X		

* B: bairro, R: rua, Q: questionário, O: observação, M: mapeamento.

Fonte: Organizado pela autora, 2015.

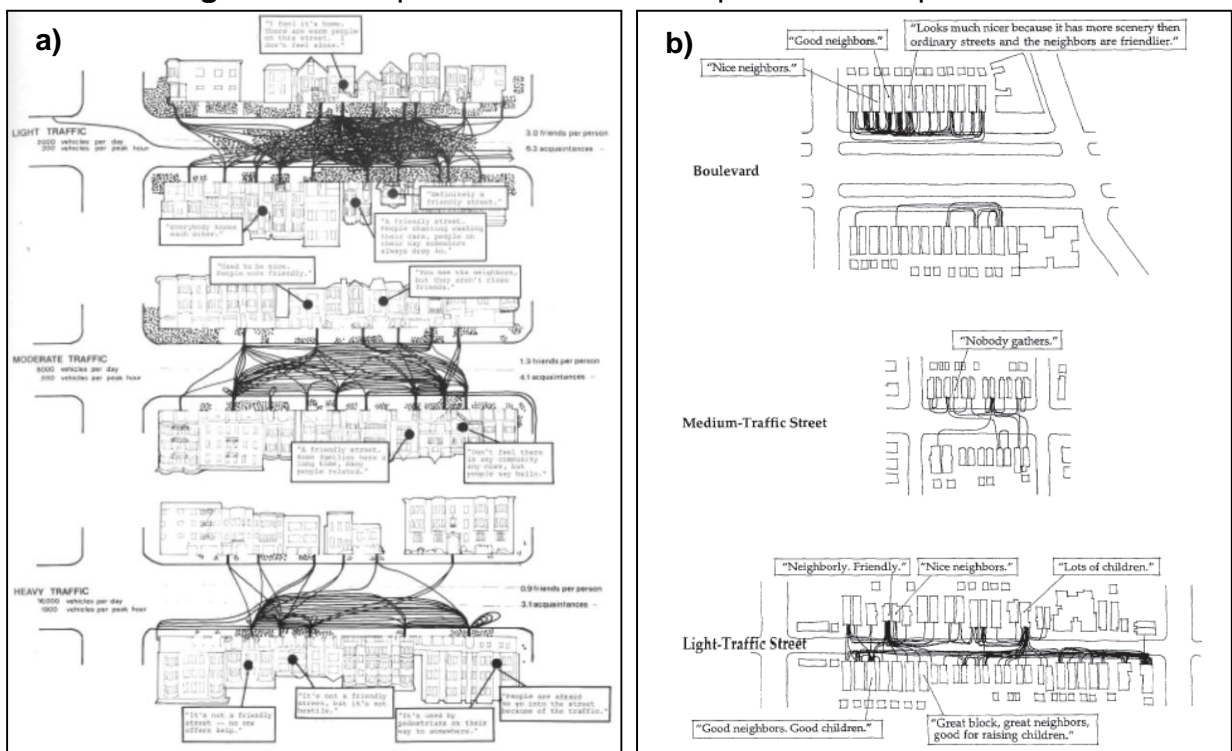
A maioria das pesquisas considera a análise em um setor delimitado como bairro, considerando espaços livres, quadras, unidade habitacional e áreas institucionais, inseridos em limite estabelecido. Apenas 4 (quatro) pesquisas avaliam ruas: Appleyard (1981) estuda 3 (três) ruas em São Francisco, de características diferenciadas de alto, médio e baixo tráfego; Bolssemann; et. al (1999), de forma similar analisa 3 (três) boulevards em São Francisco para comparação com o primeiro; Nasar; Julian (1995) avalia comparativamente as relações de vizinhança em 16 (dezesesseis) ruas no formato de cul-de-sac e 10 (dez) ruas convencionais no subúrbio de Ohio e Skajaeveland; et. al (1996) desenvolve sua pesquisa em 85 ruas de uma cidade norueguesa.

Em todos os casos a seleção aleatória, randômica ou estratificada, foi utilizada para seleção do número de amostras de entrevistas, a seguinte variação: a) Até 100, b) Entre 101 e 500, c) De 501 a 1000, d) Acima de 1000. A predominância é de 101 a 500.

A análise estatística é observada nos 21 trabalhos e define a necessidade de avaliação por um nível de confiabilidade, especialmente aquelas do sistema chamado teste-reteste. As pesquisas apresentam variação do nível de confiabilidade no mínimo de 0,82 como em Long; Perkins (2003) e de 0,99 no estudo de Chavis; et. al. (1986).

Referente ao método de análise, três meios são definidos pelos autores: questionários, observação e mapeamento. Os “mapeamentos” são desenvolvidos por Appleyard (1981) e aplicados também por Bolsseman; et. al (1999). Essas pesquisas tinham como objetivo principal avaliar os aspectos de territorialidade, percepção e sociabilização no bairro (Figura 3 a - b).

Figura 3: Exemplo de análises em esquemas de mapeamento



Fonte: a) Appleyard, p. 21, 1981 e b) Bolsseman; et. al, p.174, 1999

Em relação à estratégia de observação, somente Hunter (1975) estrutura um instrumento com questões de verificação “in loco”. Os demais autores, apesar de inserirem na análise elementos observados, não formatam ferramenta específica.

A maioria das pesquisas aplicam questionários/entrevistas direcionados a moradores adultos. Para a distribuição e aplicação desses instrumentos, Farrel; et.

al (2004), Long; Perkins (2003) e Mason (2010) relatam o envio por correio ou entrevista por telefone, sem contato direto com o respondente. Outros 10 (dez) foram distribuídos diretamente ou aplicados face-a-face - Appleyard (1981); Bolssemann; et. al (1999); Buckner (1988); Chavis; Wandersman (1990); Fried (1984); Kim; Kaplan (2004); Lund (2002); Nasar; Julian (1995); Riger; Lavrakas (1981); Skajaeveland; et. al (1996).

As 03 (três) dimensões, abordadas anteriormente - aspectos socioeconômicos, atributos psicológicos/comportamentais e atributos físicos - são inseridas nas questões para definição em categorias de avaliação. Verifica-se um número variável de questões, por exemplo, Farrel; et. al.(2004) e Fried (984) entre 20 e 30; Buckner (1988) e Cutchin; et. al. (2011) de 30 a 40 e, por fim, Cantillon; et. al.(2003) e Chavis; et. al (1986) aplicam questionários de 90 a 105 questões, respectivamente. As questões são objetivas e de frequência e em algumas pesquisas, para melhor validação, inserem-se pontos de escala, que variam desde "discordo totalmente" até "concordo totalmente".

Entre as questões socioeconômicas são considerados aspectos como: idade, sexo, raça, estado civil, famílias com crianças, proprietários/locatários, densidade, renda/classe social, questões políticas, condições de moradia anterior, escolaridade e profissão. Nas pesquisas são ressaltadas 4 (quatro) principais características socioeconômicas: 1) Famílias com crianças, 2) Proprietários, 3) Densidade e 4) Renda/classe social. Os dados são apresentados no quadro 6.

Quadro 6: Síntese dos principais atributos socioeconômicos

ATRIBUTOS SOCIOECONÔMICOS		FAMÍLIAS COM CRIANÇAS	PROPRIETÁRIOS	DENSIDADE DEMOGRÁFICA	RENDA/CLASSE SOCIAL
ANO / AUTOR					
1975	HUNTER	X	X		
1981	APPLEYARD	X			X
1981	RIGER; LAVRAKAS	X			X
1981	GLYNN	X	X		
1984	FRIED		X		
1986	CHAVIS; et. al	X	X		X
1988	BUCKNER			X	
1990	CHAVIS; WANDERSMAN	X	X	X	X
1995	NASAR; JULIAN	X	X		X
1996	SKAJAEVELAND; et. al	X	X		X
1999	BOLSSEMANN; et. al	X	X	X	X
2002	LUND	X	X		
2003	CANTILLON; et. al				X
2003	LONG, PERKINS	X	X		X
2004	FARREL, et. al	X			
2004	KIM, KAPLAN			X	
2009	ROGERS; SUKOLRATANAMETEE	X	X	X	X
2010	MASON	X		X	X
2010	WOOD; et.al	X	X	X	X
2011	CUTCHIN; et. al	X	X	X	X
2012	WILKERSON; et. al	X	X	X	X

Fonte: Organizado pela autora, 2015.

A primeira – família com crianças - aparece com maior destaque. Observa-se que os estudos mais recentes consideram todos os aspectos relevantes. A questão de densidade demográfica começa a ser inserida no fim da década de 1980.

Em relação aos atributos físicos e espaciais, identificam-se aspectos como infraestrutura existente, relevo, dimensão da área, limites e bordas, uso do solo, acessos, configuração da malha, dimensão de vias e de passeios (bem como volume de tráfego), relação entre quadras e lotes, fachadas para a rua, tipologia das edificações, estacionamento e garagens, locais para o desenvolvimento de atividades, ambientes e vegetação, vistas e paisagem local, elementos de identidade e segurança (Quadro 7).

Quadro 7: Síntese dos atributos físico/espaciais

ATRIBUTOS		USO DO SOLO E CONFIGURAÇÃO DA MALHA	ELEMENTOS DE IDENTIDADE LOCAL
FÍSICOS/ESPACIAIS	ANO / AUTOR		
	1975 HUNTER	X	
	1981 APPELYARD	X	
	1981 RIGER; LAVRAKAS	X	X
	1981 GLYNN	X	
	1984 FRIED		X
	1986 CHAVIS; et. al		
	1988 BUCKNER	X	X
	1990 CHAVIS; WANDERSMAN		
	1995 NASAR; JULIAN	X	
	1996 SKAJAEVELAND; et. al	X	
	1999 BOLSSEMAN; et. al	X	
	2002 LUND	X	
	2003 CANTILLON; et. al	X	
	2003 LONG, PERKINS	X	
	2004 FARREL, et. al	X	
	2004 KIM, KAPLAN	X	X
	2009 ROGERS; SUKOLRATANAMETEE	X	X
	2010 MASON	X	X
	2010 WOOD; et.al	X	X
	2011 CUTCHIN; et. al	X	X
	2012 WILKERSON; et. al	X	X

Fonte: Organizado pela autora, 2015.

Entre essa variedade de atributos, 18 (dezoitos) pesquisas ressaltam o uso do solo e a relação com o padrão de ruas como elementos espaciais para o desenvolvimento do senso de comunidade. As questões de elementos de identidade local foram consideradas naquelas que analisam bairros do Novo Urbanismo. Vale a ressalva que os trabalhos de Chavis; et.al (1986) e Chavis; Wandersman (1990) não correlacionam o senso de comunidade com os atributos físicos/espaciais.

No caso das associações referentes aos atributos psicológicos são indicados: segurança física e emocional, interação social, sentido de posse e territorialidade, senso de pertencimento/lar, identidade emocional, comprometimento, influência e trocas (ajuda mútua), afetividade e apego, tempo de residência, laços econômicos e sociais, satisfação, senso de organização, incômodo/aborrecimento e normas/deveres comuns.

Todas as pesquisas relacionam a existência do senso de comunidade com um alto grau de interação social. Para Glynn (1981), essa é a relação que dá suporte para a construção das relações de comunidade entre os moradores, por meio dos vínculos sociais, dos atos de apoio entre vizinhos, do envolvimento individual de

cada membro na comunidade, bem como a influência ocasionada por proximidade e dependência emocional.

Esses atributos foram sistematizados no quadro a seguir: 1) segurança física e emocional, 2) sentido de posse e territorialidade, 3) senso de pertencimento/lar, 4) identidade emocional, 5) Influência e ajuda mútua 6) afetividade e apego, 7) tempo de residência (Quadro 8).

Quadro 8: Síntese dos atributos psicológicos

ATRIBUTOS PSICOLÓGICOS		SEGURANÇA FÍSICA E EMOCIONAL	POSSE/TERRITORIALIDADE	PERTENCIMENTO/LAR	IDENTIDADE EMOCIONAL	INFLUÊNCIA /TROCAS	AFETIVIDADE/APEGO	TEMPO DE RESIDÊNCIA
ANO / AUTOR								
1975	HUNTER				X			X
1981	APPLEYARD	X	X					X
1981	RIGER; LAVRAKAS			X				X
1981	GLYNN							X
1984	FRIED	X				X		
1986	CHAVIS; et. al	X		X		X	X	
1988	BUCKNER			X	X	X	X	
1990	CHAVIS; WANDERSMAN		X	X				
1995	NASAR; JULIAN					X		
1996	SKAJAEVELAND; et. al			X		X	X	X
1999	BOLSSEMANN; et. al	X	X	X				
2002	LUND					X		X
2003	CANTILLON; et. al	X				X	X	
2003	LONG; PERKINS	X						X
2004	FARREL; et. al					X		X
2004	KIM; KAPLAN		X				X	
2009	ROGERS; SUKOLRATANAME-TEE	X	X	X		X		X
2010	MASON	X						X
2010	WOOD; et.al	X	X	X				X
2011	CUTCHIN; et. al	X	X				X	X
2012	WILKERSON; et. al	X						

Fonte: Organizado pela autora, 2015.

Verifica-se que a questão de temporalidade é o principal fator considerado nos estudos. Mais da metade aponta o tempo de residência como atributo fundamental na relação psicológica de construção de interações sociais entre os moradores. Outras temáticas como a segurança física e emocional e a influência e ajuda mútua são apontadas também como aspectos relevantes para a análise.

Nas pesquisas, observam-se variáveis dependentes e independentes no processo analítico, como exemplo, tráfego, organização e ação, homogeneidade, qualidade de vida, satisfação pessoal, parâmetros socioeconômicos, atributos físicos,

confiança, atividades, apego, solidão, densidade, cultura e valores pessoais, identidade e aspectos físicos do bairro (Quadro 9).

Quadro 9: Síntese das variáveis dependentes e independentes

VARIÁVEIS E ATRIBUTOS		VARIÁVEIS DEPENDENTES		VARIÁVEIS INDEPENDENTES	
		ATRIBUTOS FÍSICOS	ATRIBUTOS SOCIO-DEMOGRÁFICOS	ATRIBUTOS SOCIO-DEMOGRÁFICOS	FATORES PESSOAIS
ANO / AUTOR					
1975	HUNTER		X		
1981	APPLEYARD	X		X	
1981	RIGER; LAVRAKAS			X	
1981	GLYNN				
1984	FRIED			X	
1986	CHAVIS; et. al		X		X
1988	BUCKNER		X		
1990	CHAVIS; WANDERSMAN				
1995	NASAR; JULIAN			X	
1996	SKAJAEVELAND; et. al		X		
1999	BOLSSEMANN; et. al	X			X
2002	LUND		X		
2003	CANTILLON; et. al	X		X	
2003	LONG, PERKINS	X			
2004	FARREL, et. al		X		X
2004	KIM, KAPLAN		X		
2009	ROGERS; SUKOLRATANAMETEE				
2010	MASON				
2010	WOOD; et.al				
2011	CUTCHIN; et. al	X		X	
2012	WILKERSON; et. al				

Fonte: Organizado pela autora, 2015.

Entre as variáveis dependentes, são comuns nos estudos os atributos físicos - inserindo-se as questões de tráfego e as características socioeconômicas – considerando homogeneidade. Por outro lado, em relação às variáveis independentes, estão relacionados os atributos socioeconômicos e os fatores pessoais e culturais de cada grupo, bem como suas crenças e atitudes (BOLSSEMANN; et. al, 1999; CHAVIS; et. al, 1986; FARREL; et. al, 2004).

No entanto, essas variáveis são específicas em cada pesquisa, de acordo com o objetivo proposto e o contexto de verificação, *i.e* uma variável dependente para um autor como aspectos socioeconômicos, pode ser independente para outro, em uma abordagem que priorize as questões físicas e espaciais. Constatase que os atributos socioeconômicos são considerados em ambos os casos e em nenhum momento as variáveis se sobrepõem.

A análise das pesquisas existentes sobre o senso de comunidade permite concluir 3 (três) propósitos de investigação:

- 1- Compreender as interações sociais em uma determinada área - Appleyard (1981), Bolssemann; et. al (1999), Buckner (1988), Cantillon; et. al (2003), Chavis; et. al (1986), Cutchin; et. al (2011), Farrel; et. al (2004), Mason (2010), Nasar; Julian (1995), Riger; Lavrakas (1981);
- 2- Perceber os limites físicos de determinada área - Appleyard (1981), Bolssemann; et. al (1999), Buckner (1988), Chavis; Wandersman (1990), Cutchin; et. al (2011), Hunter, (1975);
- 3- Avaliar as proposições do Novo Urbanismo - Kim; Kaplan (2004), Lund (2002), Mason (2010), Wood; et.al (2010), Cutchin; et. al (2011); Wilkerson; et. al (2012).

Essas pesquisas direcionam para uma discussão sobre tornar os espaços residenciais mais “habitáveis”, considerando: incremento na segurança, tanto física quanto psicológica, desenvolvimento de interação social, avaliação da territorialidade e do sentimento de apego, verificação de coesão entre moradores e de suas características sociais e econômicas e a percepção dos moradores em relação às atividades desenvolvidas.

Quanto à definição geral desses estudos, é possível dividir duas estratégias de pesquisa:

- 1- Dos analíticos - Cantillon; et. al, (2003); Chavis; Wandersman, (1990); Farrel; et. al, (2004); Fried, (1984); Hunter, (1975); Kim; Kaplan, (2004); Long; Perkins, (2003); Lund, (2002); Mason, (2010); Riger; Lavrakas, (1981);
- 2- Dos que estabelecem índices específicos - Appleyard (1981); Bolssemann; et. al, (1999); Buckner, (1988); Chavis; et. al, (1986); Cutchin; et. al, (2011); Long; Perkins, (2003); Nasar; Julian, (1995); Skajaeveland; et. al, (1996).

Foram observadas também as dificuldades identificadas nos trabalhos, a saber:

- 1- Heterogeneidade e as diferentes visões de contextos de análise - Bolsemann; et. al (1999), Buckner (1988), Chavis; Wandersman (1990), Farrel; et. al (2004), Fried, (1984), Long; Perkins (2003), Lund (2002), Mason (2010), Riger; Lavrakas (1981), Skajaeveland; et. al (1996);
- 2- Aspectos físicos e espaciais da malha urbana - Appleyard (1981), Chavis; et. al (1986);
- 3- Limitações na aplicação da pesquisa (tamanho da amostra, problemas com devolução de questionários etc.) - Cantillon; et. al (2003), Cutchin; et. al (2011), Nasar; Julian (1995);
- 4- Relações temporais diversas - Hunter (1975).

Enquanto resultado, nota-se a comprovação e efetivação de instrumentos propostos, bem como a verificação da existência do senso de comunidade nas áreas dos estudos de caso. Verifica-se a importância das diversas dimensões analíticas nos níveis socioeconômicos, comportamentais e espaciais. Ocorre uma evolução das abordagens dos trabalhos – de uma temática inicial da área da Psicologia e Sociologia para pesquisadores do Planejamento e Desenho Urbano, bem como um refinamento nos instrumentos de análise do senso de comunidade.

Um dos apontamentos nessas pesquisas é a avaliação do senso de comunidade em outros contextos. Nesse sentido, foi necessária a busca de estudos desenvolvidos por pesquisadores brasileiros e avaliações existentes em áreas residenciais nas cidades brasileiras.

2.2 PESQUISAS EXISTENTES EM CONTEXTO NACIONAL

As pesquisas brasileiras sobre o senso de comunidade não foram identificadas na primeira busca realizada nos periódicos indexados da CAPES. Para verificar a existência de estudos já realizados no contexto nacional, principalmente na área de Arquitetura e Urbanismo, foi feita uma investigação em bancos de teses e dissertações, bem como artigos apresentados em eventos nacionais.

Identificaram-se nessa busca 6 trabalhos vinculados com a temática de estudo. Dentre esses trabalhos encontram-se 2 (dois) pesquisadores/orientadores: o primeiro, Günther, psicólogo comportamental da Universidade de Brasília (UNB) que realiza o diagnóstico do senso de comunidade em dois contextos específicos: Plano Piloto de Brasília e nas cidades satélites com os seguintes estudos: Almeida; Silva; Günther (1996), Cunha; Silva; Günther (1996), Nepomuceno (1999) e Naves; Resende; Pontes (2001); A segunda, Kowaltowski, da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), relaciona o senso de comunidade a uma questão de qualidade de vida, em conjuntos habitacionais de São Paulo na abordagem de APO – avaliação pós-ocupação, com as pesquisas: Kowaltowski; et. al (2005) e Kowaltowski; et. al (2006).

Por meio dos mesmos parâmetros de caracterização utilizados nas pesquisas indexadas, fez-se uma síntese das pesquisas identificadas no quadro 10.

Quadro 10: Síntese dos principais fatores das pesquisas analíticas

ANO	AUTOR	TÍTULO	PALAVRAS-CHAVE	OBJETIVO GERAL	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	ÁREA CONHEC.	MÉTODO DE ANÁLISE	RECORTE ESP. AMOSTRAGEM	CARACTER DA ÁREA	ASPECTOS SD	ATRIBUTOS PSI	ATRIBUTOS FIS	OUTRAS REF.	VARIÁVEIS DEP.	VARIÁVEIS IND.	ABORDAGEM	DFI	OBS.	PRINCIPAIS RESULTADOS
1996	ALMEIDA; SILVA E GUNTHER	Senso de comunidade entre moradores de Ceilândia.	X	-Estender estudo elaborado em Brasília para a Ceilândia, com coleta de dados sobre senso de comunidade.	-Verificar nível de solidão; -Avaliar das características físicas e sociais da vizinhança; -Caracterizar moradias; -Caracterizar respondentes	Psicologia comportamental	Questionários enviados por correio com questões em dois níveis – análise na rua e na quadra com 4 dimensões de verificação dos objetivos específicos	-Aplicados com moradores de Ceilândia. Pesquisa enviada para 1000 endereços aleatoriamente – 199 devolvidos.	Nível de solidão e relacionamento de ajuda entre vizinhos	-Aspectos sociais -Escolaridade -Renda -Sexo -Idade -Densidade	-Relacionamento -Senso de segurança -Relação e disponibilidade para ajuda mútua -Tempo de moradia -Nível de satisfação	-Infraestrutura existente -Ruas -Quadras -Características das moradias	X	Nível de solidão e relação com conjunto	Características sócio demográficas isoladas	Relação comportamental em contexto urbano específico	- Considerar disposição de ajuda como senso de comunidade com características isoladas - Baixa devolução de questionários	“Os dados sugerem que intervir em senso de comunidade é também trabalhar com saúde mental” p. 187.	Considera-se que o senso de comunidade esteja vinculado com características que remetem a identidade em contexto micro e macro, especialmente a relações de satisfação pessoal no conjunto.
1996	CUNHA; SILVA E GUNTHER	Disposição de casas geminadas e senso de comunidade	X	-Verificar senso de comunidade e em áreas de casas do Plano Piloto de Brasília, de acordo com o definido por Nasar e Julian (1995).	-Verificar relação com disposição das casas geminadas	Psicologia comportamental	Questionários enviados por correio a moradores com questões elaboradas por Gunther; Flores; Silva (1992) e adicionados fatores de análise de solidão e demográficos. Algumas questões com nível de escala.	-483 questionários enviados e 108 devolvidos nas áreas de casa do Plano Piloto de Brasília	Senso de pertencimento e apego a lugar específico.	-Idade -Nível de escolaridade	-Tempo de residência -Relação de apego ao lugar	-Identidade local -Ruas -Quadras -Características das residências	Nasar; Julian (1995)	Disposição das quadras e relação de solidão dos moradores	Variáveis sociodemográficas e disposição em ajudar	Relação comportamental em contexto urbano específico	- Baixa devolução de questionários	“Tendo como referencial as críticas dirigidas ao clima social entre os moradores de Brasília, tais como, a frieza e a distância entre as pessoas.” p. 186	As correlações entre disposição de ajudar e identificação sugerem que as pessoas menos solitárias ajudam mais na quadra e no conjunto.
1999	NEPOMUCENO	Relacionamento entre vizinhos em casas e apartamentos em Brasília	X	-Analisar a existência de relação entre o ambiente físico e interação social	-Compreender as diferenças de relacionamento entre moradores de casa e apartamento	Psicologia ambiental	-Questionário entregue a cada entrevistado com 10 perguntas -Questões de frequência, fechadas e em níveis de escala	-50 entrevistas com Estudantes da UNB	Satisfação pessoal dos moradores e interação social	-Idade -Renda -Sexo -Densidade	-Interação com a vizinhança -Nível de convivência -Tempo de moradia -Identidade -Territorialidade	-Localização e tipo de moradia -Fatores Ambientais	Gunther (1991)	Diferenças físicas entre casas e apartamentos	Relações podem variar de cidade e de acordo com cultura	Análise de parâmetros espaciais relacionados às interações sociais	X	Moradores de conjuntos habitacionais individuais possuem melhor relacionamento com vizinhos que moradores de conjuntos habitacionais coletivos. p. 3.	O estudo aponta a importância de se relacionar o tipo de moradia, as interações sociais estabelecidas no espaço.
2001	NAVES, RESENDE, PONTES	Senso de vizinhança entre moradores de casas e apartamentos em Taguatinga	X	-Avaliar o senso psicológico de comunidade e em casas e apartamentos de Taguatinga	-Caracterizar vizinhança -Entender as dimensões que condicionam as interações sociais	Psicologia ambiental	Questionário com base em Nasar e Julian (1995) com redução de questões pelo contexto (apx. 40 itens) em níveis de escala. -Aplicados face a face questionários diferentes para casas e apartamentos.	-100 entrevistas com moradores de Taguatinga (49 de casas e 51 de apartamentos)- Amostra aleatória sistematizada	-Verificação de atividades e satisfação dos moradores	-Idade -Sexo -Escolaridade -Estado civil	-Ajuda -Privacidade -Identidade -Apego ao lugar -Valores pessoais -Interesses comuns -Normas e atitudes -Interação social -Tempo de moradia	-Locais para atividades -Áreas de encontro -Tipologia das construções	Glynn (1981), Nasar; Julian (1995) Sarason (1974), Gunther; Flores (1994), Chavis; McMillan (1986)	Diferenças físicas entre casas e apartamentos	-Valores e relações sociais	Relação física na influência comportamental	X	É necessária a avaliação de mais trabalhos para identificar as características que propiciam o senso de vizinhança, facilitando a construção de novos ambientes. p.5	Há um senso psicológico de vizinhança diferente entre moradores de casa e apartamento

Síntese dos principais fatores das pesquisas analíticas – continuação

ANO	AUTOR	TÍTULO	PALAVRAS-CHAVE	OBJETIVO GERAL	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	ÁREA CONHEC.	MÉTODO DE ANÁLISE	RECORTE ESP. AMOSTRAGEM	CARACTER DA ÁREA	ASPECTOS SD	ATRIBUTOS PSI	ATRIBUTOS FIS	OUTRAS REF.	VARIÁVEIS DEP	VARIÁVEIS IND	ABORDAGEM	DFI	OBS.	PRINCIPAIS RESULTADOS
2005	KOWALTOW SKI et. al	Parâmetros de sustentabilidade e qualidade de vida na implantação de conjuntos habitacionais sociais	X	-Propor diretrizes para implantação de conjuntos habitacionais com base em sustentabilidade e qualidade de vida	- Verificar qualidades: espacial, morfológica, contextual, visual, preceptiva, social e funcional necessárias para compor os CH.	Arquitetura e construção – Planejamento urbano	- APO com questões sobre satisfação local e relação de vizinhança próxima; - Método de projeção axiomático	5 áreas da cidade de Campinas e região metropolitana, sendo selecionados 5% de cada área para participação, totalizando 107 questionários.	-Tipologia de implantação, características de ocupação e transformação das áreas	-Densidade -Renda -Classe social	-Espírito comunitário -Percepção de atividades -Percepção de segurança – controle visual -Questões de identidade local	-Centros comunitários -Personalização das unidades – padrão das construções -Áreas de gás - Lixo -Estacionamento -Padrão de ruas e calçadas - Topografia -Áreas verdes	Jacobs (1961)	- Tipologia das áreas dos CH	-Alterações nas unidades relacionadas a aspectos socioeconômicos.	Identificação de fatores ideais por meio de parâmetros comportamentais analisados com base em estudos pós-ocupação	Erros na estrutura dificultam aplicação e replicação do processo -Necessário compreender dados e conceito	Parâmetros de sustentabilidade e qualidade de vida devem permear discussões de implantação de conjuntos habitacionais a abandonar as soluções defasadas e baseadas em quantidade e não na qualidade dos programas habitacionais". p. 938	Verifica-se que o tipo atual de implantação não é o ideal, como já previsto nas hipóteses, mas existe necessidade de compreensão de dados do todo. Propostas em 2 formas de diretrizes: descritivas (recomendações diagnósticas) e físicas (dimensionamento e arranjos)
2006	KOWALTOW SKI; et. al	Análise de parâmetros de implantação de conjuntos habitacionais de interesse social: ênfase nos aspectos de sustentabilidade ambiental e da qualidade de vida	X	-Estabelecer diretrizes de implantação de conjuntos habitacionais de interesse social, construídos pela (CDHU-SP) com foco na qualidade de vida.	-Desenvolver APO para verificar parâmetros de implantação -Analisar dados e relacionar a novas diretrizes e possíveis aspectos de qualidade	Construção e meio ambiente - Análise comportamental	- Aplicados questionários em cinco áreas habitacionais promovidas pelo CDHU, num período de quatro meses, no final de 2003.	- Todos os projetos estão localizados na região de Campinas. - 107 entrevistas ao total representando cada um 5% de cada área selecionada com moradores de apartamentos	- Qualidades espaciais e satisfação pessoal	- Idade -Profissão -Local de nascimento -Escolaridade - Densidade habitacional	-Organização -Índices de satisfação pessoal com casa e vizinhança -Relação de Identidade - Participação em atividades -Espírito comunitário -Senso de segurança - Percepções visuais	-Parques e áreas verdes -Infraestrutura -Instituições locais -Estacionamentos, -Acessos, -Calçadas, -Caixas de escada, -Depósitos de lixo -Centro comunitário -Conforto ambiental -Padrão de ruas e topografia -Tipos de construções -Uso do solo	Carmona (2001), Alexander (1977), Jacobs (1961)	Aspectos construtivos e formais dos conjuntos – áreas homogêneas	Características pessoais de identidade e percepção – não interferem diretamente	Identificação de fatores ideais mediante parâmetros comportamentais analisados com base em estudos pós-ocupação	Abrangência das relações para proposição das diretrizes	A qualidade de vida propriamente dita está associada, para essa população entrevistada, às questões de caráter social, ou seja, ao emprego, à saúde da família e à propriedade particular de uma habitação. p. 146 - Como terceiro e último passo, os projetos habitacionais requerem um envolvimento ativo da população. p. 163	Os resultados da avaliação de vida pós-ocupação efetuada demonstram que a implantação das áreas residenciais não é ideal. Procurou-se, assim, criar diretrizes para novos projetos abrangendo a comunidade e a sua inserção na área urbana. As questões principais da implantação de conjunto habitacional foram adaptadas às realidades locais da região de Campinas, para uma aplicação efetiva em novos projetos.

*ASPECTOS SD: aspectos socioeconômicos / ATRIBUTOS PSI: Atributos psicológicos / ATRIBUTOS FIS: Atributos físicos / VARIÁVEIS DEP: variáveis dependentes / VARIÁVEIS IND: variáveis independentes / CARACT. DO ESTUDO: caracterização do estudo/ DFI: dificuldades identificadas.

Fonte: Organizado pela autora, 2015.

Pode-se afirmar que os estudos de Günther são pioneiros no contexto nacional, porém, específicos – para Brasília. A partir da discussão da forma do Plano Piloto e de suas áreas residenciais, como espaços projetados que dificultariam a construção de um senso de comunidade. Portanto, os autores direcionam as pesquisas para aplicação de um instrumento e avaliação das interações sociais nas superquadras. Em um segundo momento, extrapola-se o Plano Piloto para uma análise comparativa nas cidades satélites em áreas de unidades individuais e habitações coletivas.

As pesquisas de Almeida; Silva; Günther (1996), Cunha; Silva; Günther (1996), Nepomuceno (1999) e Naves; Resende; Pontes (2001) têm ferramentas para verificação do senso de comunidade, mas são construídas de maneira mais sintética, com poucas variáveis. Os resultados dos estudos demonstram a falta de senso de comunidade nas habitações coletivas que compõem as superquadras, relacionado aos padrões de configuração espacial. Por outro lado, no caso das cidades satélites, verifica-se a prevalência de maiores interações em áreas de casas geminadas, quando comparadas àquelas de apartamentos.

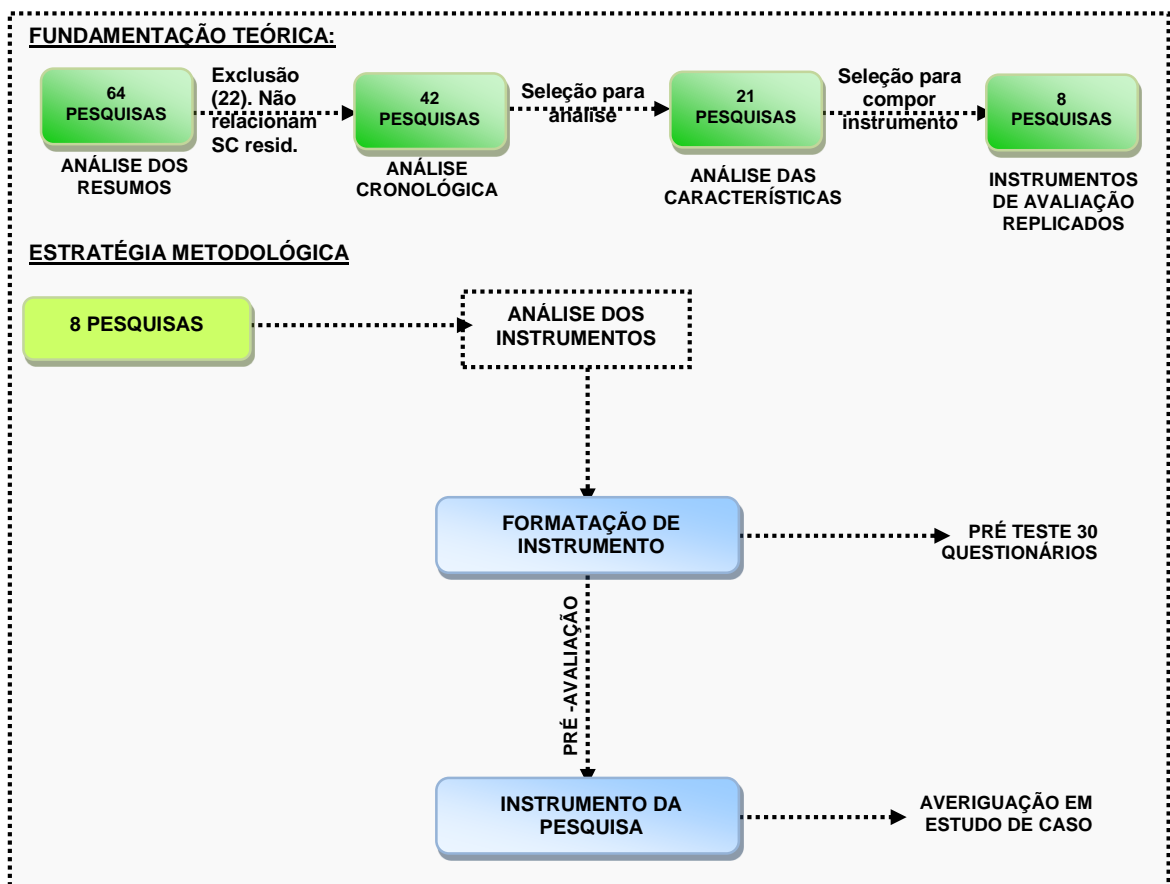
Kowaltowski, et. al (2005 e 2006) não aplica uma ferramenta específica para avaliação do senso de comunidade, mas associa o conceito com os aspectos de qualidade de vida em conjuntos habitacionais paulistas. Baseando-se na ferramenta de avaliação pós-ocupação (APO) para as constatações, identifica uma relação das características sociais da população e o entendimento de qualidade de vida. Aponta o reflexo dessas questões nas transformações dos conjuntos habitacionais.

Compreende-se, portanto, que apesar do processo descrito no Quadro 10 apresentar as mesmas possibilidades analíticas das pesquisas indexadas, as variáveis não são de abrangentes e específicas para avaliação do senso de comunidade.

3 PERCURSO METODOLÓGICO

A figura 4 apresenta o percurso metodológico adotado na pesquisa: a partir de 64 pesquisas em periódicos indexados do sistema Capes, foram analisados os resumos. Houve a exclusão de 22 por não avaliarem senso de comunidade em bairros residenciais. A construção do referencial teórico foi realizada com 42 pesquisas. Dentre essas, 21 apresentaram ferramentas de medição do senso de comunidade. Foram extraídas 08 pesquisas que tiveram seus instrumentos replicados com maior frequência por outros pesquisadores.

Figura 4: Esquema do percurso metodológico



Fonte: Organizado pela autora, 2015.

A estratégia metodológica parte da análise desses instrumentos para a formatação da ferramenta a ser utilizada na pesquisa. Adotou-se um pré-teste – com a aplicação de 30 questionários para verificação preliminar no contexto em questão.

3.1 CONSTRUÇÃO DE FERRAMENTA PARA ANÁLISE DO SENSO DE COMUNIDADE

O quadro 11 apresenta uma síntese das 08 pesquisas com as características das pesquisas e suas diferentes abordagens metodológicas, questões inerentes ao processo de diagnóstico do senso de comunidade. Nota-se que estes estudos datam das décadas de 1980 e 1990 de proposição de diagnósticos do senso de comunidade e são referenciados entre os mais recentes.

As principais dimensões analíticas para construção dos instrumentos de avaliação são: a) caracterização do estudo, b) contexto dos estudos de casos, c) método, d) caracterização prévia do lugar e e) principais atributos observados (físicos psicológicos e socioeconômicos).

Quadro 11: Síntese das pesquisas com diagnósticos selecionados

ASPECTO AUTOR	CARACTERIZAÇÃO DO ESTUDO	CONTEXTO	MÉTODO	PRECONDIÇÕES DO LUGAR	PRINCIPAIS ATRIBUTOS
APLEYARD (1981)	3 dimensões (social, comportamental e a física/espacial)	3 Ruas (de 1 área)	- Mapeamento, observações e questionário - 36 entrevistas	- Preexistência de atividades; - Ambientes, uso do solo e aspectos socioeconômicos	- Interação social, segurança (física e emocional), posse/territorialidade, tempo de residência; - Áreas de atividade/usos/desenho do bairro; - Família com crianças, renda/classe social.
GLYNN (1981)	2 dimensões (social e comportamental)	3 áreas (bairros)	- Questionário - 150 entrevistas - Dividido em 4 categorias - 108 questões	- Preexistência de atividades; - Organização da comunidade e influência	- Interação social, segurança (física e emocional), tempo de residência; - Áreas de atividade/usos/desenho do bairro; (Considera homogeneidade)
RIGER; LAVRAKAS (1981)	2 dimensões (social e comportamental)	3 comunidades (cidades pequenas)	- Questionário - 1620 entrevistas - Dividido em 2 categorias	- Preexistência de atividades; - Afetividade, boa relação pessoal, senso de pertencimento	- Interação social, tempo de residência; senso de pertencimento/lar; - Áreas de atividade/usos/desenho do bairro, identidade local; - Família com crianças. (Considera homogeneidade)
VIS; et. al (1986)	1 dimensão (comportamental)	1 bairro	- Questionário - 1213 entrevistas - Dividido em 4 categorias - 105 questões	- Preexistência de atividades; - Organização da comunidade e influência	- Interação social, segurança (física e emocional), senso de pertencimento/lar, influência/trocas, afetividade/apego; (Considera homogeneidade)
BUCKNER (1988)	3 dimensões (social, comportamental e a física/espacial)	3 bairros	- Questionário - 206 entrevistas - Dividido em 3 categorias - 40 questões	- Organização da comunidade e influência - Ambientes, uso do solo e aspectos socioeconômicos	- Interação social, senso de pertencimento/lar, identidade, influência/trocas, afetividade/apego; - Áreas de atividade/usos/desenho do bairro, identidade local; - Densidade. (Considera homogeneidade)

Síntese das pesquisas com diagnósticos selecionados - continuação

NASAR; JULIAN (1995)	3 dimensões (social, comportamental e a física/espacial)	26 Ruas (vários bairros)	- Questionário - 78 entrevistas - Dividido em 6 categorias - 32 questões	- Ambientes, uso do solo e aspectos socioeconômicos	- Interação social, influência/trocas; - Áreas de atividade/usos/desenho do bairro; - Proprietários, renda/classe social. (Considera homogeneidade)
SKAJAEV- LAND; et. al (1996)	2 dimensões (social e comportamental)	85 Ruas (vários bairros)	- Questionário - 1060 entrevistas - 36 a 111 questões	- Preexistência de atividades; - Afetividade, boa relação pessoal, senso de pertencimento	- Interação social, tempo de residência, senso de pertencimento/lar, influência/trocas, afetividade/apego; - Áreas de atividade/usos/desenho do bairro; - Família com crianças, proprietários, renda/classe social. (Considera homogeneidade)
BOLSSEMAN et. al (1999)	3 dimensões (social, comportamental e a física/espacial)	3 Ruas (<i>boulevards</i> – de 1 área)	- Mapeamento, questionário - 99 entrevistas	- Preexistência de atividades; - Ambientes, uso do solo e aspectos socioeconômicos	- Interação social, segurança (física e emocional), posse/territorialidade, senso de pertencimento/lar; - Áreas de atividade/usos/desenho do bairro; - Família com crianças, proprietários, densidade, renda/classe social.

Fonte: Organizado pela autora, 2015.

Caracterização do estudo:

Na primeira dimensão é considerada desde as características socioeconômicas até questões referentes à satisfação pessoal com o local. Já na segunda dimensão, a comportamental, refere-se às relações de convivência e de sociabilização entre vizinhos. E, por fim, a terceira, principalmente incluída por pesquisadores da área de Desenho Urbano, considera a correlação entre as duas primeiras dimensões e as características espaciais, como elemento indissociável no processo analítico. Inserem espaços públicos e privados e questões de dimensionamento, distanciamentos, caracterização das áreas, organização espacial, dimensões de vias e características de edificações, entre outros.

Contexto:

Os contextos são ruas e áreas residenciais de bairros em cidades diversas. Na maioria dos trabalhos são selecionados três casos e, dependendo do foco analítico, são consideradas áreas homogêneas ou heterogêneas para avaliação comparativa.

Método de análise:

O principal método de análise são os questionários. O número de entrevistas obtidas varia entre 36 e 206. Deve ser ressaltado que, embora não tratem objetivamente da observação como uma estratégia de análise, todos a utilizam para dar suporte a análise e, Appleyard (1981) ainda insere os mapeamentos para espacialização das relações.

Precondição do lugar:

As pesquisas vinculam uma pré-avaliação da existência de um senso de comunidade nas áreas. As questões de maior ênfase são: a) A preexistência de atividades; b) O ambiente, o uso do solo e aspectos socioeconômicos; c) A organização da comunidade e suas influências e d) A afetividade, a boa relação pessoal e o senso de pertencimento.

Principais atributos:

Os principais elementos dos instrumentos de análise referentes às dimensões sociais comportamentais e espaciais são: na primeira, identificam-se características como: família com crianças; renda/classe social; densidade e proprietários; na segunda, refere-se à Interação social, segurança (física e emocional), posse/territorialidade, tempo de residência; senso de pertencimento/lar; influência/trocas, afetividade/apego e por fim, a avaliação de áreas de atividade/usos/configuração do bairro; elementos de identidade local.

Todas as dimensões analíticas definem, em primeiro lugar, que há diferentes aspectos a serem considerados em uma verificação de existência do senso de comunidade, podendo variar entre os indivíduos, fatores culturais e contexto.

Após a análise dos instrumentos dos referenciais, relacionados no quadro 11, elencaram-se as questões apresentadas pelos autores, nos anexos dos trabalhos, ou no decorrer dos textos ou nos tópicos de análise. Foram extraídas aproximadamente 110 questões. A partir de uma sobreposição e a avaliação de característica que pudessem ser relacionadas ao contexto dos conjuntos habitacionais sistematizou-se um pré-teste. Alguns dados foram revisados e foram retiradas duas questões: a primeira que poderia gerar algum constrangimento como o uso de drogas no local e se o morador tem taxas de manutenção do bairro. Formatou-se o instrumento final com 72 questões.

O questionário constituiu-se de perguntas com resposta objetiva, em níveis de escala, descritivas, um mapeamento de interações sociais e ainda um *checklist* de observação local.

O instrumento foi dividido em duas partes: a primeira, um questionário a ser aplicado com os moradores e a segunda que relaciona aspectos de comportamento ambiental a ser avaliado pelo pesquisador.

Na primeira parte o questionário é subdividido em cinco categorias:

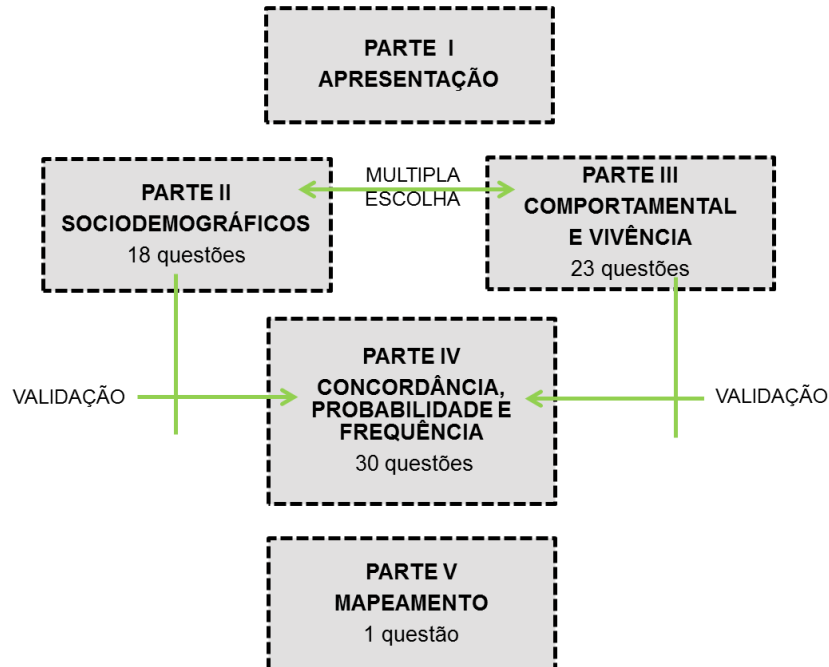
- a) Apresentação da pesquisa e do pesquisador;
- b) Itens socioeconômico e econômico (questões de múltipla escolha): gênero, estado civil, grau de escolaridade, situação de propriedade (casa própria ou alugada), número de moradores, faixa etária, modal de deslocamento, local de trabalho e renda;
- c) Aspectos de vivência e comportamentais (questões de múltipla escolha), como exemplo: quantos vizinhos conhece; tempo de moradia; se visita os vizinhos e motivos; percepção de segurança e convivência; espaços de encontro e atividades e confiabilidade.
- d) Questões com escalas: em nível de concordância, grau de probabilidade e condição de frequência para validação das questões de múltipla escolha objetivas;
- e) Mapeamento esquemático de conexões para espacialização das relações de vizinhança.

Na segunda parte, o pesquisador, a partir da prévia coleta de dados e de informações secundárias sobre o bairro, faz anotações, impressões e constatações específicas *“in loco”*. São observadas áreas públicas e os locais que fazem essa interface dos diversos tipos de atividades e relações sociais entre vizinhos: parar na frente do portão de um vizinho para uma conversa e lavar o carro na garagem, entre outros. A partir da observação do local, foi inserida uma questão referente ao tipo de motivação que leva o morador a se deslocar do bairro (compras, lazer, trabalho etc.).

O questionário final resultou em 72 questões divididas nas cinco categorias já elencadas anteriormente (a, b, c, d, e), além do checklist de análise, com a inserção de dados como horário e da local observação (Apêndice 1). São

consideradas as categorias de verificação em três linhas de análise: sociodemográficas, comportamental e física/espacial (Figura 5).

Figura 5: Resumo do processo de elaboração do instrumento.



Fonte: Organizado pela autora, 2015.

3.2 ESTRATÉGIA DA PESQUISA CORRELACIONAL

A partir da fundamentação teórica, observa-se que se extrapola a dimensão espacial, tendo a dimensão social como elemento indissociável do espaço. Nesse sentido, é possível classificar a pesquisa, segundo Groat; Wang (2002), como pesquisa qualitativa correlacional, em que as variáveis de pesquisa variam de acordo com a situação ou local e que afetam as relações socioespaciais. As variáveis podem ser divididas em dois grandes grupos: físico-espaciais e de comportamento social. O primeiro consiste nos atributos físicos do espaço e o segundo se refere às atitudes dos moradores, variáveis para avaliação do Senso de Comunidade.

Groat; Wang (2002) apresentam dois exemplos de pesquisa correlacional: os trabalhos de Whyte (1970) sobre o uso de praças urbanas em Nova Iorque e o de Kim (2001), sobre o “senso de comunidade” em bairros característicos do novo urbanismo, pesquisa identificada para a construção da fundamentação teórica deste estudo.

A pesquisa correlacional consiste na observação de fatores socioespaciais, de pessoas, de atividades e de circunstâncias com foco na ocorrência de padrões naturais. Difere da experimental e da qualitativa, já que na primeira as relações são apenas analisadas e não sofrem intervenção. E na segunda as variáveis específicas não são apenas notadas e discutidas, mas sim mensuradas. Os questionários são as principais ferramentas de verificação. Dividem-se os dados a serem coletados em: medição categórica – que abrange as questões verbais e/ou nominais; a escala ordinal – com questões que podem ser organizadas em escalas; e as escalas de intervalo e razão – em que se categorizam as questões em pontos de escala crescente ou decrescente.

Com essa separação em categorias para esclarecer os padrões de relacionamento é possível organizar os dados estatisticamente para as análises. Assim, estabelece-se um coeficiente de correlação, sendo -1,00 (correlação negativa) a +1,00 (correlação positiva), quando igual a “0” indica uma relação linear inconsistente entre as variáveis, não podendo ser representada graficamente. Quanto às etapas para a pesquisa correlacional estão as fases de coleta de dados e a compreensão de análises multivariadas.

3.3 ESTRATÉGIA PARA DEFINIÇÃO DO ESTUDO DE CASO

A predefinição do estudo de caso em áreas de habitação de interesse social necessita de uma explanação sobre as diferenças de denominação. De acordo com Aguiar (2003), uma área residencial é um espaço urbano parcelado, onde a maior porcentagem é conformada por unidades habitacionais, unifamiliares ou multifamiliares, por outro lado, o bairro é a delimitação física de uma área residencial (ou não), configurada em ruas, quarteirões e áreas públicas, geralmente em áreas privadas da cidade, movidos pelo mercado imobiliário. O conjunto habitacional tem a mesma lógica – de conformação espacial de um bairro - porém, com habitações de interesse social, promovidas quase sempre pelo estado.

As pesquisas existentes definem características do bairro que indicam o senso de comunidade: uma observação preliminar permite verificar a existência de atividades, o local deve ter certa maturação, com um período superior a dez anos,

uma homogeneidade nas características socioeconômicas, bem como a relação de tempo de residência.

A partir dos dados disponibilizados pela Secretaria de Obras da cidade, pela Companhia de Habitação de Londrina – COHAB e no trabalho de Martins; Fresca (2005) foi realizada uma listagem dos conjuntos habitacionais. Por meio dessa sistematização, verificou-se que os CHIS mais antigos aprovados na cidade datam da década de 1970 – totalizando quinze nesse período.

Fez-se uma avaliação de observação da preexistência de um senso de comunidade em todos os bairros, proposta Buckner (1988). São consideradas três questões: 1) Percepção dos moradores da existência do senso de comunidade (participação em atividades, zelo com o bairro etc.); 2) Interesse em viver e permanecer no bairro; 3) Observação de interação entre moradores nas áreas do bairro: praças, comércios, igrejas etc. Essas questões foram relacionadas ainda como a síntese das principais informações dos conjuntos habitacionais (Quadro 12).

Quadro 12: Relação e dados de conjuntos da década de 1970

NOME	PROXIMIDADE	REGIÃO	APROV.	ENTREGA	N. UNIDADES HABITACIONAIS	POP. ESTIMADA (hab.)	PRÉ-SENSE
Presidente	X	Oeste	1976	x	75	225	Não
Vitória Régia	Mais próximo da zona sul	Leste	1970	1970	132	396	Sim
Das Flores	X	Sul	1970	1971	90	270	Sim
Charrua	X	Norte	X	1971	139	x	Sim
Pindorama I e II	X	Leste	1971	1972	169	744	Sim
Gávea	Sim - Bandeirantes ao lado	Oeste	1973	1973	65	195	Sim
São José II e III	X	Leste	1972	1973	105	315	x
São Pedro	X	Leste	1972	1973	105	x	Sim
Jerumenha	X	Sul	1972	1973	141	423	Não
Marumby	X	Oeste	1975	1976	92	276	Sim
Lauro Gomes - Bandeirantes	Sim - Gávea ao lado	Oeste	1977	1978	124	372	Sim
Ruy Virmond Carnascialli	X	Norte	1976	1978	722	2166	Não
Engenheiro Milton Gavetti	X	Norte	1977	1978	740	2220	Sim
São Lourenço	X	Sul	1977	1979	689	2069	Sim
Parigot I, II, III	X	Norte	1977	1979	1435	3525	Sim

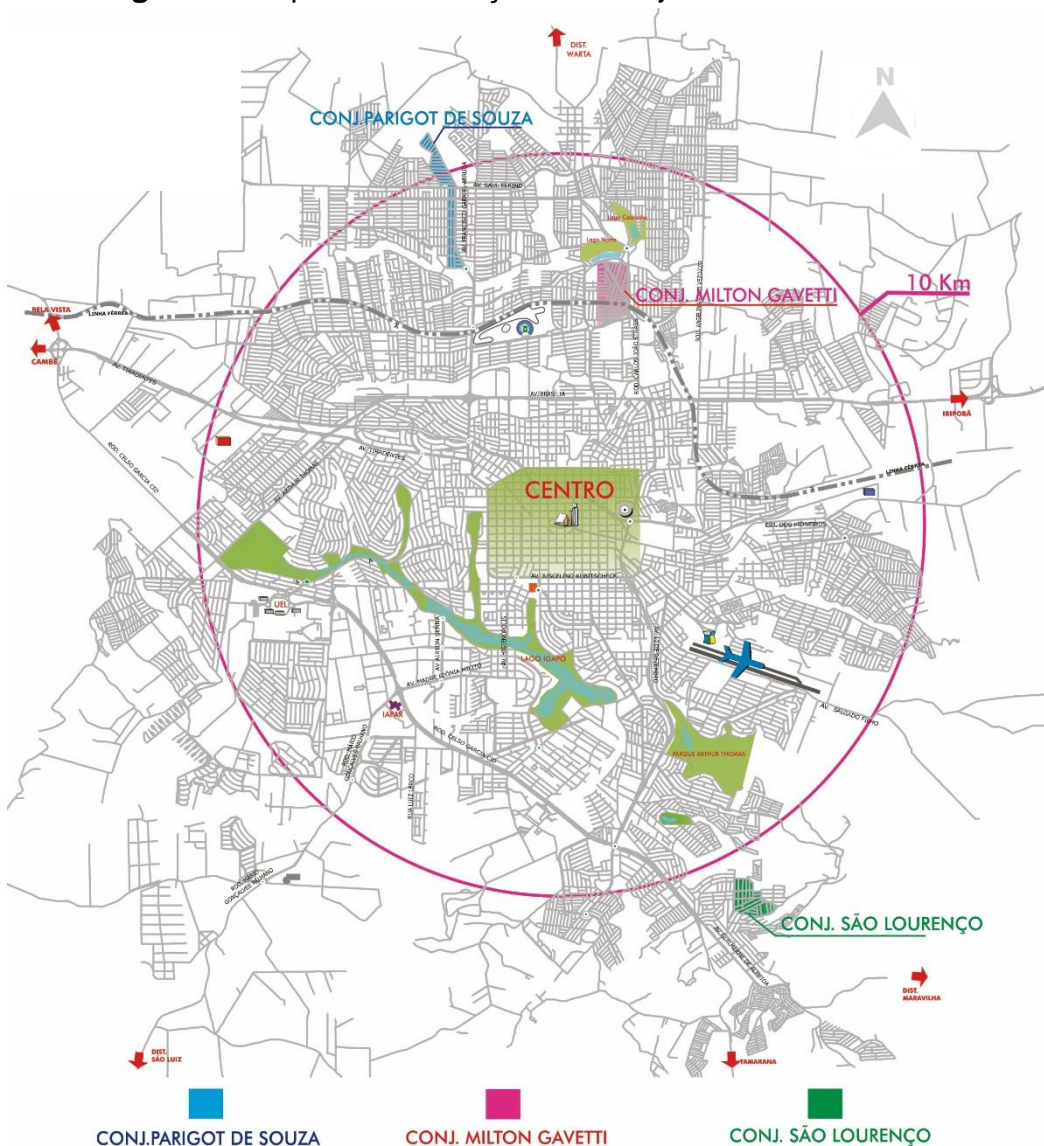
Fonte: Organizado pela autora, 2015.

Observou-se um número de pessoas e atividades na rua, praças e outras áreas públicas e semiprivadas (jardins, garagens, varandas, recuos frontais, etc.) nos finais de semana. Outra verificação foi a falta de existência de placas “vizinho

solidário” – movimento presente como estratégia de comunicação entre moradores para a vigilância no bairro.

Além das questões de homogeneidade, verificou-se o número de unidades habitacionais para a realização da análise estatística, estabelecendo aqueles conjuntos entre 500 e 1000 unidades. Portanto, as possíveis áreas para verificação do estudo de caso seriam: São Lourenço – 689 unidades na zona sul, Milton Gavetti - 740 unidades e Parigot I, II e III – 1435 unidades, ambos na zona norte (Figura 6).

Figura 6: Mapa de localização dos conjuntos na cidade de Londrina-PR



Fonte: IPPUL, Modificado pela autora, 2015.

A partir da seleção de áreas de habitação de interesse social para o estudo de caso, definiu-se o Conjunto Habitacional São Lourenço, em virtude da observação de maior número de moradores nos espaços públicos.

3.4 CARACTERIZAÇÃO DO ESTUDO DE CASO: CONJUNTO HABITACIONAL SÃO LOURENÇO

O conjunto São Lourenço foi aprovado em 1977 e entregue em 1979, pela COHAB. Situado na zona sul da cidade de Londrina-PR, está a aproximadamente 10 km do centro da cidade (Figura 7), com os seguintes limites: Rua Manoel de Souza Sobrinho (norte), Rua Roberto Conceição (oeste), Rua Delegado Matias Sampaio (sul) e Rua José Caetano de Oliveira e Francisco Boer (leste). O conjunto ainda faz divisa com área de fundo de vale a norte e sul, o Jardim Jatobá a leste, o Parque das Indústrias e o Parque Ouro Branco a oeste e, o Jardim Perobal, também a sul.

Figura 7: Mapa de localização do conjunto escala maior



Fonte: GOOGLE EARTH, Modificado pela autora, 2015.

O São Lourenço, assim como outras áreas de habitação de interesse social da cidade, está inserido no zoneamento ZR3, que permite o uso residencial e

de apoio no bairro, com comércio e serviços locais. Foi projetado e executado pela COHAB, com um total de 689 unidades e atualmente tem população estimada 2069 habitantes (COHAB, 2015).

A área total do parcelamento aprovado é de 500.765,31m². Pode-se afirmar que a configuração do conjunto São Lourenço é semelhante aos outros implantados nas regiões periféricas da cidade, exceto pela definição de área comercial existente desde seu projeto inicial (Figura 8).

Figura 8: Centro comercial projetado no conjunto – atual supermercado local



Fonte: Da autora, 2015.

As áreas referentes aos lotes compõem 33,02% do total, arruamento 19,40%, praças 0,26%, centro comercial de 1.929,66m², sendo 0,39%, áreas institucionais 3,50%, uma área verde com 5,20% - onde existe um campo de futebol e remanescentes de fundo de vale, totalizando 37,96% (Figura 9). Esse padrão é decorrente dos aspectos mínimos da legislação 6766/79 de parcelamento que, nos projetos, acabam de acordo com Carmona, et. al (2010) por se tornar valores máximos.

Figura 9: Localização dos espaços públicos e de equipamentos do conjunto



Fonte: GOOGLE EARTH, Modificado pela autora, 2015.

São três espaços caracterizados como praças, em formato triangular, padrão recorrente nos conjuntos habitacionais como “sobras” para ajustes na definição do parcelamento, de acordo com Ayoub; Kanashiro (2012): a primeira localizada no centro do bairro com uma academia ao ar livre, definida como AAL, a segunda localizada em frente à igreja católica no fim da avenida central e a terceira na extremidade contígua ao fundo de vale. De maneira similar, na extremidade norte foi construído um campo e futebol (Figura 10).

Figura 10: Espaços públicos de praça e campo de futebol do conjunto



Fonte: Da autora (praça 01, praça 03 e campo de futebol); Street View (praça 02), 2015.

Em relação aos equipamentos públicos, tem-se a creche e a escola; ambas atendem à demanda do conjunto e, no caso da escola estadual com mais de 300 de vagas, entre educação infantil e Cebeja – alfabetização fundamental para adultos (PML-Secretaria de Educação, 2015), seu raio de abrangência ultrapassa os limites do bairro (Figura 11).

Figura 11: Equipamentos educacionais do conjunto



Fonte: Da autora, 2015.

Existem 03 igrejas no conjunto, 01 presbiteriana, 01 católica e 01 adventista (Figura 12). A igreja católica, apesar de estar localizada oficialmente no Jardim Jatobá, limite leste do bairro, é denominada Paróquia São Lourenço, visto que tal denominação reforça a utilização pela população local. A igreja presbiteriana localiza-se no limite do bairro, ao sul na divisa com o Jardim Perobal, e uma residência foi reformada para o estabelecimento da igreja adventista na Rua Jorge Bounassar.

Figura 12: Instituições religiosas do conjunto



Fonte: Da autora (presbiteriana e adventista); Google Street View (católica), 2015.

Em relação às unidades habitacionais, o padrão entregue caracterizava-se por alvenaria convencional, em casas térreas, com aproximadamente 50m², em lotes majoritariamente de 200m² implantados em 27 quadras extensas. Contudo, as alterações nas unidades são facilmente observadas. Kowaltowski; et. al (2005) relatam que é comum o aumento das áreas existentes da edificação, como garagem, muros etc. Em alguns casos, a habitação resultante pouco remete ao original, rompendo com a monotonia inicial do conjunto.

Essas intervenções revelam a adaptação das unidades dada à insuficiência dos espaços mínimos projetados, bem como a personalização da moradia pelos novos proprietários.

Foi aplicada uma fórmula para estratificação de amostra aleatória, utilizando-se o programa estatístico “R”, com base no número de unidades – 689. O programa indicou 247 lotes para aplicação do instrumento. Pela extensa área de análise e número de lotes, os questionários e levantamentos foram aplicados em duas etapas - E1: no período de junho a agosto e E2: no período de novembro a janeiro (Figura 13).

Figura 13: Mapa com a definição da seleção dos lotes e etapas.



Fonte: Organizado pela autora, 2015.

No mapa, estão demarcados os lotes selecionados pelo programa. Em 10 unidades, por não haver morador, no momento da aplicação da pesquisa, foram substituídos sempre pelo próximo à direita ou à esquerda. Assim, os questionários foram entregues diretamente aos moradores, como sugerido em algumas pesquisas. Na entrega, era realizada uma explicação detalhada do instrumento, no entanto, a partir da observação de certa dificuldade do entrevistado, quer seja por idade avançada, dificuldade em escrever, algum tipo de deficiência, optou-se pela entrevista direta.

Os dados obtidos foram sistematizados no programa Excel e, para as análises, gráficos e os modelos estatísticos utilizou-se o programa IBM SPSS *Statistics*. As relações de análise foram divididas em três partes – a) Caracterização da comunidade; b) Observação de características comportamentais e de interação no espaço; c) Relação de elementos espaciais.

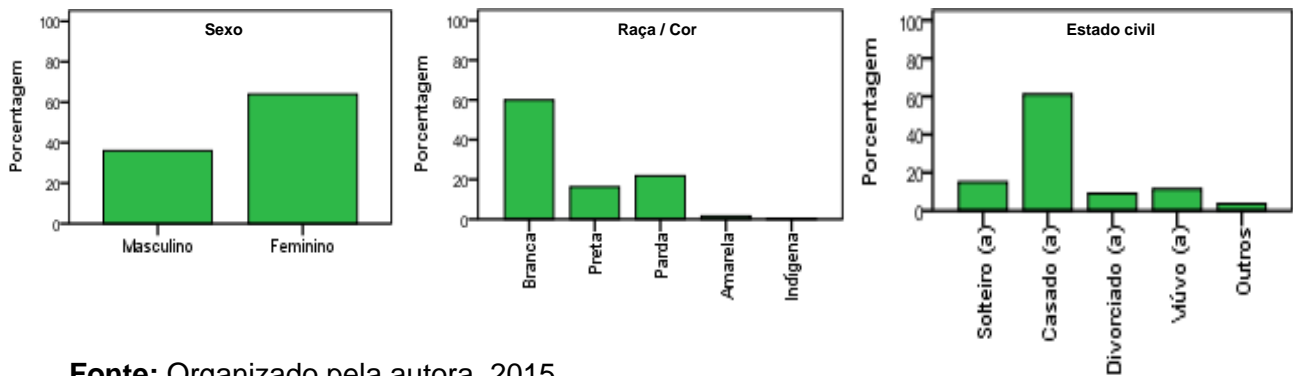
A seguir serão apresentados os dados extraídos dos questionários para a análise dos resultados finais, com base na aplicação dos 247 questionários, divididos em três categorias de análise: socioeconômico, comportamental e espacial, de acordo com as pesquisas existentes.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO

4.1 ANÁLISE SOCIOECONÔMICA

Em relação aos aspectos socioeconômicos, a maioria dos respondentes é do sexo feminino (64,0%) e afirmaram a raça branca (59,9%) ou parda (21,9%). Questionadas quanto ao estado civil, 61,1% são casadas (Gráfico 1).

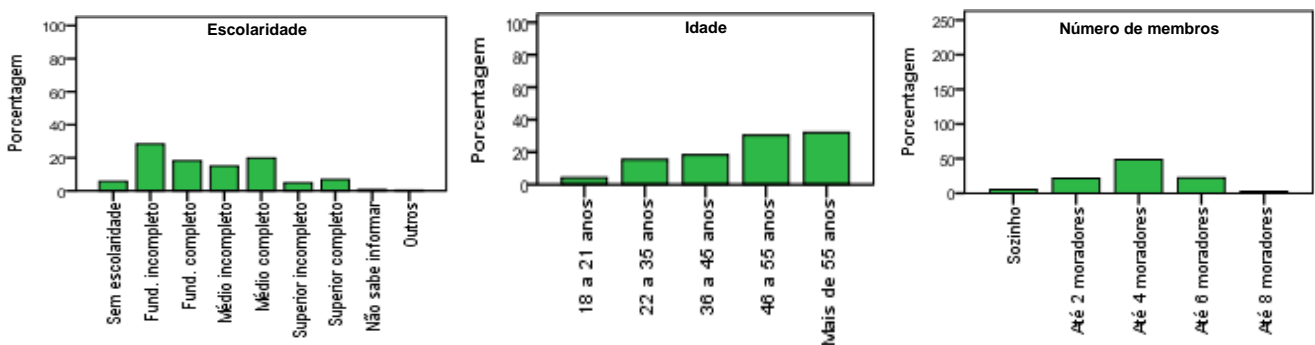
Gráfico 1: Sexo, raça/cor e estado civil dos entrevistados.



Fonte: Organizado pela autora, 2015.

A predominância de faixa etária encontra-se acima de 46 anos, com 32,0% além de 55 anos e 30,4% entre 46 e 55. Apesar do grau de escolaridade apresentar certa estratificação, observa-se um maior percentual de pessoas com o fundamental incompleto (28,3%). As famílias são constituídas, em geral, por “3 a 4” membros (48,5%), no entanto, existem unidades que abrigam desde um até oito moradores (Gráfico 2).

Gráfico 2: Escolaridade, idade e número de membros.



Fonte: Organizado pela autora, 2015.

Os aspectos socioeconômicos apontados por Glynn (1981) Skajaeveland; et. al (1996), Rogers; Sukolratanamettee (2009), são fatores não ambientais. Estes autores acrescentam que homogeneidade social desempenha um papel importante para a construção do senso de comunidade. Nesse sentido, no Conjunto São Lourenço, observa-se um padrão social na predominância de mulheres acima de 46 anos, com família constituída de 4 pessoas e grau de escolaridade similar.

Pesquisas como a de Appleyard (1981) apontam uma proporcionalidade relacionada ao número de crianças no bairro e maior interação social nas áreas públicas. No conjunto, foi relatada a existência de 238 menores de idade, classificados nas seguintes faixas etárias: de 0 até 5 anos, de 6 a 12 anos e de 13 a 18 anos. Identificaram-se 145 famílias com crianças (58,7%), sendo que 29 dessas possuem crianças em mais de uma faixa etária, como apresenta a tabela a seguir (Tabela 1).

Tabela 1: Dados sobre o número de crianças por famílias

FAIXA ETARIA	Nº CRIANÇAS	Nº FAMÍLIAS
0-5 ANOS	39	32
6-12 ANOS	104	76
13-18 ANOS	95	66
TOTAL	238	145*

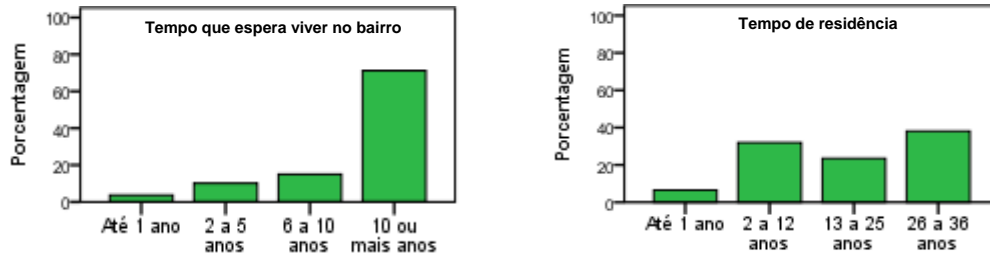
Fonte: Organizado pela autora, 2015.

Outro aspecto importante é a temporalidade necessária para a consolidação nas relações de proximidade. Os dados revelam o percentual de entrevistados que vivem no bairro: há menos de 1 ano (6,5%), entre 1 e 12 anos (32,0%), de 13 a 25 anos (23,5%) e de 26 a 35 anos (38,1%). De acordo com Skajaeveland; et. al (1996), o tempo de consolidação de laços entre as pessoas é maior que 10 anos. Somando-se os moradores que vivem há mais de 13 anos no bairro, tem-se o percentual de 61,60%, referente a 152 entrevistados.

Glynn (1981); Chavis; et, al (1986) relacionam o tempo de convivência como parâmetro positivo à permanência e interação no bairro. A expectativa em

permanecer no bairro é de 10 anos ou mais, entre 71,3% dos entrevistados. O tempo de moradia e a expectativa de viver no bairro são apresentados no gráfico 3.

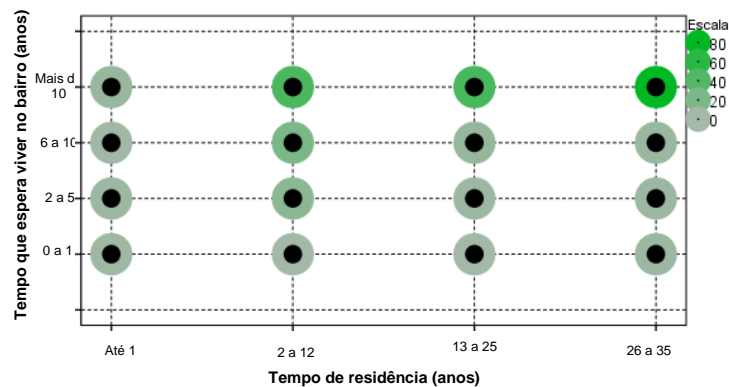
Gráfico 3: Expectativa em viver no bairro e tempo de residência



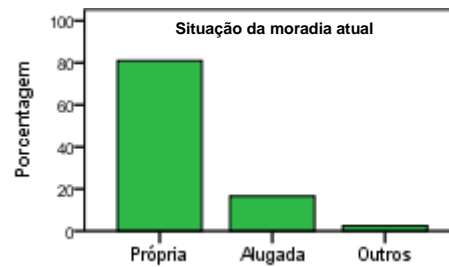
Fonte: Organizado pela autora, 2015.

Fez-se um gráfico de dispersão para correlacionar esses dois fatores: tempo de residência e expectativa de permanecer no bairro. Verifica-se que, a partir de 02 anos de moradia, os entrevistados afirmaram ter a expectativa de permanecer no São Lourenço mais de 10 anos (Gráfico 4). Tal fato pode estar relacionado à questão de situação de moradia atual, visto que 200 dos entrevistados (81,0%) são proprietários de suas residências (Gráfico 5).

Gráfico 4: Relação entre expectativa de viver no bairro e tempo de residência

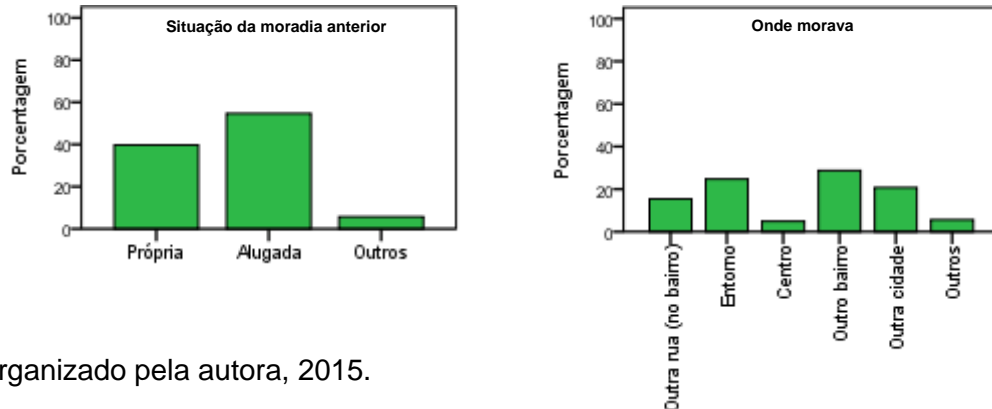


Fonte: Organizado pela autora, 2015.

Gráfico 5: Situação de moradia

Fonte: Organizado pela autora, 2015.

No questionário, considerou-se importante verificar o local da moradia anterior dos entrevistados: 54,7% vieram de casas alugadas e 39,7% de casas próprias. Muitos vieram de outros bairros distantes (28,7%) e de outras cidades (22,5%). Um fator observado é a proximidade da moradia prévia: 20,6% moravam no entorno do bairro e 15,4% em outra rua do próprio bairro. Poucos relatam ter vindo do centro da cidade e de outras localidades, como áreas rurais (Gráfico 6).

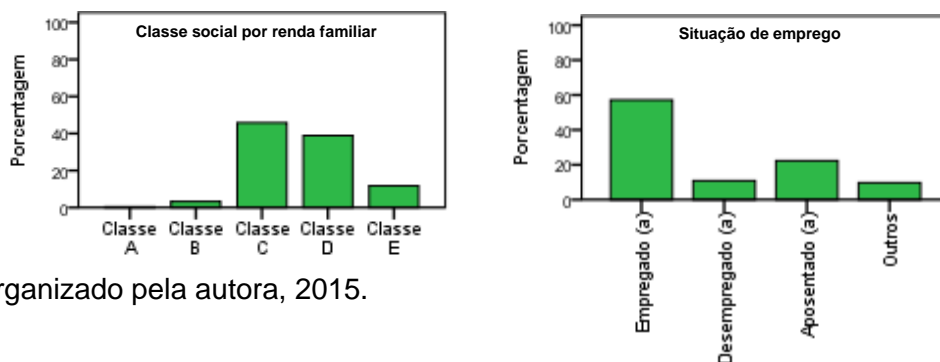
Gráfico 6: Situação e localização de moradia anterior

Fonte: Organizado pela autora, 2015.

Passados 36 anos da implantação do Conjunto São Lourenço, o fator temporalidade e propriedade transformaram os padrões iniciais das unidades, perdendo-se a paisagem monótona e repetitiva dos conjuntos habitacionais. As pesquisas de Almeida; Silva; Günther (1996) nas cidades satélites e de Kowaltowski; et. al (2005) nos conjuntos habitacionais afirmam que as alterações das unidades estão vinculadas à condição financeira de cada família.

Foi questionada a renda familiar dos moradores utilizando como referência os estratos das classes sociais da FGV e do IBGE⁴: 45,7% dos moradores entrevistados pertencem à Classe “C” - entre 4 a 10 salários mínimos mensais. A fonte de renda é de trabalho fixo em relação a 57,1% dos moradores. 22,3% estão aposentados e apenas 10,9% afirmam estar desempregados. Um percentual de 6,2% de donas de casa se identifica como “outros” (Gráfico 7).

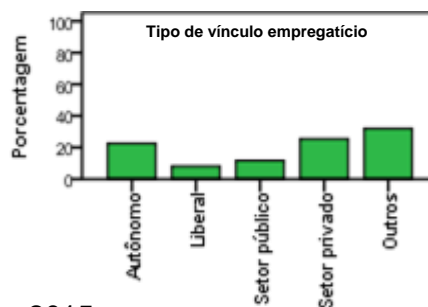
Gráfico 7: Classe social e situação de emprego



Fonte: Organizado pela autora, 2015.

Os entrevistados foram questionados sobre o perfil e tipo de vínculo empregatício (Gráfico 8). Identificaram-se microempresários, vendedores, professores, empregados domésticos, prestadores de serviço etc. Definem-se em atuando no setor privado (25,5%), autônomos (22,7%), funcionários do setor público (11,7%) e profissionais liberais – vinculados a algum conselho de classe ou órgão regulador (8,1%), no entanto, 32,00%, não souberam classificar.

Gráfico 8: Tipo de vínculo empregatício



Fonte: Organizado pela autora, 2015.

⁴ A divisão por classe social tem por base o número de salários mínimos, pela soma da renda total da família. O Centro de Políticas Sociais – CPS da FGV e o IBGE estabelecem as seguintes classes pelo número de salários mínimos: A – acima de 20, B – 10 a 20, C – 4 a 10, D – 2 a 4 e E – de 0 a 2.

Outro fator observado nas entrevistas é presença de meios de transporte particulares: carro, motocicleta e bicicleta (Tabela 2). Dos moradores entrevistados, 184 (74,5%) dizem possuir algum tipo de veículo na família e, dentre as famílias, 61 possuem mais de um tipo de veículos. A bicicleta aparece quase sempre vinculada à questão de lazer, não como meio de transporte.

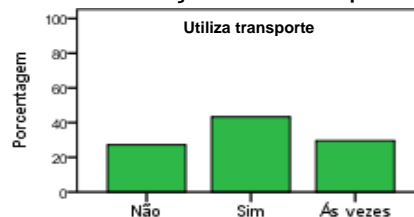
Tabela 2: Relação dos tipos de veículos por famílias

TIPO DE VEÍCULO	Nº VEÍCULOS	Nº FAMÍLIAS
CARRO	186	156
MOTO	93	82
BICICLETA	13	7
TOTAL	292	184*

Fonte: Organizado pela autora, 2015.

Embora quase 80% dos moradores sejam proprietários de veículos individuais, observa-se que muitos utilizam o transporte público: 43,3% deslocam-se frequentemente e 29,6% de vez em quando (Gráfico 9).

Gráfico 9: Utilização de transporte público



Fonte: Organizado pela autora, 2015.

Os aspectos socioeconômicos revelam que o Conjunto São Lourenço apresenta uma homogeneidade social na predominância de mulheres, acima de 46 anos, casadas, com família constituída de 4 pessoas e grau de escolaridade similar. As famílias são predominantemente da classe C, com emprego fixo e, apesar de possuírem veículos, utilizam transporte público. A presença de crianças acima de 6 anos é observada com maior frequência. A maioria é proprietária da residência e tem

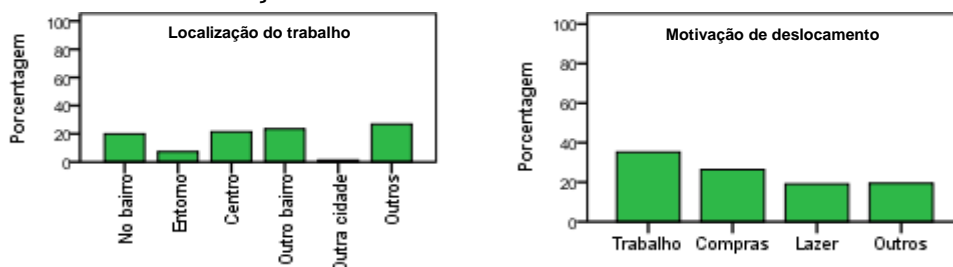
expectativa de viver no bairro mais de 10 anos. Tal fato associado à moradia anterior ser próxima ao local são indícios de territorialidade e apego ao lugar.

4.2 ANÁLISE COMPORTAMENTAL

A segunda dimensão analítica é a comportamental. No entanto, essa questão está correlacionada às características da avaliação socioeconômica. Primeiramente, a maioria dos entrevistados possui veículos particulares e utiliza transporte público, porém, foi verificado que o deslocamento a pé é frequente no bairro. Segundo relato dos entrevistados, as situações de caminhada são para “afazeres básicos do dia a dia – ir à padaria, levar crianças à escola, sacolão etc.”.

Chavis; et. al (1986) Hunter, (1975); Glynn, (1981) avaliam as necessidades dos deslocamentos dos moradores. No São Lourenço, os moradores relatam ter de se locomover do bairro, em geral, por motivo de trabalho (35,2%). Considera-se ainda um segundo nível dos deslocamentos: as pessoas que deixam o bairro por motivo de compras (26,3%). A maioria das pessoas, 23,5%, afirma trabalhar no centro, 21,5% em outros bairros e 19,8% dentro do bairro; 26,7% classificou como “outros” - não especificaram o local, sendo esses a maioria aposentados, os dados são apresentados no Gráfico 10.

Gráfico 10: Verificação do local de trabalho e motivos de deslocamento



Fonte: Organizado pela autora, 2015.

As pesquisas demonstram que o deslocamento a pé pode ser um fator para o desenvolvimento do senso de comunidade, atividade que é observada no conjunto (Figura 14). Esse tipo de deslocamento está vinculado à existência de atividades externas ou ao uso do solo misto, como tratam as pesquisas de Kowaltowski, et. al, (2006); Cantillon; et. al, (2003); Nasar; Julian, (1995).

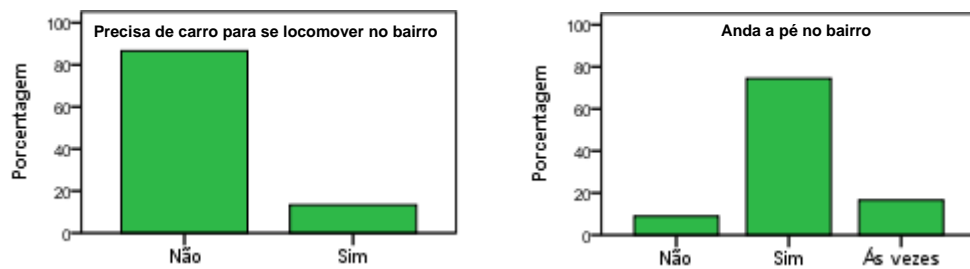
Figura 14: Pessoas andando “a pé” no bairro.



Fonte: Da autora, 2015.

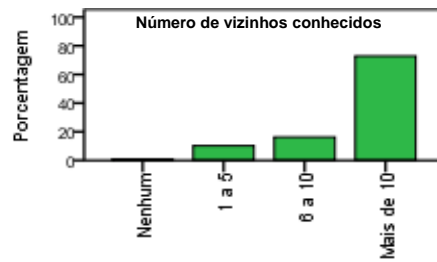
Assim, os entrevistados foram questionados e 74,5% afirmam andar a pé no bairro para se deslocarem nas proximidades, além de não precisar de carro para se locomover no conjunto (86,6%), como apresenta o Gráfico 11.

Gráfico 11: Necessidade de automóvel no bairro e “andar a pé”



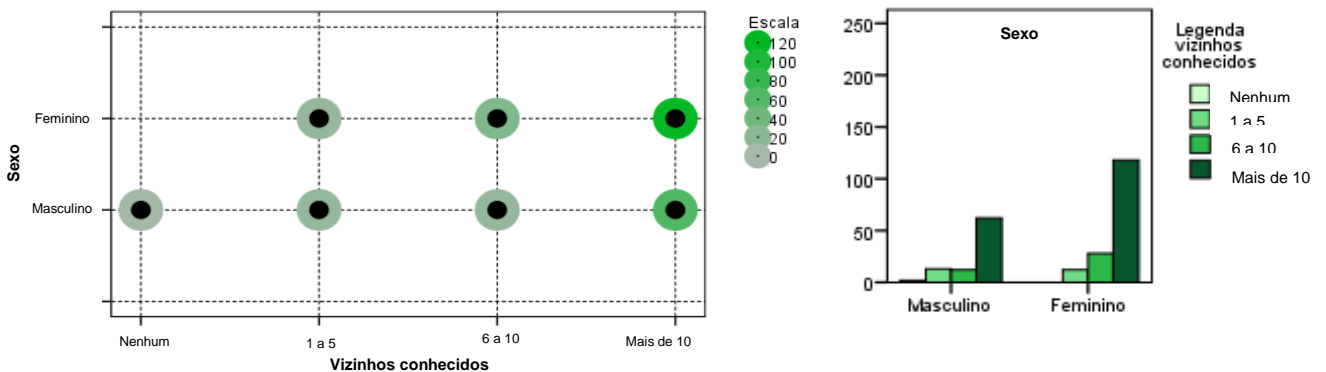
Fonte: Organizado pela autora, 2015.

Uma das estratégias de análise das interações sociais é a quantificação do número de moradores conhecidos. Dos entrevistados, 72,9% relatam “conhecer de mais de 10 vizinhos” (gráfico 12).

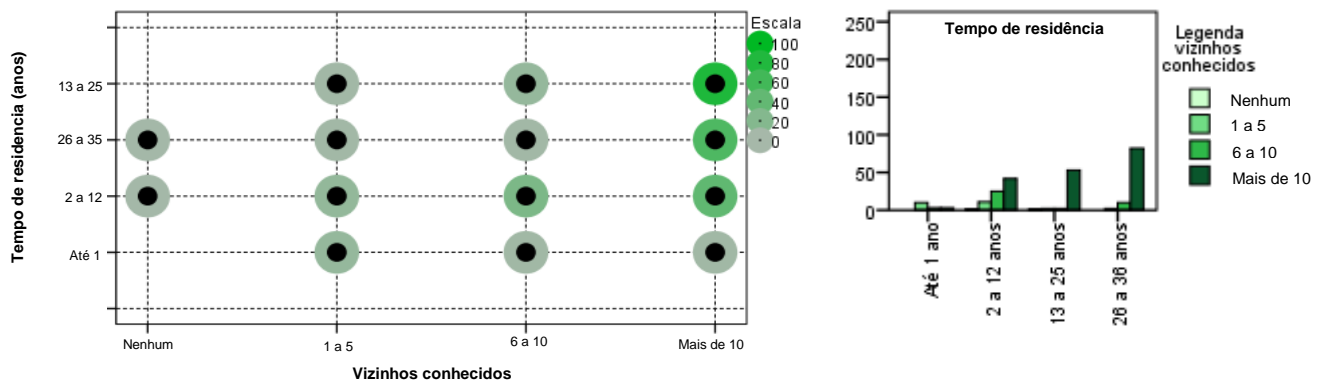
Gráfico 12: Percentual de pessoas pelo número de vizinhos conhecidos

Fonte: Organizado pela autora, 2015.

Buscou-se associar duas relações com o número de vizinhos conhecidos: a primeira, com o gênero do entrevistado, e a segunda com o tempo de moradia (Gráficos 13 e 14). A análise dos gráficos revela que as mulheres conhecem um maior número de vizinhos, e aqueles moradores mais antigos possuem um maior número indicado de interações sociais.

Gráfico 13: Relação entre vizinhos conhecidos e sexo dos entrevistados

Fonte: Organizado pela autora, 2015.

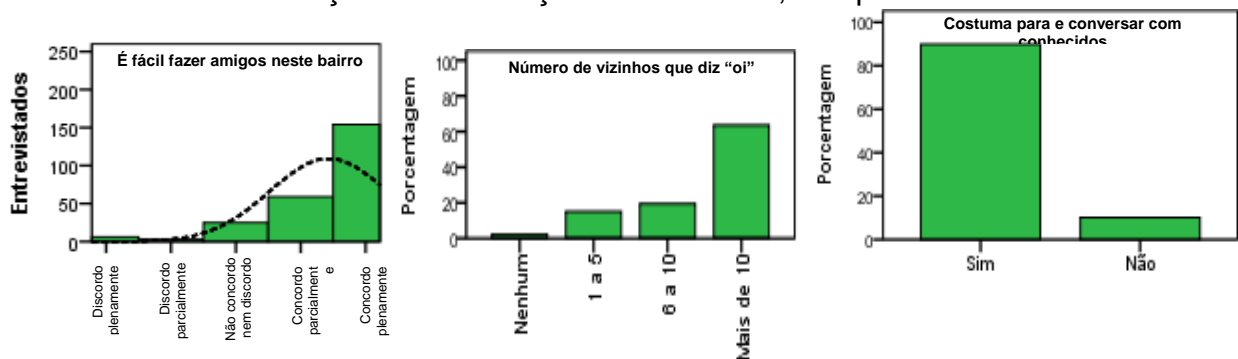
Gráfico 14: Relação entre vizinhos conhecidos e tempo de moradia

Fonte: Organizado pela autora, 2015.

As pesquisas sugerem uma gradação das interações sociais na vizinhança, que varia desde um simples cumprimento até a frequência de realizar visitas, para avaliação da construção do senso de comunidade.

Uma das questões aponta para a percepção sobre a facilidade em fazer amigos no bairro e 62,3% dos entrevistados “concordam plenamente”. O gesto de cumprimentar o vizinho foi questionado nas seguintes escalas: nenhum; de 1-5; 6-10; e mais de 10, e os resultados foram 2,0%; 15,0%, 19,4% e 63,6%, respectivamente. Portanto, a maioria dos moradores sempre diz “oi” para seus vizinhos e, desses, 89,9% ainda afirmam parar e conversar (Gráfico 15).

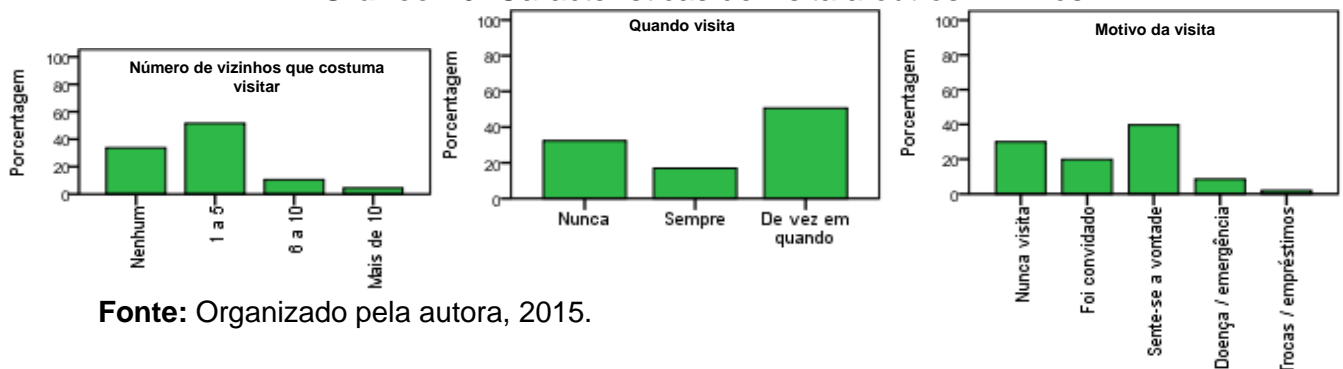
Gráfico 15: Relação de construção de amizades, cumprimentar e conversar.



Fonte: Organizado pela autora, 2015.

O ato de fazer visitas, em outra gradação de interação social, relaciona-se às questões de quantos, quando e o propósito. A maioria afirma ter costume de visitar “de uma a cinco pessoas” (51,4%), com uma frequência “de vez em quando” (50,6%) e relatam que o fazem porque “sentem-se à vontade” (39,7%) ou “foi convidado” (19,8%) (Gráfico 16).

Gráfico 16: Características de visita a outros vizinhos

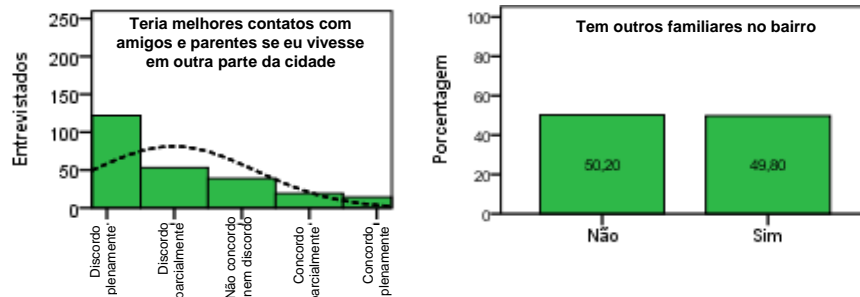


Fonte: Organizado pela autora, 2015.

De acordo com Glynn (1981) e Skjæveland; et. al (1996), um aspecto que pode indicar maior senso de vizinhança entre moradores, é a presença de outros familiares residindo no mesmo bairro. Quase a metade dos entrevistados (49,8%) alegou ter pessoas da família na vizinhança, fato que infere o conjunto habitacional São Lourenço como uma comunidade familiar.

Foi feita uma pergunta complementar, referente a esta discussão: teria melhores contatos com amigos e com a família se vivessem em outra área da cidade? A maioria, 49,4%, discorda dessa proposição, delineando o estabelecimento de interações sociais no bairro (Gráfico 17).

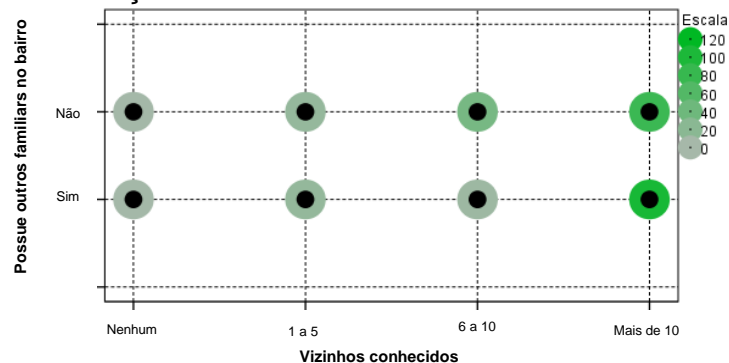
Gráfico 17: Familiares no bairro e concordância sobre contatos



Fonte: Organizado pela autora, 2015.

O gráfico de dispersão, a seguir (Gráfico 18), apresenta a relação entre a variável das pessoas que possuem familiares no bairro e o a do número de vizinhos conhecidos. Nota-se que em ambos os casos afirmam ter parentes no bairro, e aqueles que não possuem conhecem mais de dez vizinhos.

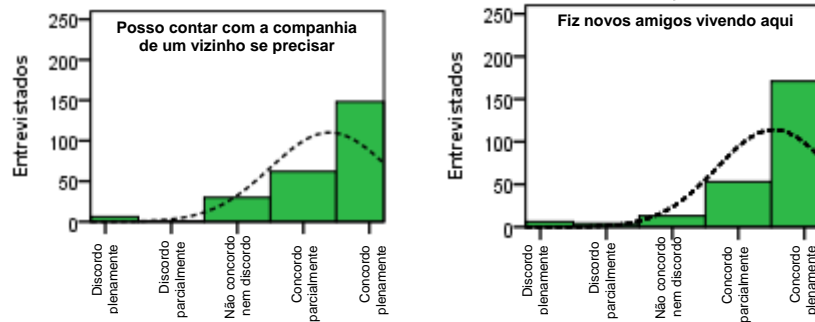
Gráfico 18: Relação entre familiares no bairro e vizinhos conhecidos



Fonte: Organizado pela autora, 2015.

Confirma-se o percentual de pessoas que “concordam plenamente” que fizeram novos amigos vivendo no bairro (69,2%). A maioria (59,9%) considera “poder contar” com outros vizinhos para ter um pouco de companhia ou conversar, mesmo que esses nem sempre sejam parentes próximos (Gráfico 19).

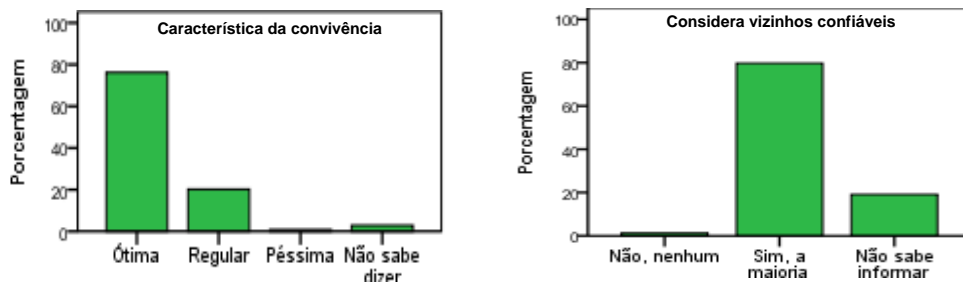
Gráfico 19: Possibilidade de contar com vizinhos e relação de novas amizades



Fonte: Organizado pela autora, 2015.

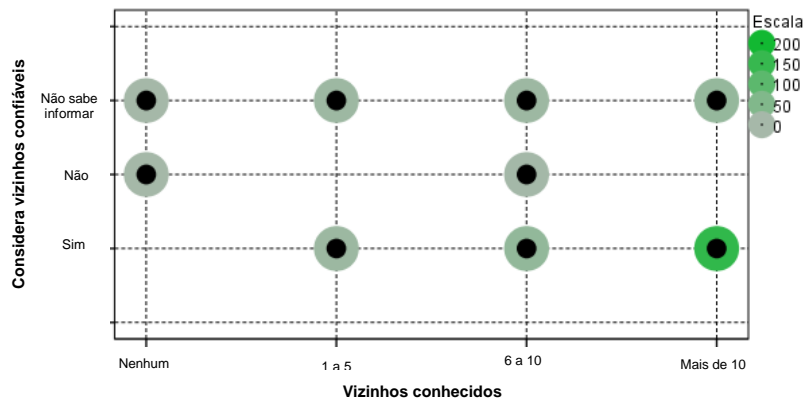
Essa boa relação de vizinhança é apontada também na resposta predominante, em que 76,1% dos entrevistados conceitua como “ótima” a convivência com os vizinhos, além de 79,8% considerar a maior parte deles pessoas de confiança (Gráfico 20).

Gráfico 20: Características de convivência entre vizinhos

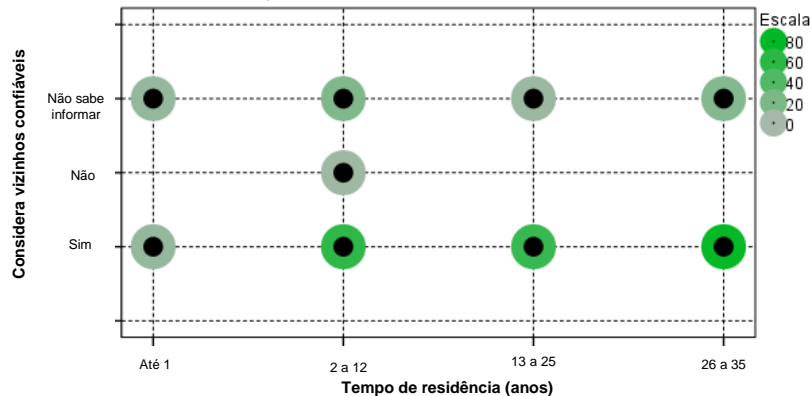


Fonte: Organizado pela autora, 2015.

Uma sobreposição foi realizada considerando a confiabilidade das pessoas em relação ao número de vizinhos conhecidos e o tempo de residência. Verifica-se que a temporalidade é um fator importante, visto que os moradores mais antigos consideram os vizinhos confiáveis, por outro lado, os entrevistados que conhecem um menor número de pessoas não sabem opinar sobre a convivência no bairro (Gráficos 21 e 22).

Gráfico 21: Relação entre número de conhecidos e confiança

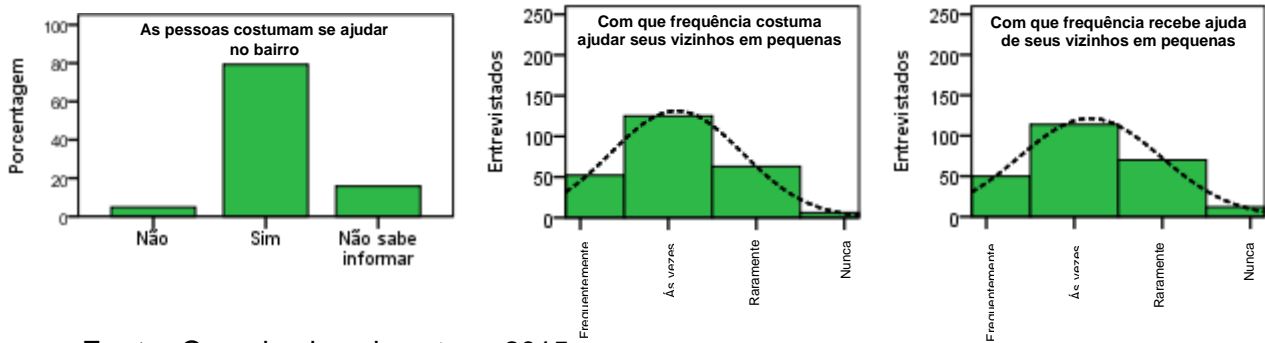
Fonte: Organizado pela autora, 2015.

Gráfico 22: Relação entre tempo de residência e confiança

Fonte: Organizado pela autora, 2015.

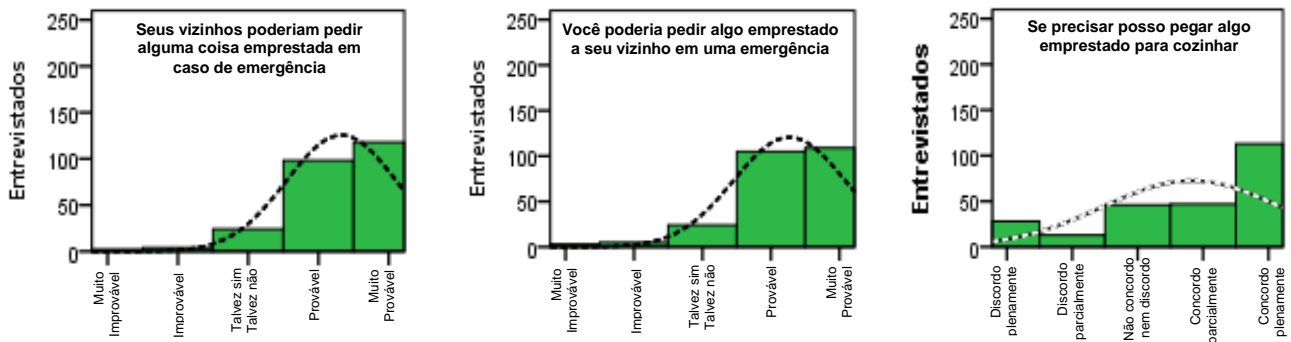
Nesse sentido, algumas pesquisas observam que o aumento dos níveis de confiança interpessoal e de reciprocidade está relacionado ao chamado “capital social”. Segundo definição por Lochner (1999), esse é sedimentado a partir de valores culturais e sociais transmitidos por uma vivência e pela relação interpessoal em um grupo. De forma similar, Sukolratanametee (2006) e Granovetter (1973) referem que os laços afetivos indicam um senso de ajuda mútua, fator que pode contribuir para o sentido de comunidade.

No São Lourenço a maioria, 79,4%, afirma existir a ajuda mútua entre os moradores do bairro. Em escala de frequência, 51,0% declara “às vezes” ajudar os vizinhos em pequenas coisas e, em contrapartida, 46,2% alega que “às vezes” recebe ajuda (Gráfico 23).

Gráfico 23: Frequência de ajuda mútua entre moradores

Fonte: Organizado pela autora, 2015.

Outro aspecto de verificação nas pesquisas se refere a solicitar algo emprestado. Na escala de avaliação, observa-se que 47,8% dos entrevistados relatam ser "muito provável" que seus vizinhos poderiam pedir, em caso de uma situação de dificuldade. Em compensação, 44,1% também consideram "muito provável" que seus vizinhos lhe emprestariam algo ou ajudariam em situações de emergência. E, por fim, 45,7% "concordam plenamente" que poderiam buscar algo emprestado com um vizinho, se precisassem (Gráfico 24).

Gráfico 24: Relações de empréstimo entre vizinhos

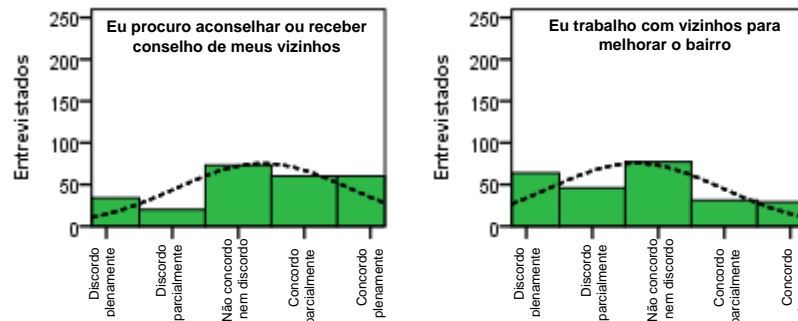
Fonte: Organizado pela autora, 2015.

As solicitações de assistência entre moradores também são averiguadas para ponderação da existência de senso de comunidade, por exemplo: cuidar da casa em caso de ausência, cuidar dos filhos em alguma situação emergencial e recolher correspondência. No caso do São Lourenço, identifica-se que 44,9% dos moradores consideram "muito provável" ajudar vizinhos em pequenas ocorrências (Gráfico 25).

Gráfico 25: Situação de ajuda

Fonte: Organizado pela autora, 2015.

Observam-se relações limites quando se trata de interferência direta na vida dos vizinhos ou no bairro. Por exemplo, 29,6% dizem “não concordar nem discordar” sobre se aconselham ou recebem conselho dos vizinhos. Entre os entrevistados, 31,2% “não concordam nem discordam” que trabalham com vizinhos para ajudar em melhorias no conjunto (Gráfico 26).

Gráfico 26: Aconselhar vizinhos e trabalhar em conjunto pelo bairro

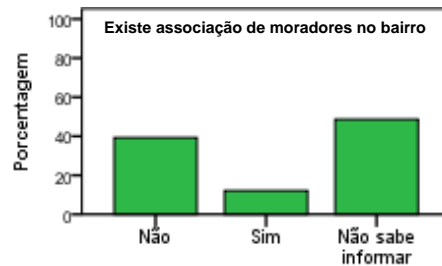
Fonte: Organizado pela autora, 2015.

Em relação à ajuda entre vizinhos enquanto organização e pelo “bem” da comunidade, sabe-se que, em contexto nacional, são várias as áreas residenciais, principalmente em conjuntos habitacionais, que possuem associações de moradores. De acordo com Silveira (1998), são instituições internas em que a questão social e as necessidades a serem supridas mobilizam os moradores a auto-organização na defesa de interesses comuns.

Em Londrina, as associações de moradores – AMs – surgiram nos CHIS, na década de 1970, por influência direta da COHAB (SILVEIRA, 1998). No entanto,

atualmente é necessária uma normatização específica dessas organizações. No questionamento sobre a associação no bairro São Lourenço, a maior parte dos entrevistados (48,6%) não sabe afirmar sua existência ou mesmo alegam sua não efetivação na área (39,3%) (Gráfico 27).

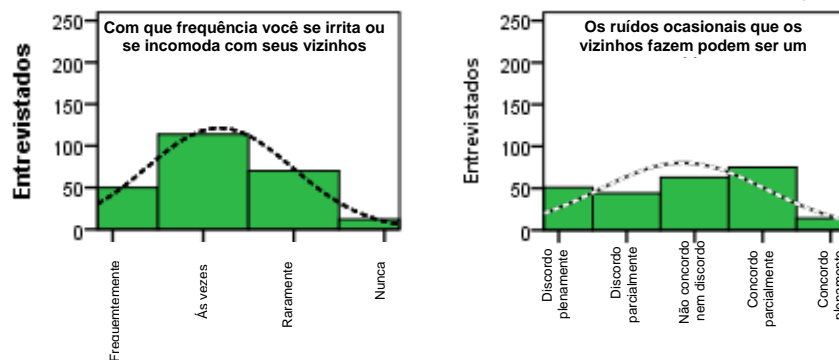
Gráfico 27: Existência de associação de moradores



Fonte: Organizado pela autora, 2015.

Foi perguntado aos entrevistados sobre as situações geradas por incômodos entre os vizinhos. Em um primeiro ponto 51,8% disseram “raramente” se aborrecer ou se irritar com alguma atitude de seus vizinhos. No entanto, ruídos ocasionais em excesso foram apontados “concorda parcialmente” por 30,4% dos entrevistados (Gráfico 28).

Gráfico 28: Características de incômodo com a vizinhança

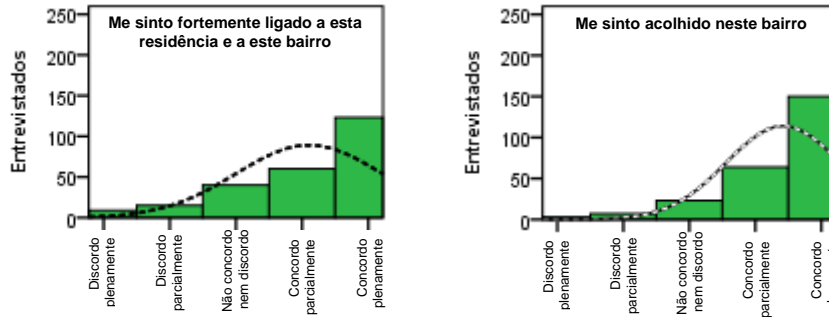


Fonte: Organizado pela autora, 2015.

Entre as últimas relações na dimensão comportamental estão o sentimento de afetividade e apego ao lugar. Os entrevistados “concordam plenamente” que se sentem acolhidos no bairro (60,7%) e, como complementação dessa afirmação, a maioria “concorda plenamente” que se sente vinculado ao local de

moradia e ao bairro (49,8%) demonstrando o sentimento de pertencimento (Gráfico 29).

Gráfico 29: Relações de apego e afetividade

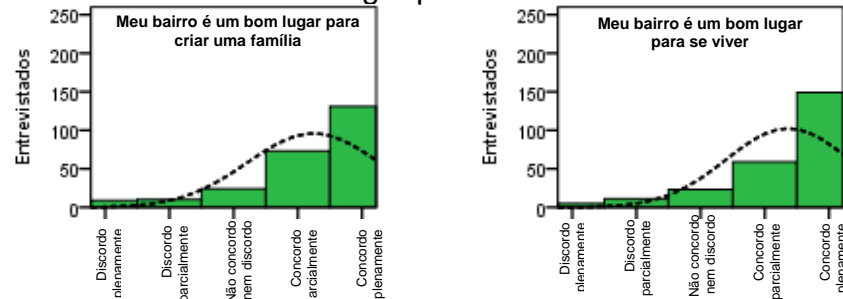


Fonte: Organizado pela autora, 2015.

Existem componentes de satisfação pessoal em morar em uma determinada área residencial que, de acordo com Fried (1984), são locais de contatos sociais favorecendo o senso de comunidade, que é um dos componentes críticos de satisfação individual, da família e, conseqüentemente, do bairro.

No caso do São Lourenço, é possível observar que 60,3% dos entrevistados relatam “concordar plenamente” que o bairro é um bom lugar para se viver. Em um detalhamento da pergunta, 44,9% dos entrevistados “concordam plenamente” que o bairro em que vivem é um bom lugar para estabelecer e morar com a família, somados a 39,3% que “concordam parcialmente” com essa afirmação (Gráfico 30).

Gráfico 30: Bairro como lugar para estabelecer família e viver

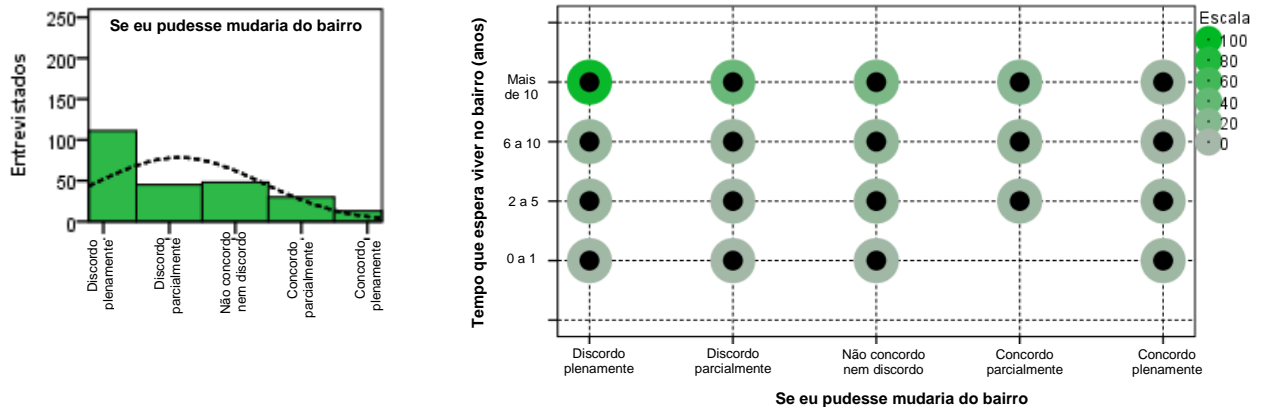


Fonte: Organizado pela autora, 2015.

Nessa sequência de satisfação, a maior parte admite assinalar positivamente às questões locais e 44,9% “discordam plenamente” da possibilidade

de se mudar de bairro. No gráfico de dispersão é possível relacionar essa questão ao tempo que as pessoas esperam viver no bairro. A maioria das pessoas que pretendem viver de 10 anos ou mais no conjunto “discorda plenamente” que se mudariam do local se pudessem (Gráfico 31).

Gráfico 31: Possibilidade de mudança do bairro



Fonte: Organizado pela autora, 2015.

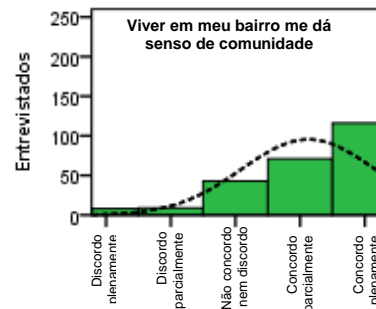
Assim, 96,8% dizem estar satisfeitos em viver no bairro e foram questionados sobre as razões. Relatam fatores como: proximidade com a área central e fácil acesso, ter serviços básicos oferecidos no bairro, proximidade com amigos e parentes, ser um lugar limpo, estar satisfeitos com a moradia ou mesmo por estarem estabelecidos há muito tempo (Gráfico 32).

Gráfico 32: Satisfação em morar no bairro



Fonte: Organizado pela autora, 2015.

O último dado dessa abordagem faz referência direta com o senso de comunidade. Os respondentes avaliaram “concordar plenamente” sobre a existência do senso no bairro (47,0%), somados ainda aos que “concordam parcialmente” com a afirmação (28,7%) (Gráfico 33).

Gráfico 33: Concordância sobre o senso de comunidade

Fonte: Organizado pela autora, 2015.

Os dados apontados da dimensão comportamental revelam que a maioria conhece mais de 10 vizinhos no bairro e que esta proporção tende a aumentar de acordo com o tempo de moradia. Existem gradações para mensurar uma boa relação de vizinhança: o simples cumprimento, parar para conversar, visitar vizinhos. No São Lourenço, quase todos dizem “oi” e 89,9% ainda afirmam parar para conversar. As visitas ocorrem entre vizinhos em 51,4% e na mesma intensidade alegam contar com os vizinhos como companhia ou mesmo conversar. A maioria dos moradores declara ter uma ótima vizinhança (76,1%), sendo compatível com as respostas de ajuda mútua e não ter situações de incômodo entre vizinhos. Vale o destaque que, no estudo de caso, quase metade dos moradores possuem familiares no bairro e nas proximidades, além de se deslocarem a pé no conjunto – fator associado ao desenvolvimento das interações sociais. Foi constatado um alto índice de satisfação em morar no São Lourenço e os moradores alegam existir senso de comunidade. Assim, observou-se o sentimento de territorialidade, afetividade e apego ao lugar, que, de acordo com Cantillon; et. al (2003), são componentes essenciais para a construção do sentimento de comunidade.

4.3 ANÁLISE FÍSICO-ESPACIAL

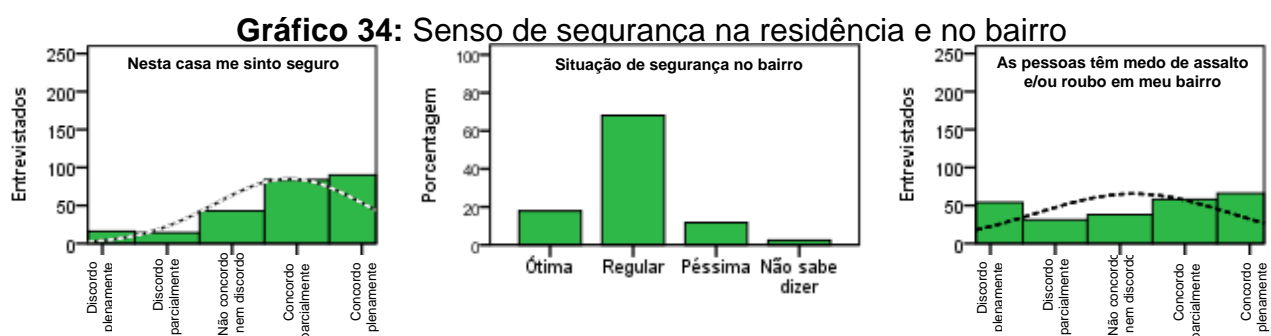
As pesquisas existentes inserem vários elementos físicos e/ou espaciais relacionados ao senso de comunidade como: infraestrutura existente, dimensão da área, limites e bordas, uso do solo, acessos, configuração da malha, dimensão de vias e de passeios (bem como volume de tráfego), relação entre quadras e lotes, fachadas

para a rua, tipologia das edificações, garagens, locais para o desenvolvimento de atividades, vegetação, vistas e paisagem local, elementos de identidade e segurança.

De alguma maneira, os trabalhos referenciados neste estudo se reportam a Jacobs (1961), quando tratam de senso de segurança a partir dos “olhos na rua”, fachadas ativas e uso do solo misto. Rogers; Sukolratanamete (2009) complementam ainda que, além das questões de segurança, relacionam-se o sentimento de apego, pertencimento e o bem-estar, relacionados aos aspectos espaciais, em uma discussão de satisfação pessoal com a qualidade geral do bairro.

As questões de segurança são frequentemente vinculadas nas pesquisas dos que tratam do Novo Urbanismo. Por exemplo, Wilkerson; et; al (2012) trata: a “caminhabilidade” nas calçadas, permanência nas varandas, características de tráfego, grades nas janelas, e a presença de lixo ou pichação, sendo que esses elementos, presentes ou não, podem condicionar a um maior senso de segurança.

Entre os entrevistados 68,0% consideram a segurança no conjunto “regular”. Entre o total de respondentes 36,4% “concordar plenamente” que se sentem seguros em suas residências, porém, 26,7% dizem ter de medo de assalto e roubo. Embora a maioria das questões sobre segurança, em um primeiro momento, apresentarem aspectos negativos, os entrevistados afirmam ser problema dos dias atuais, “não apenas no bairro, mas em todo lugar” (Gráfico 34).

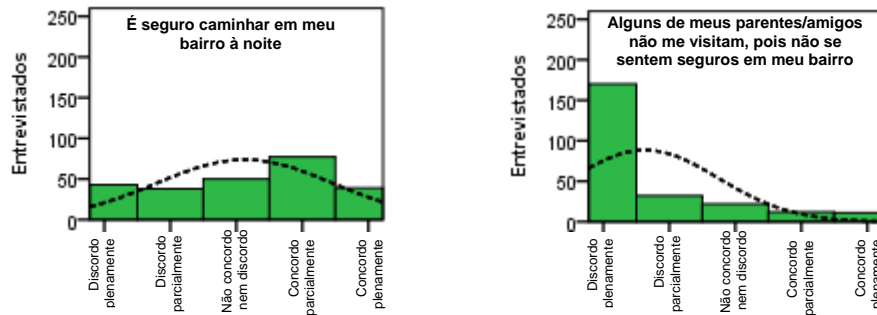


Fonte: Organizado pela autora, 2015.

Por outro lado, quando questionados se percebem que o seu bairro é uma área perigosa, relatam que amigos, parentes e outras pessoas se sentem seguros em visitá-los (68,8%). Além disso, sustentam a resposta “discordam

plenamente” de que seu bairro seja uma área perigosa e 31,2% concordam parcialmente que é seguro caminhar no bairro à noite (Gráfico 35).

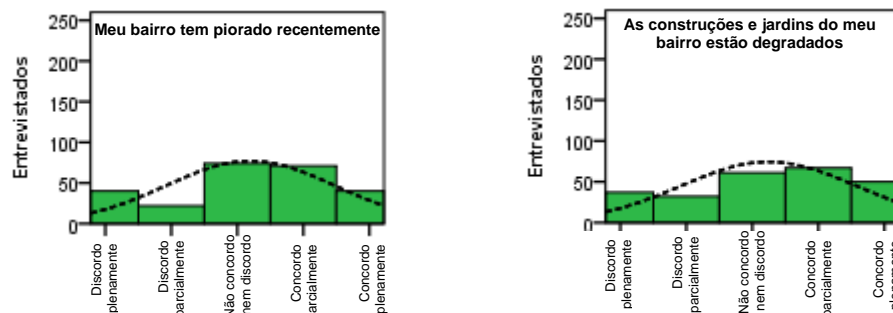
Gráfico 35: Segurança para caminhar e receber visita de familiares e amigos



Fonte: Organizado pela autora, 2015.

A manutenção dos espaços, segundo autores como Glynn (1981) e Cutchin; et.al (2011) pode ser uma demonstração de zelo pelo lugar. As pessoas não souberam “concordar nem discordar” da avaliação do conjunto em geral (30,0%), porém, quando consideram construções, jardins e outros espaços 27,1% “concordam parcialmente” que essas estejam degradados (Gráfico 36).

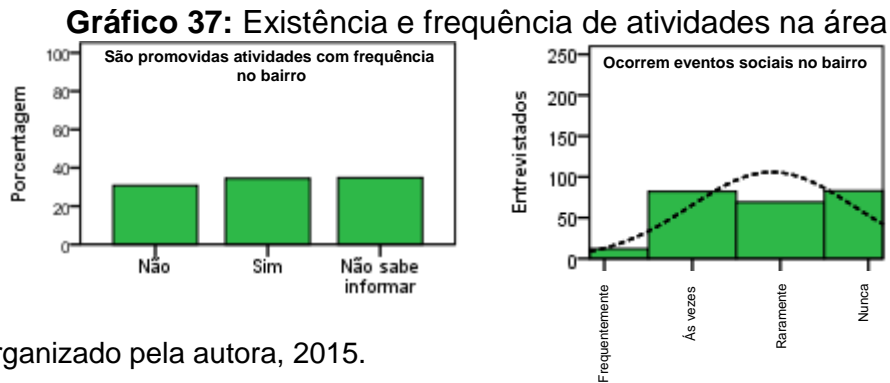
Gráfico 36: Percepção das áreas em qualidade e degradação



Fonte: Organizado pela autora, 2015.

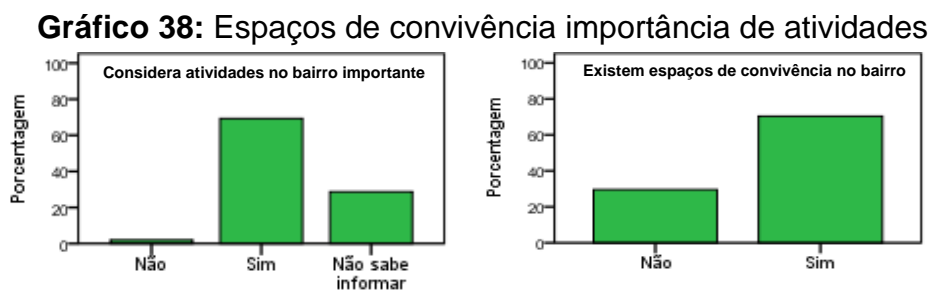
Espaços para o desenvolvimento de atividades no bairro podem dar suporte à interação entre os moradores. No entanto, para esse questionamento observou-se uma divergência para essa avaliação. Em uma questão de concordância, 34,8% dos entrevistados “não sabem informar” se ocorrem atividades no conjunto e, de forma similar, 34,4% relatam que “existe” promoção de atividades. Em outra

questão, de frequência, para confirmação, verifica-se que 33,6% alegam que “nunca” ocorrem eventos sociais e culturais na área e 33,2% que “às vezes” é promovido algum tipo de evento no conjunto (Gráfico 37).



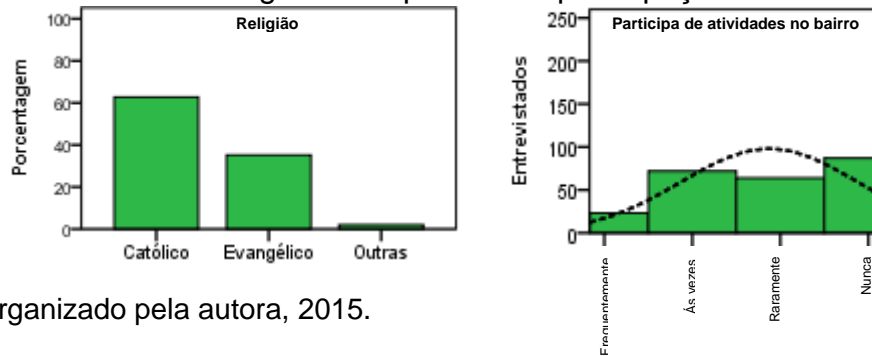
Fonte: Organizado pela autora, 2015.

Dentre esses eventos, os entrevistados relatam que são promovidos jogos informais no campo de futebol, reuniões na rua e nas praças para conversas rotineiras e atividades com crianças, além de festas promovidas pelas igrejas no bairro (quermesses, festas de padroeiros etc.). Nesse sentido, 69,2% consideram que as atividades no bairro são importantes, pois, promovem sempre o encontro entre moradores. Foram destacados os encontros cotidianos informais em supermercados e padarias. Assim, o percentual de moradores que asseguram a existência de espaços de convivência e sociabilização no bairro é de 70,4% (Gráfico 38).



Fonte: Organizado pela autora, 2015.

Visto que a igreja católica é um dos locais de referência de promoção de eventos no bairro, os entrevistados foram questionados quanto à sua religião. A maioria alega ser “católica” (62,8%). Em contraposição, 35,4% diz “nunca” participar de atividades no bairro (Gráfico 39).

Gráfico 39: Religião e frequência de participação em atividades

Fonte: Organizado pela autora, 2015.

A partir dessa constatação, fez-se uma sobreposição dos dados para relacionar-se a frequência de atividades com a religião, porém, aqueles moradores que alegam ser católicos são os que menos participam “eventualmente” de atividades, como observado na tabela 3.

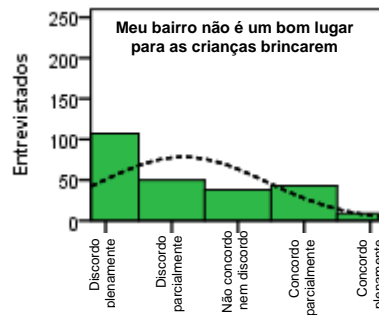
Tabela 3: Relação de religião com a participação em atividades

		PARTICIPA DE ATIVIDADES NO BAIRRO				Total
		F	AV	R	N	
RELIGIÃO	Católico	16	48	39	52	155
	Evangélico	7	25	24	31	87
	Outros	0	0	1	4	5
Total		23	73	64	87	247

*F: frequentemente, AV: às vezes, R: raramente, N: nunca.

Fonte: Organizado pela autora, 2015.

A presença de crianças no bairro pode ser um dos aspectos socioeconômicos relacionado às interações sociais. Verifica-se no gráfico que a maioria dos entrevistados concorda que o bairro é um bom lugar para as crianças brincarem (43,3%), sendo que são frequentemente observadas as crianças nas ruas, nas praças e nas áreas verdes do Conjunto São Lourenço (Gráfico 40).

Gráfico 40: O bairro como local para crianças

Fonte: Organizado pela autora, 2015.

Nos dados extraídos do questionário, verificaram-se questões como a de segurança no bairro, considerada como “regular” entre 69,0% dos entrevistados. Em relação ao zelo, a maioria dos entrevistados afirma “não concordar nem discordar” que o bairro esteja degradado. Há relatos que revelam que são promovidos jogos informais no campo de futebol, reuniões na rua e nas praças para conversas rotineiras etc., e a igreja católica é apontada como um dos locais de referência de promoção de eventos no bairro.

A revisão bibliográfica indicou elementos para analisar as questões físico/espaciais que não são obtidos por meio de questionário. São apontados dois outros métodos: a observação e o mapeamento que podem ser estratégias de análise para inferir a existência do senso de comunidade em áreas residenciais.

4.4 ANÁLISES POR MEIO DE OBSERVAÇÃO

Na análise por meio de observação, foi incluído no questionário um *checklist* com identificação de elementos facilitadores e inibidores do senso de comunidade e a observação in loco com anotação.

Portanto, a partir da observação nos finais de semana do Conjunto Habitacional São Lourenço, com tempo bom, foram identificadas 07 (sete) áreas de maior movimento dos moradores. Verifica-se que 04 áreas são espaços públicos: 3 praças de dimensões menores fazem o papel de área de sociabilização e o campo de futebol como área de lazer. No entorno do supermercado foi observado um grande movimento e 2 ruas destacam-se como área de interação de moradores (Mapa 1).

Mapa 1: Áreas de maior movimento no conjunto São Lourenço



Fonte: Organizado pela autora, 2015.

A observação dos elementos físico/espaciais inibidores são apontados por Chavis; et al (1986) e Buckner (1988) como, por exemplo, a presença de grades na janela que pode ser um indício de falta de segurança; locais com pichação e presença de lixo infere a falta de zelo e, são encontrados em áreas que geralmente não há um senso de comunidade. Outro elemento recorrente é a visibilidade na fachada principal, portanto a não inclusão da garagem na parte frontal, pode prejudicar a chamada fachada ativa, ou seja, diminuição de vigilância natural do espaço, ou como autodenomina Jacobs (1961) os “olhos para a rua”.

De acordo com os dados espaciais extraídos das questões respondidas pelos entrevistados, aponta-se entre os principais aspectos, que a segurança no

conjunto é considerada como “regular” para 68,0%, apesar dos relatos dos moradores de se tratar de um problema mais abrangente da atualidade, não do conjunto em si. A maioria das pessoas “não concordam, nem discordam” que o bairro esteja em situação de abandono ou “degradado” em 30% dos casos, indicando zelo com o local, um dos fatores relevante para indicar o senso de comunidade, considerado entre referenciais como Chavis; et al (1986). Os moradores não souberam apontar de maneira objetiva se são promovidas atividades no bairro e com que frequência em 34,8% dos casos, no entanto, apontam de modo descritivo, que são promovidos jogos informais no campo de futebol, reuniões nas praças e casas para conversas rotineiras e atividades diversas nas igrejas do local. A análise demonstra que 70,4% dos entrevistados consideraram as ruas, as praças, as casas, o campo de futebol e a igreja católica como locais de encontro e convivência. Considerando a abrangência de respostas quanto a igreja católica enquanto local de sociabilização nota-se que 62,8% dos moradores participantes da pesquisa são católicos.

A partir dos referenciais teóricos incluiu-se um *checklist* com a identificação dos seguintes elementos no conjunto habitacional São Lourenço: varandas/alpendres, as questão do tráfego lento, as grades nas janelas, a presença de lixo e pichação, a conectividade de vias, os espaços de lazer (praça, parque, quadra, campo), a legibilidade espacial, as calçadas, a definição de limites e bordas espaciais, a garagem na fachada principal, a presença de arborização nas ruas e a integração de espaços públicos e privados (semiprivados) e as pessoas trabalhando ou exercendo atividade (Tabela 4):

Tabela 4: Elementos físicos verificados no conjunto

ELEMENTO	LOCAL DE OBSERVAÇÃO														OBS.
	NÃO EXISTE							EXISTE							
	1	2	3	4	5	6	7	1	2	3	4	5	6	7	
Varandas/alpendres			X					X	X		X	X	X	X	Na maioria dos casos é utilizada a área da garagem
Tráfego lento								X	X	X	X	X	X	X	-
Grades nas janelas		X					X	X		X	X	X	X		-
Presença de lixo	X	X		X	X	X	X			X					Muito presente na área de fundo de vale na parte sul do bairro
Pichação	X	X		X	X	X	X			X					-
Conectividade de vias			X					X	X		X	X	X	X	-
Espaços de lazer (praça, parque, quadra, campo)					X	X	X	X	X	X	X				A praça 1 – central, possui uma ALL
Legibilidade espacial			X		X			X	X		X		X	X	-
Calçadas								X	X	X	X	X	X	X	-
Definição de limites e bordas espaciais								X	X	X	X	X	X	X	-
Garagem na fachada principal								X	X	X	X	X	X	X	-
Presença de arborização nas ruas								X	X	X	X	X	X	X	De médio a alto porte
Integração de espaços públicos e privados (semiprivados)								X	X	X	X	X	X	X	-
Pessoas trabalhando ou exercendo atividade								X	X	X	X	X	X	X	-

Fonte: Organizado pela autora, 2015.

Em relação aos elementos inibidores, verifica-se a inexistência da presença de lixo ou pichação na maior parte das áreas, apenas a presença de um pouco de entulho acumulado na área próxima ao fundo de vale. Apesar da observação de grades na janela, são poucas as casas que não apresentam permeabilidade visual entre o espaço público e privado, fato que permite a vigilância natural. Quanto a legibilidade espacial, apenas em dois pontos (3 - praça e 5 - supermercado) não há uma percepção visual abrangente do espaço, em relação a observação da rua.

Quanto aos elementos facilitadores, a varanda tem um duplo papel – de garagem e de espaço para sentar, conversar e observar o movimento. Portanto, embora, de acordo com as pesquisas, a presença de garagem na parte frontal da

residência diminua a área de fachada ativa, o seu uso como espaço de interação entre público e privado desempenha um importante lugar. Considerando ainda as características das ruas e do trânsito local, a observação permite afirmar que, independente da dimensão das vias, o tráfego é lento e muitos moradores utilizam as ruas e calçadas como espaço de sociabilização.

O andar a pé no bairro foi constatado tanto nos questionários quanto nas observações, pois a questão compreende além do propósito de deslocamento, a conectividade da malha, a legibilidade espacial (estrutura do bairro) e a arborização nas calçadas. Espaços de lazer como as praças e o campo de futebol são utilizados com frequência pelos moradores, considerados como área de suporte à interação.

O último item do *checklist* refere-se à identificação de pessoas, trabalhando ou exercendo alguma atividade. Portanto, fez-se a inclusão da segunda estratégia de observação, utilizada por Hunter (1975), Appleyard (1981) e mais recentemente Wood et al. (2010). Esses autores complementam suas avaliações com observações das atividades desenvolvidas em um determinado local.

Assim, a partir da observação nos finais de semana das 7 (sete) áreas identificadas de maior movimento dos moradores, realizou-se a análise de observação sistematizada por Gehl (2013) com o objetivo de avaliar o uso do espaço público. O autor define a necessidade de anotação de: Who? Where? And what? – Quem? Onde? E o quê? – e, identifica sete atividades.

Estas atividades foram observadas em dois períodos diferentes: manhã (entre 8:30 e 10:00 horas) e tarde (entre 13:30 e 17:00 horas), nos sábados e nos domingos, com tempo ensolarado com duração de 1 hora. As atividades observadas foram: A - Interagindo, B - Parado, C - Atividade jardinagem, lavando carro, quintal, D - brincando, E - Caminhando (pedestre/lazer), F - Indo e vindo (pedestre), G - Indo e vindo (carro), e as observações se dividiam em três categorias de moradores: crianças, jovens/adultos e idosos.

Os dados foram sistematizados em uma ficha de avaliação com a observação das atividades nas seguintes áreas: espaço público (rua e calçadas) e espaço de praça ou área de lazer e espaço semiprivado - recuo das residências, garagens, varandas e os jardins frontais (Tabela 5).

Tabela 5: Atividades observadas por áreas e grupo de pessoas

HORÁRIO	ATIVIDADE	ESPAÇO PESSOA	LOCAL DE OBSERVAÇÃO																					SUB.1	SUB. 2	TOTAL
			1			2			3			4			5			6			7					
			R	P	S	R	P	S	R	P	S	R	P	S	R	P	S	R	P	S	R	P	S			
MANHÃ	A Interagindo	C	0	2	2	0	2	2	0	0	0	0	2	0	3	X	2	2	X	6	0	X	2	25	75	347
		JA	0	0	4	2	0	3	2	0	2	0	0	4	2	X	0	0	X	4	0	X	0	23		
		I	2	2	2	2	0	2	2	0	1	2	0	0	6	X	0	4	X	2	0	X	0	27		
	B Parado	C	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	X	0	0	X	0	0	X	0	1	28	
		JA	0	0	1	1	0	0	0	0	0	2	2	0	1	X	0	0	X	1	1	X	0	9		
		I	1	1	1	1	1	1	0	2	0	1	0	2	1	X	1	2	X	2	0	X	1	18		
	C Jardinagem/ lavando carro	C	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	X	0	0	X	0	1	X	0	1	26	
		JA	0	0	2	0	0	0	0	0	1	1	0	1	0	X	0	2	X	0	2	X	2	11		
		I	0	0	2	0	0	1	0	0	1	2	1	3	0	X	1	1	X	0	1	X	1	14		
	D Brincando	C	3	4	2	2	2	4	0	0	2	2	4	2	4	X	4	6	X	3	2	X	1	47	47	
		JA	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	X	0	0	X	0	0	X	0	0		
		I	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	X	0	0	X	0	0	X	0	0		
	E Caminhando	C	0	2	X	2	0	X	0	0	X	0	0	X	0	X	X	0	X	X	0	X	X	4	13	
		JA	1	1	X	1	0	X	1	0	X	0	0	X	0	X	X	0	X	X	0	X	X	4		
		I	1	1	X	2	0	X	0	1	X	0	0	X	0	X	X	0	X	X	0	X	X	5		
	F Indo e vindo	C	4	0	X	0	1	X	0	0	X	0	2	X	4	X	X	0	X	X	0	X	X	11	101	
		JA	10	1	X	7	7	X	3	1	X	0	0	X	10	X	X	2	X	X	2	X	X	43		
		I	10	1	X	6	10	X	1	2	X	2	0	X	10	X	X	3	X	X	2	X	X	47		
	G Número de carros	C	0	0	X	0	0	X	0	0	X	0	0	X	0	X	X	0	X	X	0	X	X	0	57	
		JA	10	0	X	10	0	X	1	0	X	3	0	X	10	X	X	10	X	X	1	X	X	45		
		I	2	0	X	7	0	X	0	0	X	0	0	X	3	X	X	0	X	X	0	X	X	12		
TARDE	A Interagindo	C	0	0	3	7	3	2	2	0	3	0	3	0	7	X	0	0	X	2	2	X	0	34	102	
		JA	0	3	2	10	0	4	0	0	5	4	5	1	4	X	2	3	X	7	2	X	2	54		
		I	0	0	0	5	0	0	0	0	1	2	0	2	2	X	0	0	X	0	0	X	2	14		
	B Parado	C	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	X	0	0	X	0	2	X	0	2	26	
		JA	0	0	0	3	1	0	0	0	0	2	3	2	0	X	0	1	X	4	4	X	1	21		
		I	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	X	0	0	X	1	1	X	0	3		
	C Jardinagem/ lavando carro	C	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	X	0	0	X	0	0	X	0	0	16	
		JA	0	0	0	1	0	1	0	0	1	0	0	2	0	X	0	0	X	2	0	X	3	10		
		I	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1	0	X	0	0	X	2	0	X	2	6		
	D Brincando	C	5	6	3	4	4	2	1	2	1	3	15	5	5	X	0	5	X	0	4	X	3	68	71	
		JA	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2	0	0	X	0	1	X	0	0	X	0	3		
		I	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	X	0	0	X	0	0	X	0	0		
	E Caminhando	C	0	3	X	0	0	X	0	0	X	4	0	X	0	X	X	0	X	X	0	X	X	7	12	
		JA	0	1	X	3	0	X	0	0	X	0	0	X	0	X	X	0	X	X	0	X	X	4		
		I	0	0	X	1	0	X	0	0	X	0	0	X	0	X	X	0	X	X	0	X	X	1		
	F Indo e vindo	C	3	0	X	0	2	X	0	0	X	2	4	X	9	X	X	3	X	X	0	X	X	23	108	
		JA	10	1	X	10	10	X	1	2	X	5	2	X	10	X	X	1	X	X	1	X	X	53		
		I	7	0	X	3	4	X	1	1	X	3	1	X	10	X	X	1	X	X	1	X	X	32		
	G Número de carros	C	0	0	X	0	0	X	0	0	X	0	0	X	0	X	X	0	X	X	0	X	X	0	60	
		JA	10	0	X	10	0	X	2	1	X	2	0	X	10	X	X	15	X	X	2	X	X	52		
		I	1	0	X	5	0	X	0	0	X	0	0	X	2	X	X	0	X	X	0	X	X	8		
SUBTOTAL			80	29	24	105	47	22	17	12	18	43	48	25	113	0	10	62	0	36	31	0	20		742	
TOTAL			133			174			47			116			123			98			51			742		

FONTE: Organizado pela autora, 2015. R- Rua; P- Praça, parque; S- Semiprivado. C- Criança; JA- Jovem-adulto; I- Idoso.

A-Interagindo, B-Parado, C- Atividade jardinagem, lavando carro, quintal, D-brincando, E-Caminhando (pedestre/lazer), F- Indo e vindo (pedestre), G – Indo e vindo (carro).

A observação das atividades revela que a interação e o ir e vir de pessoas nas diversas áreas são as predominantes. Do total de 742 pessoas identificadas, 223 eram crianças, 187 idosos e a maioria era jovem ou adulto totalizando 332. Esses últimos são observados tanto no período matutino quanto vespertino, porém, o maior movimento de pessoas ocorre no período da tarde.

Quanto às relações de permanência e uso do espaço, considera-se que os espaços de encontro (igreja, rua e áreas com concentração comercial – supermercado, padarias, bares) influenciam na maior interação entre os moradores e geram maior fluxo de pessoas nas áreas, bem como locais que proporcionam alguma atividade de entretenimento, como no caso da ALL na Praça 01 e do campo de futebol.

Observa-se que as crianças de idades variadas estão presentes em todos os espaços, principalmente nas ruas, falando, interagindo ou brincando (Figura 15).

Figura 15: Presença de crianças nas ruas e praças.



Fonte: Da autora, 2015.

Na faixa etária dos jovens e adultos, observa-se que, embora utilizem o espaço da rua para caminhar ou conversar com outros moradores, a presença deles nos espaços semiprivados (jardins) é constatada. De acordo com as pesquisas, é o limite entre o público e o privado, importante espaço para tornar as áreas mais vivenciáveis. Verificam-se as atividades de cuidar do jardim, lavar o carro ou mesmo sentar na varanda (Figura 16).

Figura 16: Presença de jovens e adultos nas ruas, praça e espaços semiprivados.



Fonte: Da autora, 2015.

Em relação aos idosos, esses exercem atividades passivas nas áreas semiprivadas como ler e sentar na varanda observando o movimento ou conversam nas ruas e nas praças. Apesar de existirem praças e espaços de lazer no local, notou-se que uma maior atividade de interação social dos idosos acontece nas ruas e nos passeios do Conjunto São Lourenço (Figura 17).

Figura 17: Presença de idosos nas ruas e espaços semiprivados.



Fonte: Da autora, 2015.

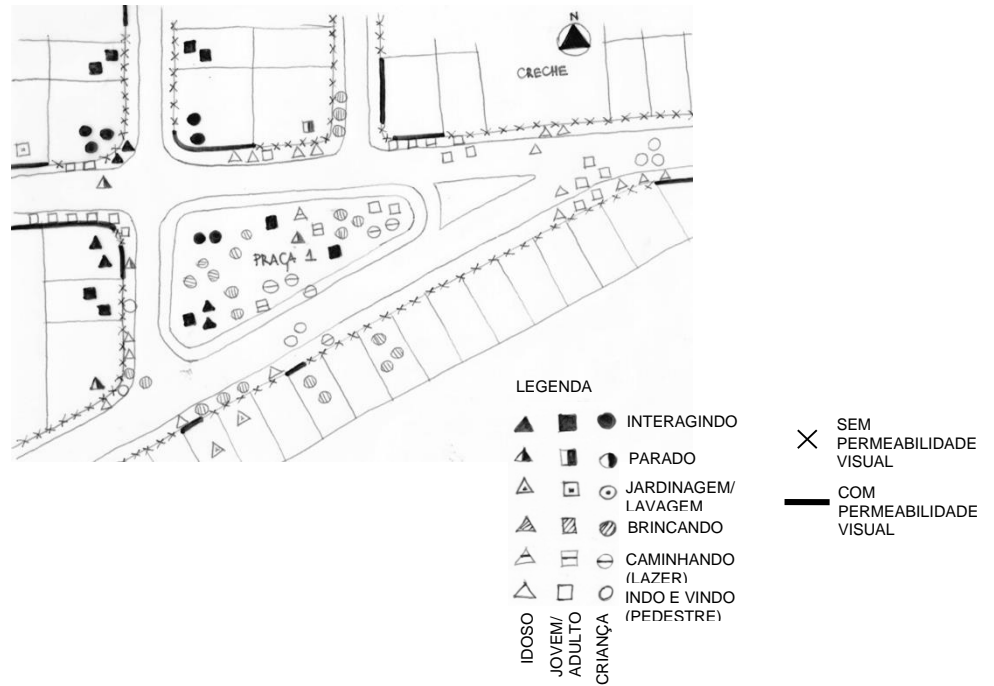
A partir da identificação dos elementos físico/espaciais desde tipos de fechamentos e da observação de atividades desenvolvidas por moradores, fez-se a sobreposição desses elementos, por meio do mapeamento, em uma escala menor, para elucidar esses espaços de interação entre os moradores.

De acordo com Appleyard (1981), Bolssemann; et. al (1999), Buckner (1988), Cantillon; et. al (2003), Chavis; et. al (1986) existe uma relação importante que vincula a convivência social aos espaços públicos, especialmente aqueles para o desenvolvimento de atividades de lazer ou como espaço de descanso. Nesse sentido, as pesquisas recentes relacionadas ao novo urbanismo (WOOD; et.al; 2010, CUTCHIN; et. al; 2011, WILKERSON; et. al; 2012) destacam a importância dos espaços de uso comum nos bairros para uma construção de relação social entre moradores.

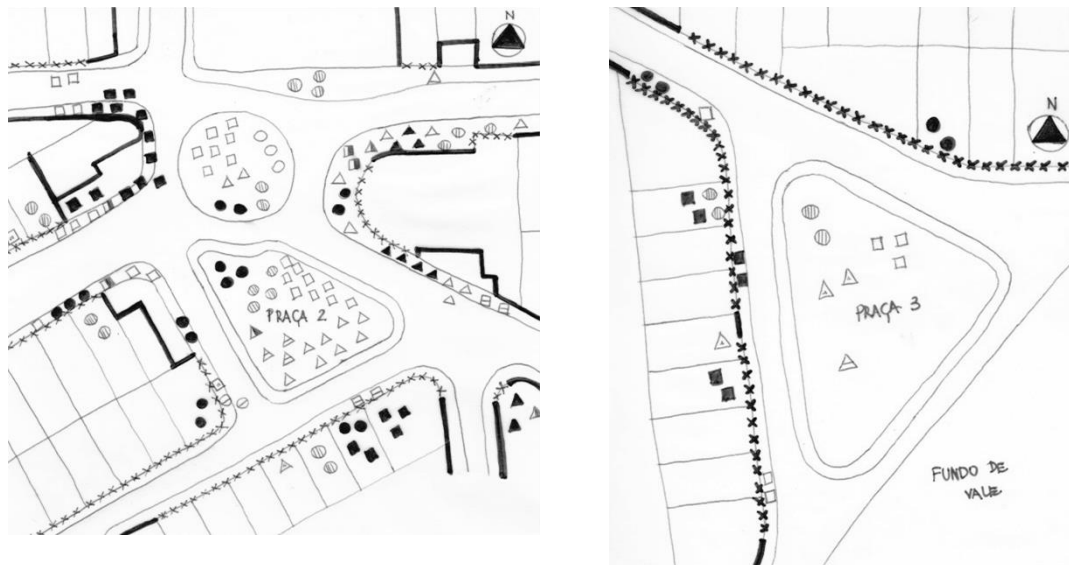
Tal questão é observada no conjunto São Lourenço, visto que os espaços de maior interação de movimento estão associados aos espaços livres de uso público. Portanto, a análise dos mapeamentos é dividida em duas categorias: 1. Dos espaços públicos referente a: Praça 01 – Lilian Castelo Branco, Praça 02 – praça em frente à igreja, Praça 03 – na extremidade sul sem nome e campo de futebol (área verde e de preservação permanente), foi incluído nessa categoria o centro comercial

de domínio público (em concessão de uso) e 2. Dos espaços de rua (considerando as áreas semiprivadas) com: a Avenida Aristides de Souza Melo e a Rua Olímpio Lopes dos Santos.

Mapa 2: Área de observação 01 – Praça 01 (ALL)



Mapa 3 e Mapa 4: Área de observação 02 – Praça 02 e área de observação 03 – Praça 03



Fonte: Organizado pela autora, 2015.

Uma primeira constatação são as dimensões dos espaços livres de uso público. As praças 1, 2 e 3 de menores dimensões são caracterizadas como espaço de sociabilização e o campo de futebol como área de lazer ativo. Uma análise individual das praças revela o uso do espaço proporcional ao número de unidades habitacionais no seu entorno. Por exemplo, a Praça 03, contígua ao fundo de vale apresenta um menor número de atividades, por outro lado, a Praça 01 inserida no centro do conjunto e, equipada com ALL, tem seu fechamento por residências e apresenta um espaço que proporciona várias atividades desenvolvidas por crianças, jovens/adultos e idosos, portanto, apresenta-se como espaço para brincadeiras e interação entre os moradores (Figura 18).

Figura 18: Praça 03 sem uso e ALL na Praça 01 utilizada por crianças e adultos



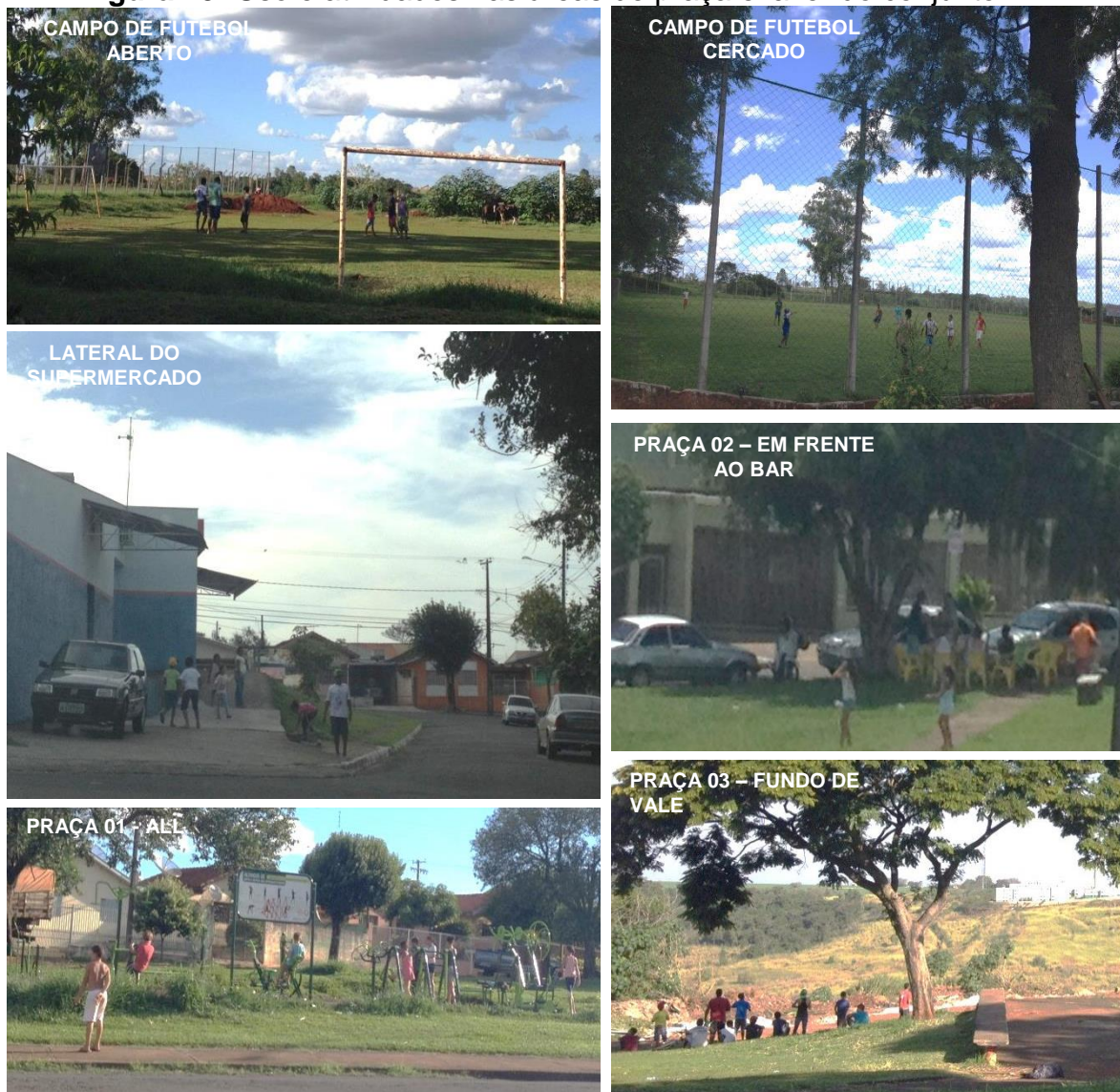
Fonte: Da autora, 2015.

A segunda observação são as atividades motivadoras de movimento associadas aos espaços públicos. A Praça 02, localizada na extremidade da rua, possui nas suas proximidades além da igreja católica, comércio como bares e padarias e, observa-se um maior número de atividades também nas áreas de calçadas. De forma similar, na área 04 do supermercado, o número de moradores – indo e vindo – torna uma das áreas de movimento no bairro.

No campo de futebol, localizado na extremidade norte do conjunto São Lourenço, verifica-se uma área de lazer ativo, com um maior número de crianças jogando bola ou mesmo desenvolvendo atividades que necessitam de maiores espaços, porém, todas as áreas de lazer do bairro, com maior ou menor densidade,

são utilizadas pelos moradores como locais para desenvolvimento de atividades diversas (Figura 19).

Figura 19: Uso e atividades nas áreas de praça e lazer do conjunto



Fonte: Da autora, 2015.

O mapeamento proporciona também a leitura das discussões de fachadas ativas. Na verificação dos limites físicos na área e as questões de permeabilidade visual são destacadas por Appleyard (1981), Bolssemann; et. al (1999), Buckner (1988), Chavis; Wandersman (1990), Cutchin; et. al (2011), Hunter, (1975). No conjunto São Lourenço, observa-se uma tendência de fechamento das unidades de esquina, no entanto, verifica-se a predominância de permeabilidade

visual dos espaços privados para os espaços públicos - com uso de gradis, muros baixos ou fechamentos arbustivos que permitem a interação entre moradores.

Constata-se um maior número de movimento de veículos nos espaços públicos centrais do Conjunto São Lourenço associado à conectividade da malha – Praça 01 e 02 e no centro comercial, contrário aos espaços localizados na extremidade do bairro, Praça 03 e campo de futebol. No entanto, apesar do volume maior verifica-se, na observação desses espaços, que a velocidade dos carros é extremamente baixa, priorizando os pedestres.

Na segunda categoria, as ruas do Conjunto São Lourenço são áreas de intenso movimento de moradores e local de desenvolvimento de atividades de permanência como demonstra a figura 20.

Figura 20: Atividades de uso e permanência nas ruas do conjunto.



Fonte: Da autora, 2015.

Outro fator, apontado por Kowaltowski (2006), são os chamados “rastros” de uso nas ruas de conjuntos habitacionais brasileiros, questão não considerada nos estudos em outros contextos. No processo de observação e anotações constataram-se tais indícios com a presença de: bancos, cadeiras e floreiras nas calçadas, como elementos que permitem o sentar, principalmente em áreas sombreadas. Construídos pelos moradores ou locados em frente às casas, demonstram o uso do espaço público como local de permanência (Figura 21).

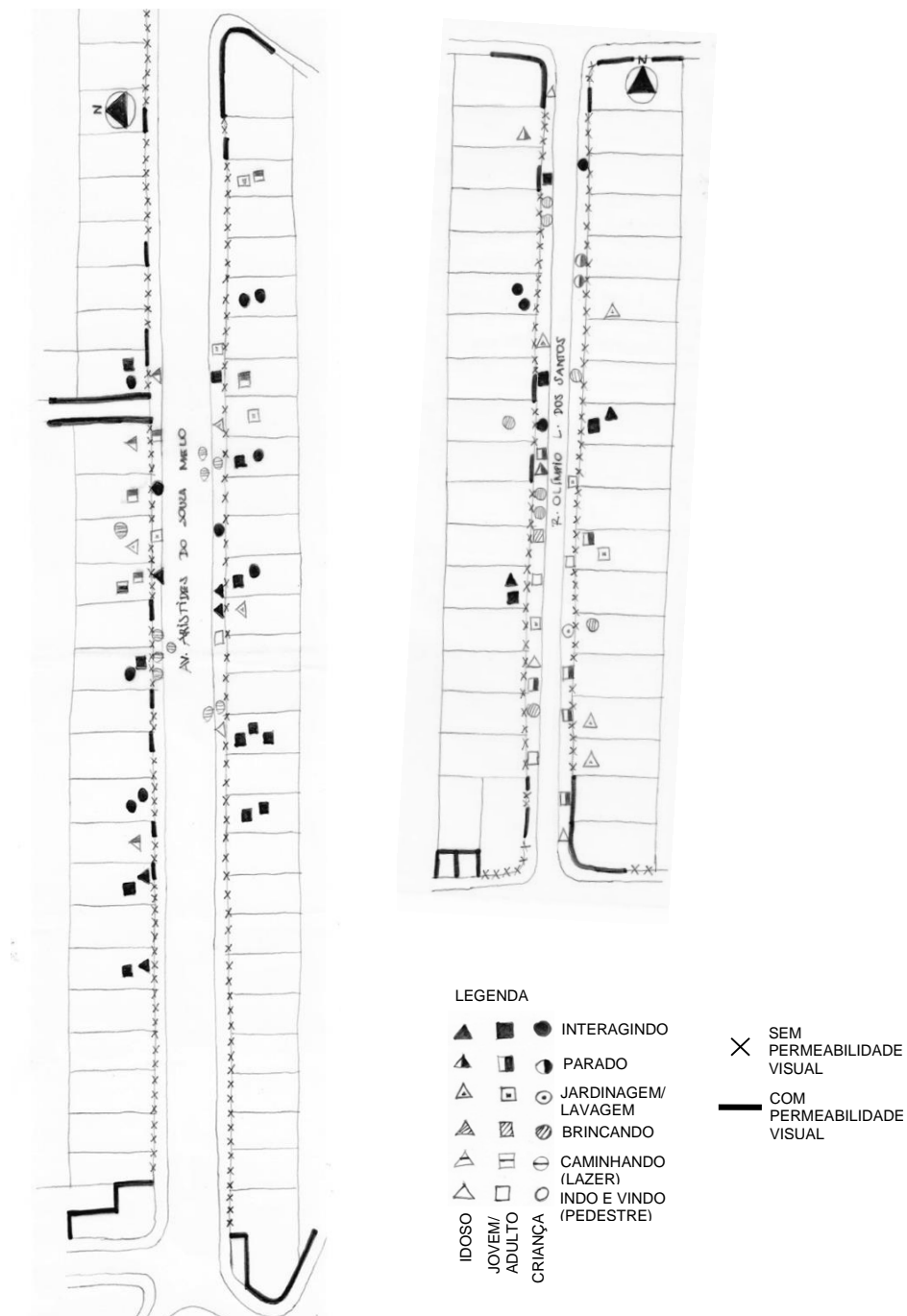
Figura 21: Registro do rastro de áreas de permanência no passeio.



Fonte: Da autora, 2015.

Assim, a observação de áreas com atividades indicou 2 ruas com maior interação entre os moradores: Avenida Aristides de Souza Melo (área 06 – Mapa 7) e Rua Olímpio Lopes dos Santos (área 07 – Mapa 8).

Mapa 7 e Mapa 8: Área de observação 06 – Avenida Aristides de Souza Melo e 07 - Rua Olímpio Lopes dos Santos

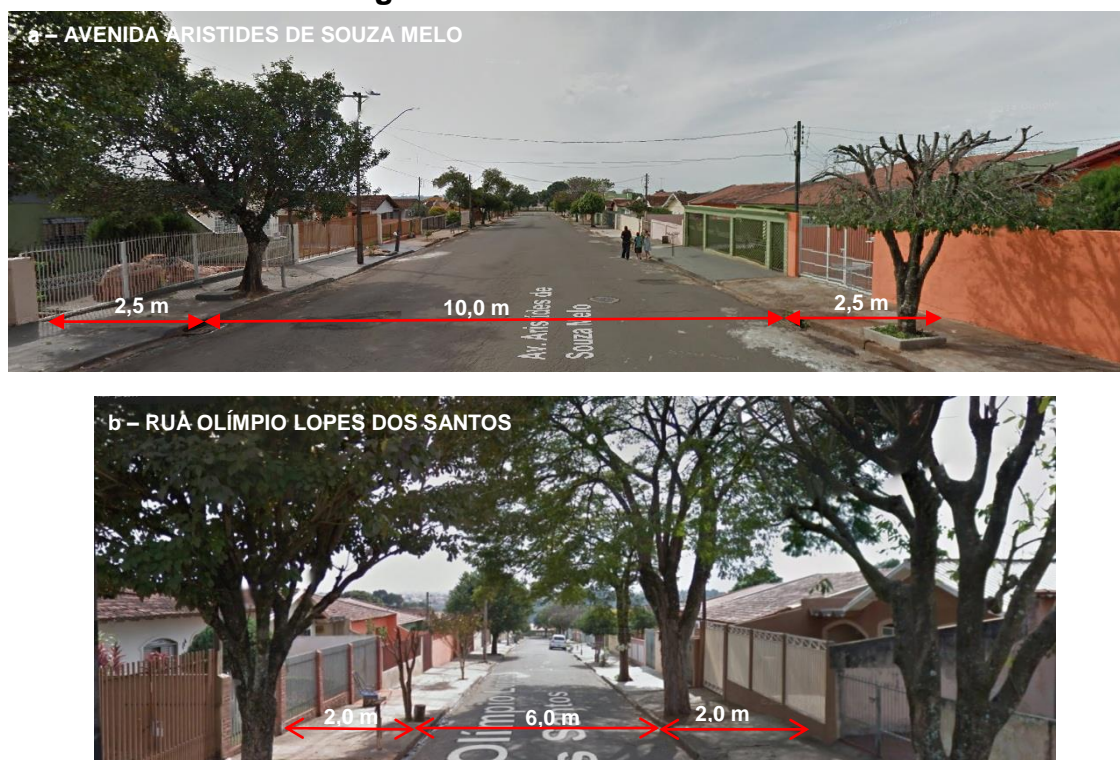


Fonte: Organizado pela autora, 2015.

As pesquisas existentes, com recortes específicos de ruas, apresentam duas constatações. A primeira de Appleyard (1981) reforça a necessidade de vias de dimensões menores com baixa densidade e velocidade de veículos, para priorização do pedestre. Por outro lado, o estudo de Bolsemann et. al (1999) na avaliação de *boulevards* em São Francisco reforça a importância de outros fatores, não necessariamente a dimensão como, por exemplo, os elementos de atratividade, a baixa declividade e ressalta a importância da movimentação de veículos.

No conjunto São Lourenço encontram-se as duas configurações de ruas distintas, que são caracterizadas como área de suporte e permitem as atividades dos moradores. A Avenida Aristides de Souza Melo, área 06, estende-se por todo o bairro e finaliza na praça da igreja, a única do bairro com 15 metros de largura – 10 metros de caixa de rolamento e 2,5m de cada passeio (Figura 22a). Na área 07, a Rua Olímpio Lopes dos Santos, localizada na porção norte do conjunto, é uma rua local com 10 metros de largura – 6m de caixa de rolamento e as calçadas padrão de 2,0 m (Figura 22b). Em ambas, observa-se a pouca velocidade dos veículos que utilizam a rua, em virtude da presença de vários moradores.

Figura 22: Dimensões das vias



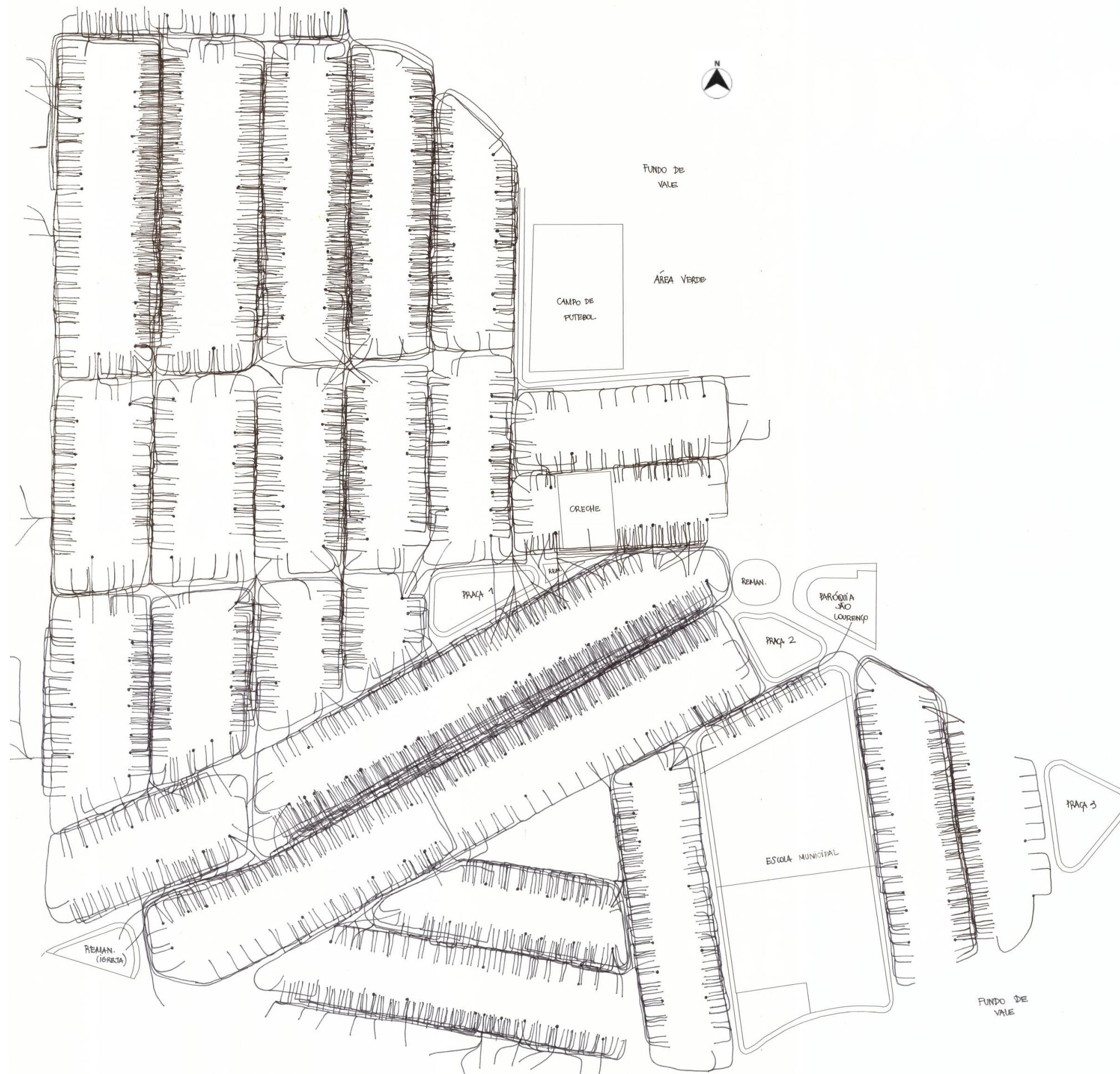
Fonte: Street view, modificado pela autora, 2015.

4.5 MAPEAMENTO COMO ESTRATÉGIA ANALÍTICA MULTIDIMENSIONAL: SOBREPOSIÇÃO DE DADOS

O mapeamento foi a terceira estratégia analítica utilizada nas pesquisas existentes. Portanto, uma questão inserida no questionário distribuído aos moradores foi a anotação de vizinhos conhecidos em um mapa, com a localização de sua residência e um entorno em um raio de aproximadamente 500 metros. O resultado dessas interações sociais foi mapeado para verificar a existência de áreas com maior densidade de relação de vizinhança e correlacionar com as discussões espaciais (Mapa 9)

Primeiramente, deve-se fazer a ressalva de que as pesquisas de Appleyard (1981) e Bolssman, et al (1999) utilizando o mapeamento foram desenvolvidas considerando todos os moradores na escala da rua. Esse estudo definiu a amostragem de 247 (duzentos e quarenta e sete) unidades distribuídas randomicamente no bairro, fato que nem todos os moradores foram entrevistados em uma determinada rua. No entanto, fez-se a espacialização da rede de vizinhança indicada pelos entrevistados, em um mapa em escala 1:200, como estratégia analítica como possibilidade de complementar as questões espaciais na análise de observação.

Mapa 9: Mapa de interação dos moradores



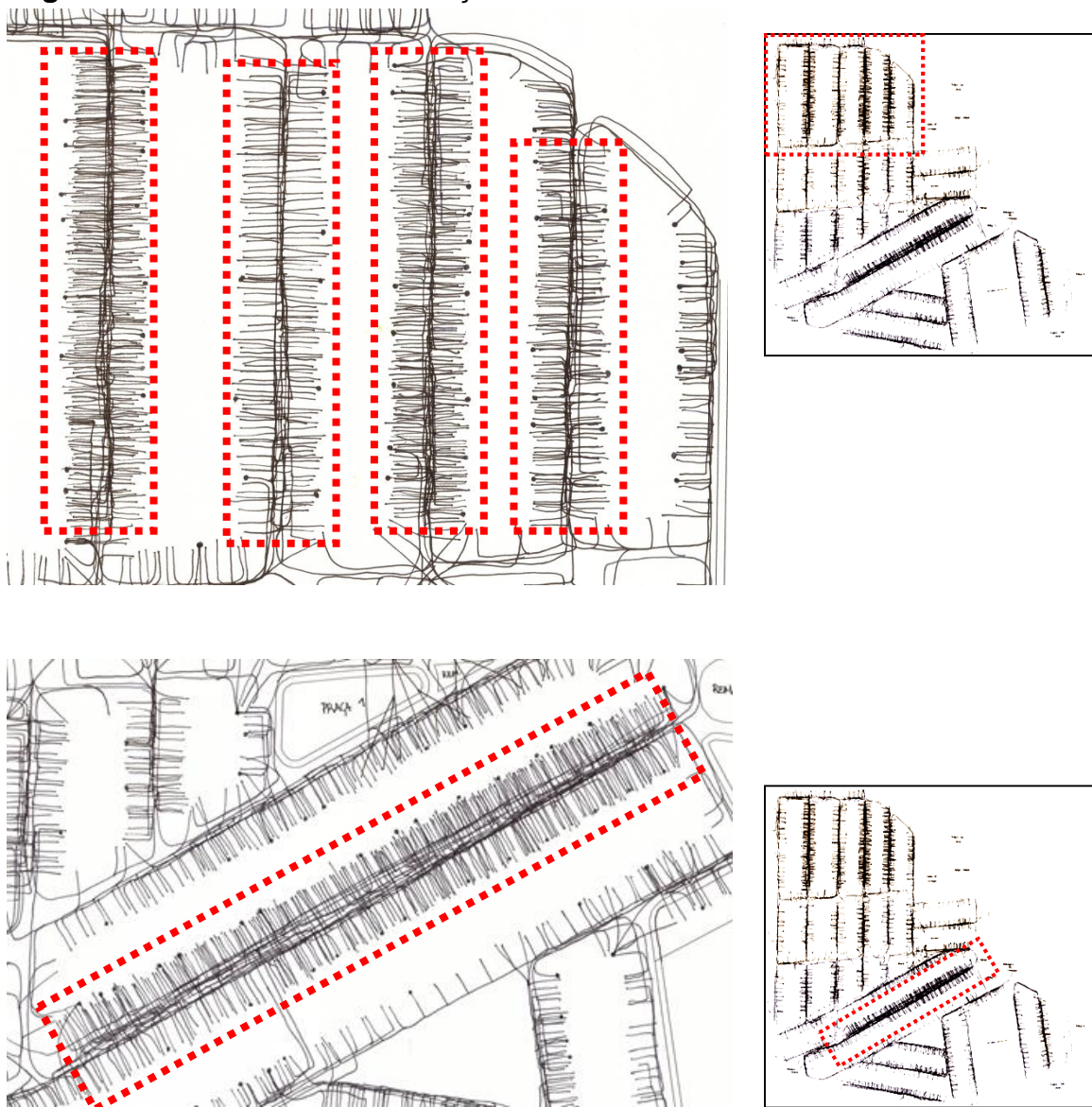
Fonte: Da autora, 2015.

LEGENDA:

- Linhas de interação entre moradores conhecidos
- Ponto de locação da residência dos entrevistados

Uma primeira constatação é o reconhecimento de vizinhos imediatos, sejam eles frontais ou laterais. Nesse sentido, uma análise geral do mapa revela o predomínio da existência de maiores relações de vizinhança em 3 (três) ruas localizadas na parte norte do bairro e na avenida principal (Figura 23).

Figura 23: Áreas de maior interação entre moradores: frontal e lateral



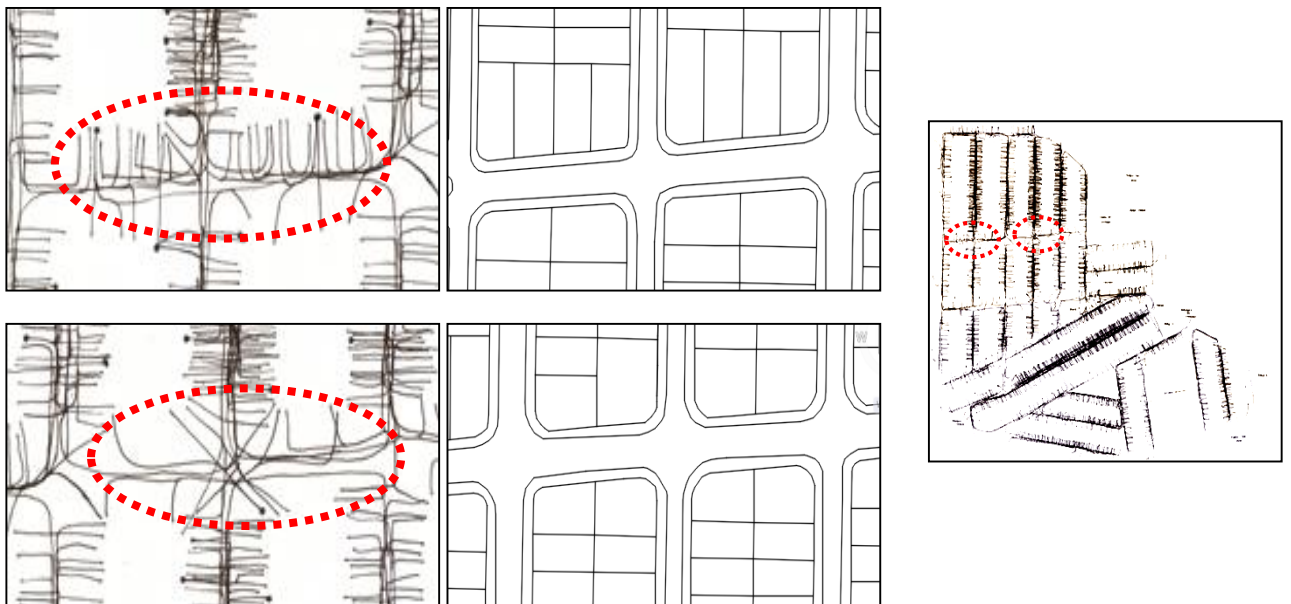
Fonte: Organizado pela autora, 2015.

Embora os referenciais reforcem a permeabilidade espacial como uma qualidade vinculada aos bairros caminháveis, portanto de maior possibilidade de uso da rua e de interação entre moradores e estabeleçam a dimensão de 150 metros a 200m, verifica-se, no conjunto São Lourenço, que estas quadras possuem dimensões

respectivamente de 270m e 350m. Apesar da pouca permeabilidade, nota-se, por outro lado, que essa configuração permite o maior número de lotes e, conseqüentemente, de maior número de moradores, associado à dimensão estreita da via e na presença de fachadas ativas. Vale destacar também que Kim; Kaplan (2004), Wood; et.al (2010) e Wilkerson; et. Al (2012) reforçam que áreas mais caminháveis estão relacionadas as de relevo com menor declividade. O conjunto habitacional São Lourenço é praticamente plano nessas áreas, apresentando declividades maiores apenas em locais próximos ao fundo de vale.

Apesar do reconhecimento de vizinhos imediatos, no caso de moradores de esquina essas relações extrapolam-se um pouco mais. Verifica-se que o padrão de quadra e dos lotes de esquinas com parcelamentos frontais, de acordo com o mapeamento, permite uma maior interação entre vizinhos. (Figura 24).

Figura 24: Relação de interação nos lotes de esquina

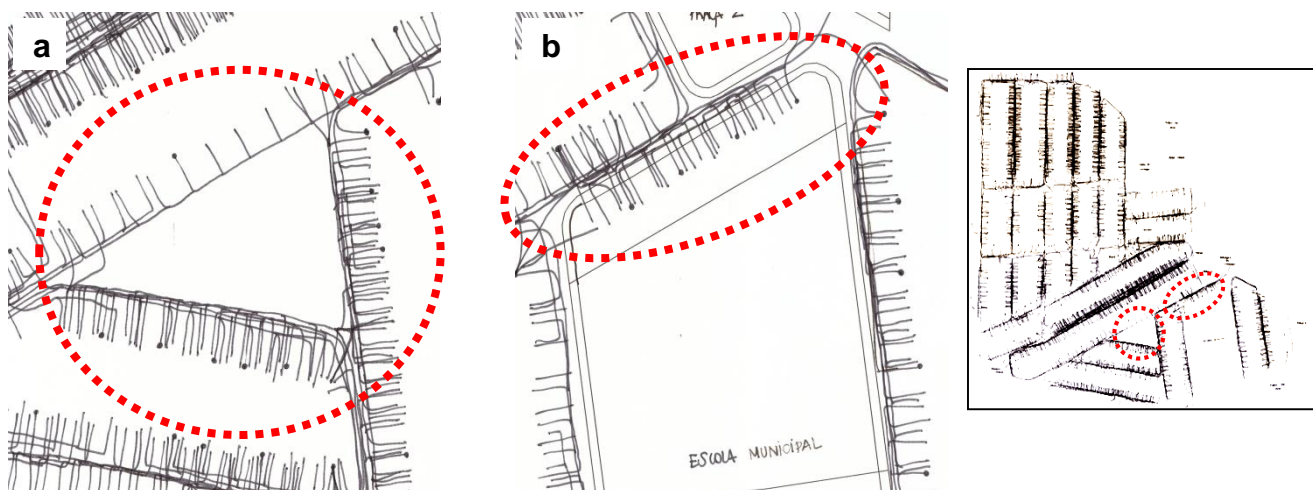


Fonte: Organizado pela autora, 2015.

Na discussão de fachadas ativas, constata-se que a existência de edifícios, principalmente sem aberturas para o exterior, exerce a função de barreira, como, por exemplo, a área comercial do bairro. Observa-se a diminuição de gradação de indicações de vizinhos conhecidos (Figura 25a). A escola, apesar de apresentar uma implantação similar, tem uma sequência de lotes residenciais na extremidade da

quadra (Figura 25b). Tal fato permite a continuidade de moradores contribuindo para a manutenção da rede de interações sociais. Essa estratégia de design mostra-se importante nos casos de implantação de equipamentos públicos, principalmente de grandes dimensões.

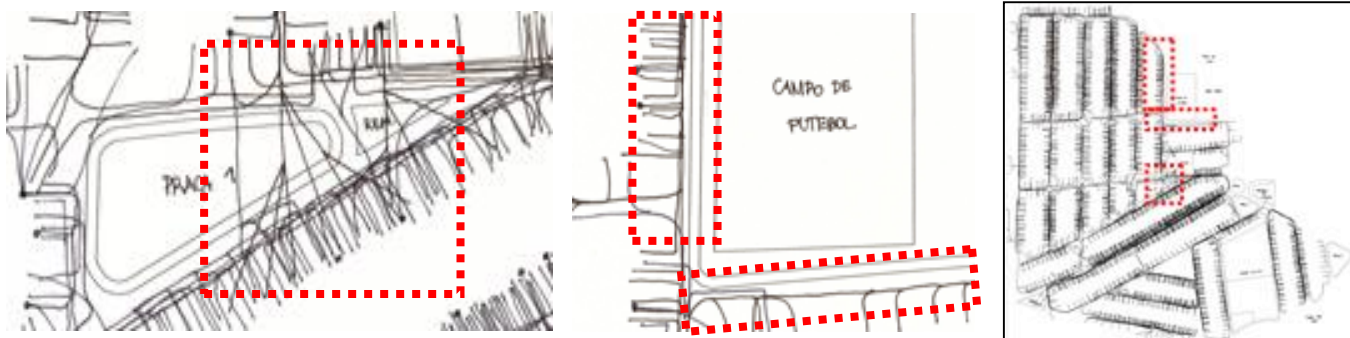
Figura 25: Elementos espaciais como barreira ou auxílio de interação



Fonte: Organizado pela autora, 2015.

Outra discussão refere-se aos espaços livres. As praças de dimensões menores circundadas por áreas residenciais não são impeditivas, pois nota-se que a rede de interação ultrapassa a praça utilizada como espaço de sociabilização. Tal fenômeno não é notado na praça locada na extremidade sudeste do bairro contígua a uma área de preservação permanente. Vale a ressalva que, de acordo com Ayoub (2013), a maioria das praças em conjuntos habitacionais da cidade de Londrina são resquícios de loteamento e, muitas vezes localizadas próximas às áreas chamadas de fundo de vale. No caso do campo de futebol, além da dimensão do espaço livre o relevo configura-se como barreira para a continuidade das interações sociais.

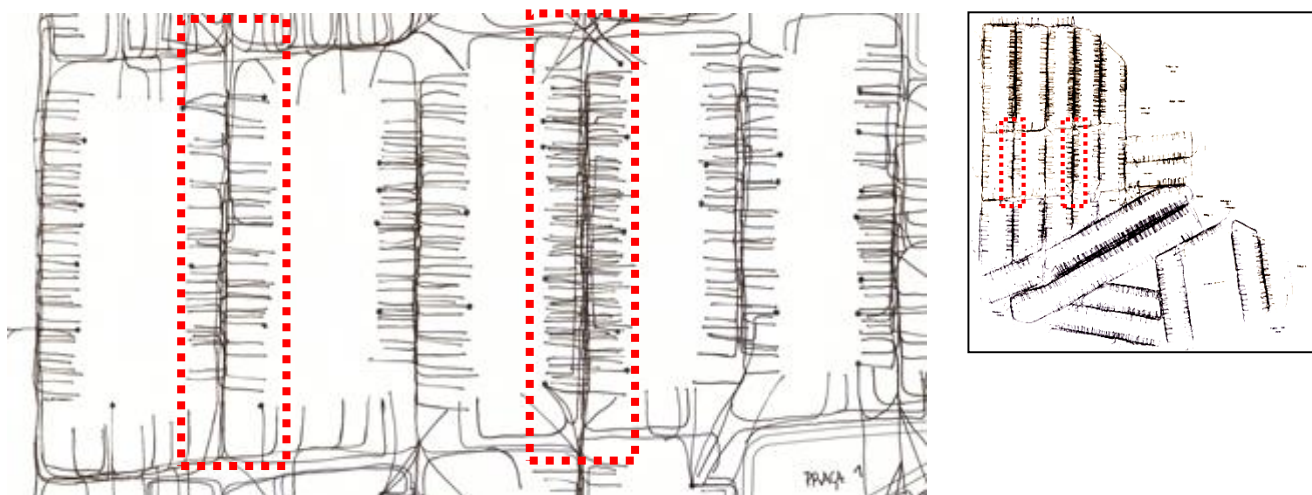
Figura 26: Elementos espaciais como barreira de interação



Fonte: Organizado pela autora, 2015.

Em uma sequência de quadras de configuração formal similar evidencia-se uma variação da densidade da rede de vizinhança (Figura 27). Primeiro esse resultado está vinculado ao número de moradores entrevistados, porém a fundamentação teórica sugere que aspectos sociodemográficos e comportamentais podem ser elementos associados para a construção do senso de comunidade.

Figura 27: Formas de quadras semelhantes e número de interações diferenciadas



Fonte: Organizado pela autora, 2015.

Nesse sentido, a avaliação do senso de comunidade indica a necessidade de uma avaliação multidimensional para a compreensão do fenômeno. Assim, definiu-se, como estratégia, o mapeamento de 09 (nove) variáveis dos principais resultados dos fatores socioeconômicos, comportamentais e dos aspectos relacionados ao senso de comunidade para a sobreposição do mapa da rede de interação entre vizinhos.

Segundo as pesquisas de Riger; Lavrakas (1981), Glynn (1981), Skajaeveland; et. al(1996) e Bolsseman; et. Al (1999) apontam a presença de mulheres e crianças, o maior número de pessoas e uma diversidade na idade dos moradores são fatores que possibilitam o aumento das interações sociais em um determinado bairro. A partir dos questionários fez-se o mapeamento desses três aspectos socioeconômicos: sexo dos entrevistados, número de pessoas que residem (familiares, inquilinos) e existência de crianças (Mapa 10).

Entre os entrevistados 145 famílias (58,70%) têm crianças, a maioria do gênero feminino e são compostas, na sua maioria, de até 4 moradores, seguida pela incidência de até 6 moradores. Na sobreposição com o mapa de relação de vizinhança, pode-se verificar, no caso do conjunto habitacional São Lourenço, que as áreas de maior interação estão relacionadas, em primeiro lugar ao maior número de moradores, em segundo à existência de crianças e por último o gênero.

Mapa 10: Sobreposição: Interação entre vizinhos e dados socioeconômicos



Fonte: Organizado pela autora, 2015.

Em uma segunda sobreposição de dados relacionam-se três principais aspectos comportamentais: o andar a pé no bairro, o tempo de moradia no bairro e a expectativa em viver no local (Mapa 11).

De acordo com Apleyard (1981); Glynn (1981); Riger; Lavrakas (1981) Chavis; et. al (1986); Skajaeveland; et. al (1996) e Bolsseman et. al (1999) o andar a pé é um aspecto importante para a interação entre moradores além de contribuir para a segurança do bairro. O tempo de moradia é apontado por Apleyard (1981); Glynn

(1981); Riger; Lavrakas (1981) e Skajaeveland; et. al (1996) na relação de quanto mais tempo a pessoa vive em determinado local maior a possibilidade de relacionar-se com outros moradores. E, a expectativa de permanecer no bairro está associada à construção de boas relações, à segurança física e emocional.

Mapa 11: Sobreposição: Relação de vizinhança e dados comportamentais



Fonte: Organizado pela autora, 2015.

Mapa 12: Sobreposição: Fatores de construção do senso de comunidade



Fonte: Organizado pela autora, 2015.

Nota-se, no mapeamento, inicialmente uma homogeneidade dessas características. Há uma demonstração de satisfação geral, com um total de 238 dos moradores entrevistados. Em relação às pessoas que conhecem e cumprimentam 149 apontaram mais de 10 vizinhos. São raros os casos em que tal fato não ocorre e, a verificação com os aspectos sociais ou comportamentais são pessoas que vivem sozinhas, sem crianças ou moram há pouco tempo no conjunto. Na justaposição dos

dados é possível inferir que a relação de satisfação de morar e um maior número de vizinhos conhecidos são importantes aspectos para a existência do senso de comunidade em uma área residencial.

A partir de tais questões retoma-se a discussão de Perry (1995) sobre qualidade de vida nas cidades, a partir da ponderação dos aspectos físico-material, bem-estar e a situação social, neste estudo de caso, pode-se correlacionar os aspectos espaciais, comportamentais e socioculturais. Perry (1995) ainda complementa que esses aspectos são necessários para todas as escalas - casa, bairro e cidade – contextos que devem ser valorizados na construção de uma cidade coesa e agradável com envolvimento comunitário, aceitação em grupos, senso de segurança física, enfim para uma melhor qualidade do ambiente de uma área residencial.

5 CONCLUSÃO

São várias as maneiras de analisar o espaço urbano, como a discussão da segregação como divisão social do espaço, o processo da produção e do consumo do espaço, a construção histórica da formação das cidades, entre vários recortes epistemológicos. Milton Santos (1988) já apontou o espaço como “conjunto indissociável de que participam de um lado objetos geográficos, objetos naturais e objetos sociais e, de outro, a vida que os preenche e os anima” (s/p).

Nesse sentido, a discussão de uma cidade mais humanizada tem se consolidado com a questão do desenvolvimento sustentável, entendido como um equilíbrio de sustentabilidade social, econômica e ambiental. Tais temáticas estão presentes nos desafios para as cidades futuras, da Nova Carta de Atenas de 2003. O documento insere, entre seus conceitos-chave, a vida em comunidade e a necessidade crescente de um ambiente urbano que ofereça a qualidade de vida e afirma que esses se tornam, cada vez mais, assuntos sensíveis para os urbanistas e para os processos de planejamento (ECTP, 2003).

Nessa esfera da cidade, como suporte de vida coletiva e mediadora da experiência cotidiana, propôs-se esta pesquisa. O senso de comunidade é um dos componentes críticos de satisfação individual, da família e, conseqüentemente, do bairro, determinante em todas as classes sociais (FRIED, 1984). De forma similar, Coelho (2009) se refere às diferentes unidades e atores das áreas residenciais: bairro, vizinhança e família, que podem ser observados a partir de parâmetros funcionais, espaciais e sociais.

Assim, a partir do pressuposto da existência de um senso de comunidade em áreas residenciais, a pesquisa buscou estratégias de análise para a sua avaliação. Fez-se o recorte espacial em uma área de habitação de interesse social no Brasil, considerando o recente investimento de recursos federais e as críticas referentes à qualidade espacial apontadas por Pina; Kowaltowski (2000); Lavos (2009); Ayoub (2014).

As principais questões da pesquisa nortearam o desenvolvimento da dissertação: É possível avaliar o senso de comunidade? Existem instrumentos? Quais são os fatores vinculados à sua existência? Pode-se projetar bairros objetivando alcançar um maior senso de comunidade?

Inicialmente, a partir da busca em periódicos indexados, verificou-se a possibilidade de avaliar o senso de comunidade. As discussões iniciais datam da década de 1930 e apontam que esse fenômeno deve ser observado nas áreas residenciais. Posteriormente, estudos na área de psicologia relacionaram o senso de comunidade ao bem-estar pessoal. Os pesquisadores da área de Planejamento e Design Urbano retomaram a discussão, principalmente a partir de 2000, com as prescrições do chamado Novo Urbanismo em que associam a configuração espacial das áreas residenciais com a possibilidade de promover o senso de comunidade.

Especificamente em áreas residenciais, estudos realizados em outros países como os de Buckner, et al (1988), McMillan (1986), Chavis, et. al (1986), Sukolratanamete (2006), entre outros, apontavam a possibilidade de avaliar o senso de comunidade com estudos de casos como estratégia metodológica. Especificaram características peculiares, considerando as variáveis do sítio físico, localização, característica da população, período de existência do bairro, em meio a outros fatores físicos e sociais. No caso do Brasil, foram poucos os estudos existentes como o de Kowaltowski, et al (2005; 2006), que a partir de avaliações pós-ocupação em conjuntos habitacionais de São Paulo faz a correlação entre qualidade de vida e as desenvolvidas sob orientação de Ghunther, (ALMEIDA; ET AL, 1996; CUNHA; ET. AL, 1996; NEPOMUCENO, 1999; NAVES; ET AL, 2001) com análises específicas do senso de comunidade no Distrito Federal e nas cidades satélites.

Na segunda questão, verificou-se que a partir de 1980 as pesquisas desenvolveram instrumentos de avaliação com o objetivo de diagnosticar o senso de comunidade em áreas residenciais. A ferramenta de avaliação, na maioria dos estudos existentes, são os questionários. No entanto, foram sendo incorporadas estratégias de observação do espaço e de mapeamento nos estudos. Constatou-se instrumentos de maior replicação aplicados por Apleyard (1981), Glynn (1981), Riger; Lavrakas (1981), Chavis; et. al (1986), Buckner (1988), Nasar; Julian (1995), Skajaeveland; et. al (1996) e Bolsseman et. al (1999).

Os instrumentos foram analisados e, a partir da síntese, foi realizado um pré-teste extraindo as questões não aplicáveis ao contexto do estudo. Um instrumento final com 72 questões foi formatado para aplicação na pesquisa. As questões associam aspectos socioeconômicos, comportamentais e físico/espaciais. Em virtude

dessa multiplicidade de variáveis, as pesquisas mais recentes apontam a necessidade de promover avaliações multidimensionais e, principalmente, em diferentes contextos.

Esta dissertação avaliou o senso de comunidade em um contexto de áreas de habitação de interesse social, a partir de uma síntese dos instrumentos existentes para verificação dos aspectos socioeconômicos, comportamentais e físico/espaciais correlacionados à existência do senso de comunidade. Os dados extraídos das análises dos questionários revelam que a maioria dos moradores conhece mais de 10 vizinhos no bairro e que essa proporção tende a aumentar de acordo com o tempo de moradia. Existem gradações para mensurar uma boa relação de vizinhança: o simples cumprimento, parar para conversar ou visitar vizinhos. No São Lourenço, quase todos dizem “oi” e 89,9% ainda afirmam parar para conversar. As visitas ocorrem entre vizinhos em 51,4% e na mesma intensidade alegam contar com os vizinhos como companhia ou mesmo conversar. A maioria dos moradores declara ter uma ótima vizinhança (76,1%), sendo compatível com as respostas de ajuda mútua e não ter situações de incômodo entre vizinhos. Vale o destaque que, no estudo de caso, quase metade dos moradores possuem familiares no bairro e nas proximidades, formando uma comunidade familiar, além de se deslocarem a pé no conjunto – fator associado ao desenvolvimento das interações sociais. Foi constatado um alto índice de satisfação em morar no São Lourenço e os moradores alegam existir senso de comunidade. Assim, observaram-se o sentimento de territorialidade, a afetividade e o apego ao lugar, que, de acordo com Cantillon; et. al (2003), são componentes essenciais para a construção do sentimento de comunidade.

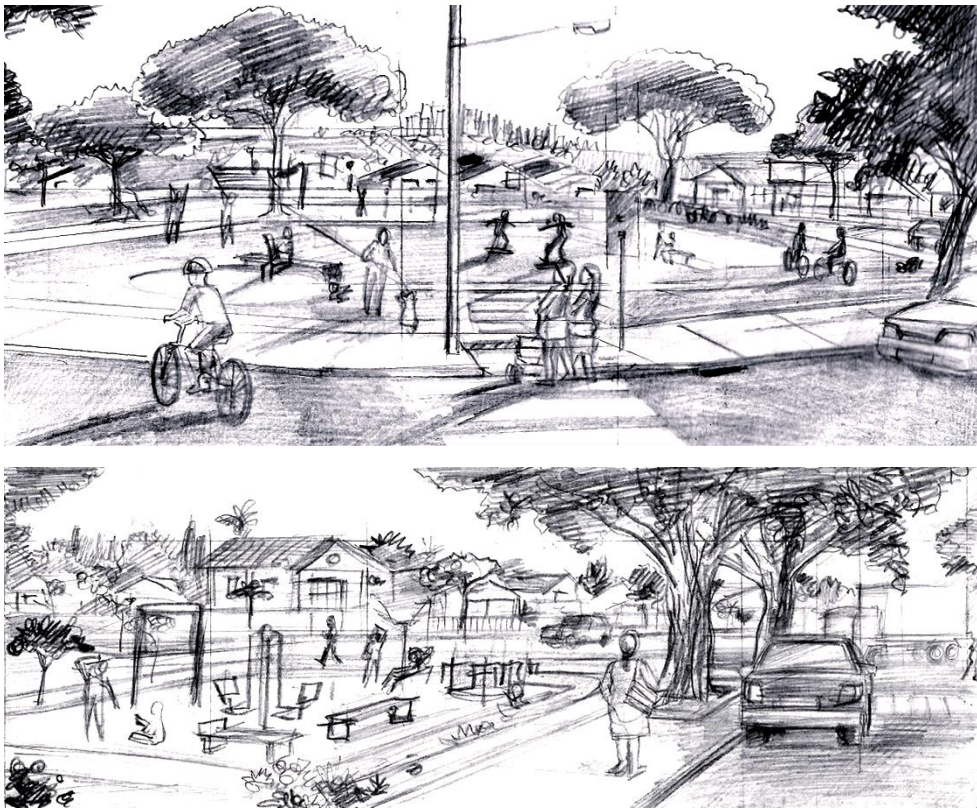
Em relação aos aspectos socioeconômicos, esses apontam uma homogeneidade social, presença de crianças acima de 6 anos, e a maioria dos moradores são proprietários. Observa-se a expectativa de viver no bairro mais de 10 anos e a proximidade da moradia anterior, indícios de territorialidade e apego ao lugar. Nos dados da análise físico/espacial, verificaram-se questões como a de segurança no bairro, que entre 69,0% dos entrevistados é considerada como “regular”. Há relatos que revelam que são promovidos jogos informais no campo de futebol, reuniões na rua e nas praças para conversas rotineiras etc. A igreja católica é apontada como um dos locais de referência de promoção de eventos no bairro.

Para a avaliação físico/espacial, verificou-se que os instrumentos de observação e mapeamento têm uma contribuição maior para o entendimento de

aspectos facilitadores e inibidores, bem como podem ser utilizados para promover uma análise multidimensional das questões espaciais relacionados ao Senso de Comunidade.

A partir da observação nos finais de semana no Conjunto São Lourenço, identificou-se a importância dos espaços públicos para a sociabilização e lazer dos moradores. Praças de menores dimensões, cujo fechamento é configurado por residências, tendem a ser áreas de encontro; por outro lado, praças de maiores dimensões são utilizadas para lazer ativo (Figura 29).

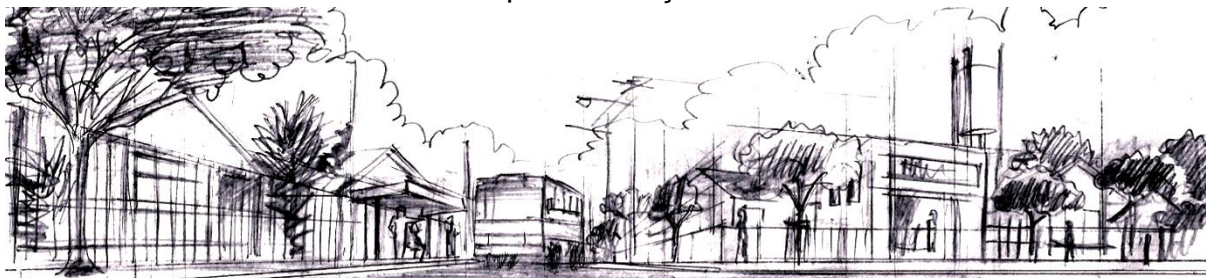
Figura 29: Áreas públicas de uso comum e diferentes dimensões



Fonte: Organizado pela autora, 2015.

As ruas também sobressaíram como espaço de suporte para interação entre moradores e, independentemente de suas dimensões, a baixa velocidade dos veículos permite o uso desse espaço pelos moradores (Figura 30). Ruas com quadras extensas e lotes residenciais contínuos indicaram alto índice de interação entre os vizinhos.

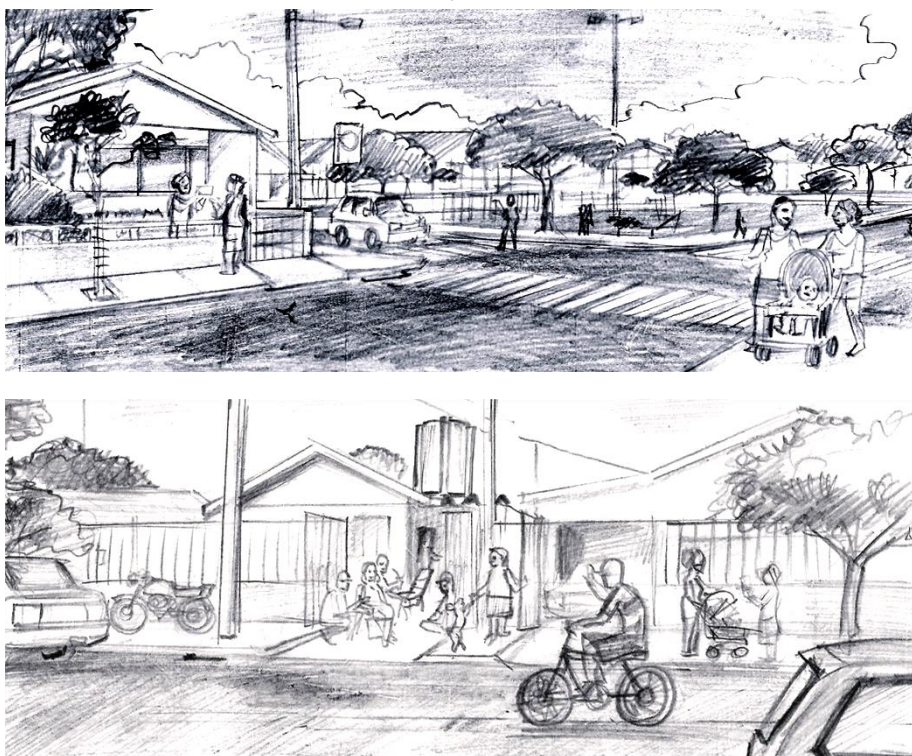
Figura 30: Continuidade de vias e características de uso das ruas como suporte para interação



Fonte: Organizado pela autora, 2015.

A garagem na parte frontal não é recomendada pelas pesquisas existentes, pois diminuem a chamada “fachada ativa”. No entanto, no Conjunto São Lourenço, essas têm um duplo papel – de garagem e de espaço para sentar, conversar e observar o movimento, bem como o jardim frontal, área de amortecimento entre o público e o privado; é um importante local para interação (Figura 31).

Figura 31: Uso dos espaços semipúblicos/semiprivados



Fonte: Organizado pela autora, 2015.

O mapeamento como estratégia de espacialização da rede de vizinhança, utilizado por Appleyard (1981) e Bolssman, et al (1999) em ruas específicas, foi incorporado neste estudo com a amostragem de 247 moradores, e dele emergiram contribuições para a discussão dos elementos espaciais. Uma

primeira constatação é o reconhecimento de vizinhos imediatos, sejam eles frontais ou laterais. Embora os referenciais reforcem a permeabilidade espacial, verifica-se no estudo de caso quadras de dimensões acima de 150m. Essa configuração permite maior número de lotes e, conseqüentemente, maior número de moradores, associado à dimensão estreita da via e na presença de fachadas ativas. Observa-se também que o padrão de quadra e dos lotes de esquinas com parcelamentos frontais são estratégias de design para continuidade da rede de vizinhança. Da mesma forma, constata-se que a interrupção da sequência de lotes para fins residenciais em uma rua, para implantação de edifícios de maiores dimensões, pode configurar como barreiras que diminuem a gradação de indicações de vizinhos conhecidos.

Esta pesquisa, a partir dos estudos existentes, avança na contribuição da análise multidimensional por meio da sobreposição mapeada dos dados socioeconômicos e comportamentais com a rede de interação entre vizinhos. Considerando três aspectos socioeconômicos: sexo dos entrevistados, número de pessoas que residem (familiares e inquilinos) e existência de crianças. Pode-se verificar, no caso do conjunto habitacional São Lourenço, que as áreas de maior interação estão relacionadas, em primeiro lugar, ao maior número de moradores, em segundo à existência de crianças, e, por último, o gênero.

Considerando os aspectos comportamentais - andar a pé, tempo de moradia e expectativa de viver no bairro - na sobreposição dos mapas com as áreas de maior densidade de rede de vizinhança, no caso do Conjunto São Lourenço, a expectativa em viver no bairro é preponderante ao tempo de moradia. Por fim, considerando a correlação entre satisfação em viver no local e o número de moradores que conhecem e cumprimentam é possível afirmar que são importantes aspectos de avaliação do senso de comunidade em uma área residencial.

Os resultados da análise revelam que existem estratégias de design que podem facilitar o desenvolvimento do senso de comunidade, como exemplo, fachadas ativas, ruas com continuidade de lotes residenciais, priorização do pedestre em ruas residenciais incentivando a velocidade baixa de veículos, áreas de interação entre espaço público e privado, além dos espaços públicos como suporte à sociabilização, são recomendações, no contexto de conjuntos habitacionais, a serem consideradas em áreas de habitação de interesse social.

Por outro lado, a análise indica a existência de padrões semelhantes de configuração espacial de quadras e lotes que apresentam diferentes associações das redes de vizinhança. Essa evidência aponta que os aspectos socioeconômicos e comportamentais como a existência de um maior número de moradores, a satisfação em morar no local e com a expectativa de permanecer no bairro são fatores associados para a existência do senso de comunidade.

Os resultados desse estudo apontam para desdobramentos de pesquisas futuras, em virtude de objetivar, por meio da aplicação de um instrumento de avaliação dos aspectos correlacionados ao senso de comunidade, um estudo de caso no contexto de conjunto habitacional. Resultados não significantes nessa conjuntura poderão ter outras leituras, por exemplo, em áreas residenciais de padrões socioeconômicos e comportamentais diferenciados.

Soma-se que a cidade é composta por vários bairros residenciais, áreas com suas especificidades, e esta pesquisa abrange uma parcela do território. No entanto, direciona para fatores considerados subjetivos do ambiente construído e que podem ser mensuráveis. São aspectos importantes que devem ser considerados na escala do cotidiano e, de acordo com Coelho (2009), entender as relações humanas em um espaço, entender o espaço público com suporte, pode agregar novas discussões e soluções para tornar as cidades mais coesas e humanizadas e ser realmente de interesse social.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, V. J. S.; SILVA, A.; GUNTHER, H. Senso de comunidade entre moradores de Ceilândia. In: XXVI Reunião anual de psicologia, 1996, Ribeirão Preto. **Resumos de Comunicações Científicas**. Ribeirão Preto: Sociedade Brasileira de Psicologia; 1996. p.186 - 187.

- APPLEYARD, B.; COX, L. In the Zone At home, **Journal Planning**, 2006. p. 30-35.
- APPLEYARD, D. **Livable streets**. Berkeley, CA: University of California Press, 1981.
- ARQUITETURA E PAISAGISMO. Disponível em <http://arquiteturapaisagismo.blogspot.com.br/2013/01/conjunto-habitacional-iapi-projeto-de.html> - Acesso em 18 Jan. 2015.
- AYOUB, T. A. A; KANASHIRO, M. **Espaços livres em conjuntos Habitacionais – as recomendações dos guias de design**. In: III Simpósio Brasileiro de Qualidade do Projeto no Ambiente Construído - VI Encontro de Tecnologia de Informação e Comunicação na Construção, 2013, Campinas. Anais...Campinas, p. 1-11, 2013.
- AYOUB, T. A. A. **Conjuntos habitacionais e espaços livres: correlações socioespaciais e orientações projetuais**. 2015. 164f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2015.
- BOSELDMANN, P; MACDONALD, E.; KRONEMEYER, T. Livable streets revisited. **Journal of the American Planning Association**, v. 65, n. 2, p.168-180, 1999.
- BUCKNER, J. C. The development of an instrument to measure neighborhood cohesion. **American Journal of Community Psychology**, v.16, n. 6, p.771-791, 1988.
- CANTILLON, D.; DAVIDSON, W. S.; SCHWEITZER, J. H. Measuring community social organization: Sense of community as a mediator in social disorganization theory. **Journal of Criminal Justice – Pergamon**, v. 31, p. 321-339, 2003.
- CARDOSO, A. L.; ARAGÃO, T. A.; ARAUJO, F. S. **Habitação de interesse social: política ou mercado?** Reflexos sobre a construção do espaço metropolitano. In: Encontro Nacional da ANPUR, 15., 2011. Rio de Janeiro. *Anais...Rio de Janeiro*, 2011 p.1-20.
- CARMONA; TIESDELL; HEATH; OC. **Public places urban spaces. The dimension of urban design**. 2. ed. ed. Oxford: Elsevier, 2010.
- CHAVIS, D. M.; HOGGE, J. H.; MCMILLAN, D. W.; WANDERSMAN, A. Sense of community through Brunswick's lens: A first look. **Journal of Community Psychology**, v. 14, p. 24-40, 1986.
- CHAVIS, D. M.; PRETTY G. H. M. Sense of Community: Advances in Measurement and Application. **Journal of Community Psychology**, v. 27, n. 6, p. 635-642, 1999.
- CHAVIS, D. M.; WANDERSMAN, A. Sense of Community in the Urban Environment: a Catalyst for Participation and Community Development. **American Journal of Community Psychology**, v. 18, n. 1, p. 55-81,1990.
- COELHO, A. B. **Cidade e habitação de interesse social**. In: **SBQP - Simpósio Brasileiro de Qualidade do Projeto no Ambiente Construído**, In: IX Workshop Brasileiro de Gestão do Processo de Projeto na Construção de Edifícios, 2009, São Carlos. Anais...Universidade de São Paulo. p.1-24, 2009.
- CUNHA, L. F.; SILVA, A. V.; GUNTHER, H. Disposição de casas geminadas e senso de comunidade. In: XXVI Reunião anual de psicologia, 1996, Ribeirão Preto.

Resumos de Comunicações Científicas. Ribeirão Preto: Sociedade Brasileira de Psicologia; p. 186, 1996.

CUTCHIN, M. P; ESCHNACH K; MAIR C. A; JU H; GOODWIN J. S. The Socio-spatial Neighborhood Estimation Method: an Approach to Operationalizing the Neighborhood Concept. **Health & Place**, v. 17, p. 1113-1121, maio 2011.

ECTP - European Council of Town Planners. **Nova Carta de Atenas.** 2003.

FARREL, S. J; AUBRY, T; COULOMB, D. Neighborhoods and Neighbors: do they contribute to personal well-being. **Journal of Community Psychology**, v. 32 – n.1, p. 9-25, 2004.

FERREIRA, João Sette Whitaker (coord). **Produzir casas ou construir cidades? Desafios para um novo Brasil Urbano:** parâmetros de qualidade para a implementação de projetos habitacionais e urbanos. São Paulo: LABHAB, FUPAM, 2012

SKJAEVELAND, O; GARLING, T; MAELAND, J. G. A multidimensional measure of neighboring. **American Journal of Community Psychology**, v. 24 n. 3, p. 413-35, 1996.

FRIED, M. The structure and significance of community satisfaction. **Human Sciences Press**, Boston, v. 7, p. 61–86, 1984.

GEHL, J. **Life betwing buildings: using public space.** Washington: Island Press, 2011.

GLYNN, T. J. Psychological sense of community: Measurement and application. **Human Relations**, v. 34, n.7, p. 789-818. 1981.

GRANOVETTER, M. S. **The Strenght of Weak Ties.** American Journal of Sociology, Chicago, v. 78, n. 6, p.1360-1380, 1973.

GROAT, L.; WANG, D. **Architectural research methods.** [S.l.]: John Wiley & Sons, 2002.

HUNTER, A. The Loss of Community: an empirical test through replication. **American Sociological Review**, v. 40, n. 5, p. 537-552, 1975.

KANASHIRO, M. ; AYOUB, T. A. A. **Princípios de Design de Áreas Residenciais: Análise comparativa de Guias de Design Ingleses e Possibilidades de Aplicabilidade no Brasil.** In: XIV ENTAC-Encontro Nacional de Tecnologia e Ambiente Construído, 2012, Juiz de Fora. ENTAC - Da concepção à desconstrução: a integração do ambiente construído. Juiz de Fora: UFJF, 2012. v. 1. p. 3373-3383

KAPLAN, R. The Nature of the View From Home: Psychological Benefits. **Environment and Behavior**, v. 33, n.4, p.507-542, jul. 2001.

KEARNEY, A. R. Residential Development Patterns and Neighborhood Satisfaction: Impact of Density and Nearby Nature. **Environment and Behavior**, v. 38, p.112 - 139, jan - 2006.

KIM, J.; KAPLAN R. Physical and Psychological Factors in Sense of Community: new urbanist kentlands and nearby orchard village. **Environment and Behavior**, v. 36, n. 3, p. 313-340, 2004.

KOWALTOWSKI, D. C. C. K.; PINA, S. M.; LABAKI, L. C.; SILVA, V. G.; BERTOLI, S. R.; RUSCHEL, R. C.; FÁVARO, E.; MOREIRA, D. C.; RUIZ, J. A. **Parâmetros de sustentabilidade e qualidade de vida na implantação de conjuntos habitacionais sociais. In: Encontro nacional de conforto no ambiente construído - Encontro Latino Americano de conforto no ambiente construído, 2005, Maceió. Anais... Maceió: ENCAC –ELACAC. 2005. p. 930-939.**

KOWALTOWSKI, D., LABAKI, L., PINA, S., SILVA, V., MOREIRA, D., RUSCHEL, R., BERTOLI, S., FAVERO, E., FILHO, L. **Análise de parâmetros de Implantação de Conjuntos Habitacionais de Interesse Social: ênfase nos aspectos de sustentabilidade ambiental e da qualidade de vida. In: ANTAC Associação Nacional de Tecnologia do Ambiente Construído. (Org.). Coletânea HABITARE - Ambiente Construído- Construção e Meio Ambiente -cap5. Porto Alegre: Antac, 2006, v. 7, p. 128-167.**

LAVOS, A. P. A. **Sociabilidade em conjuntos habitacionais produzidos pelo Estado: o caso da COHAB Cidade Tiradentes.** Dissertação de Mestrado – Programa de pós graduação em Arquitetura e Urbanismo da Escola de Engenharia de São Carlos. Universidade de São Paulo. São Carlos, 2009.

LAWHON, L. L. The Neighborhood Unit: Physical Design or Physical Determinism? **Journal of Planning History**, v. 8, n. 2, p.111-132, 2009.

LEVINE, M. D. Working it Out: a community re-creation approach to crime prevention. **Journal of Community Psychology**, v.14, p. 378-390, out-1986.

LOCHNER, K; KOWACHI I; KENNEDY B. P. Social Capital: a guide to its measurement. **Health & Place**, v. 5, p. 259-270, 1999.

LONDRINA NEWS. Disponível em <http://londrinanews.blogspot.com.br/2013/03/vista-bela> - Acesso em 18 Jan. 2015.

LONG, A. PERKINS D. D. Confirmatory Factor Analysis of the Sense of Community Index and Development of a Brief SCI. **Journal of Community Psychology**, v. 31, n. 3, p. 279-296, 2003.

LUND, H. Pedestrian environments and sense of community. **Journal of Planning Education and Research**, v. 21, p. 301-312, mar. 2002.

MANN, P. The concept of neighborliness. **American Journal of Sociology**, v. 60, p. 163-168, 1954.

MASON, S. G. Can community design build trust? A comparative study of design factors in Boise, Idaho neighborhoods, **Cities**, v. 27, p. 456-465, 2010.

MAYA-JARIEGO, I.; ARMITAGE, N. Multiple Senses of Community in Migration and Commuting: The Interplay between Time, Space and Relations, **Journal International Sociology**, v. 22, n. 6, p. 743-766, 2007.

MCMILLAN, D. W. Sense of community. **Journal of community psychology**, v. 24, n. 4, p. 315-325, 1996.

NASAR, J.L. Does neotradicional development build community? *Journal of Planning Education and Research*, v. 23, p. 58-68, set. 2003.

NASAR, J; JULIAN, D. A. The psychological sense of community in the neighborhood. **Journal of the American Planning Association**, v. 61, n 2, p.178-184, 1995.

NAVES, A. R. C. X.; RESENDE, L. B.; PONTES, L. R. **Senso de vizinhança entre moradores de casas e apartamentos em Taguatinga**. Laboratório de psicologia ambiental. Série: Textos de alunos de psicologia ambiental, n. 2, p. 1 - 7, Brasília, 2001.

NEPOMUCENO, G. M. **Relacionamento entre vizinhos em casas e apartamentos de Brasília**. Laboratório de psicologia ambiental. Série: Textos de alunos de psicologia ambiental, n. 2, p. 1 - 4, Brasília, 1999.

NOVO MILÊNIO. Disponível em <http://www.novomilenio.inf.br/santos/fotos227b.htm>, Acesso em 18 Jan. 2015;

NOWELL, B.; BOYD, N. Sense of community as construct and theory: authors' response to McMillan, **Journal of Community Psychology**, v. 39, n. 8, p. 889-893, 2011.

OBST, P. L; SMITH, S. G; ZINKIEWICZ, L. An Exploration of Sense of Community, Part 3: Dimensions and Predictors of Psychological Sense of Community in Geographical Communities. **Journal of Community Psychology**, v. 30, n. 1, p. 119-133, 2001.

PERRY, J; FELCE, D. Quality of Life: Its Definition and Measurement. **Developmental Disabilities**, EUA: Elsevier Science Ltd, v. 16, n. 1, p. 51-74, 1995.

PETERSON, N. A.; SPEER, P. W.; HUGHEY, J. Measuring sense of community: a methodological interpretation of the factor structure debate, **Journal of Community Psychology**, v. 34, n. 4, p. 453-469, 2006.

PINA, S. A. M. G., KOWALTOWSKI, D. C. C. K. **Arquitetura do Morar: Comportamento e Espaço Concreto**. In: Seminário Internacional de Psicologia e Projeto do Ambiente Construído, 2000, Rio de Janeiro, 2000.

RIGER, S.; LAVRAKAS, P.I. Community ties: patterns of attachment and social interaction in urban neighborhoods. **American Journal of Community Psychology**, v. 9, n. 1, p. 55 - 66, 1981.

ROGERS. G. O.; SUKOLRATANAMETEE, S. Neighborhood design and sense of community: Comparing suburban neighborhoods in Houston Texas, **Journal Landscape and Urban Planning**, v. 52, p. 325-334, 2009.

SANTOS, M. *Metamorfoses do Espaço Habitado: Fundamentos Teórico e Metodológico da Geografia*. Hucitec.São Paulo 1988. Disponível em: <http://www.geoacademia.cl/revista/Metamorf%20Do%20Espaco%20Habitado%20Milton%20Santos%20cap.%201%20y%20cap.%204.pdf>. Acesso em: 07 mar. 2015.

SARASON, S. B. **The psychological sense of community: prospects for a community psychology**. São Francisco: Jossey Bass, 1974.

STREET VIEW, Google. Disponível em <http://www.maps.google.com>. Acesso em Acesso em 06 Jan. 2015;

SUGIYAMA, T.; LESLEI, E.; GILES-CORTI, B.; OWEN, N. Associations of neighborhood greenness with physical and mental health: do walking, social coherence and local social interaction explain the relationships? **Journal Epidemiol Community Health**, v. 68, n.9, p. 1-6, 2008.

SUKOLRATANAMETEE, S. 2006. **Pedestrian-oriented design and sense of community: a comparative study** (Dissertação de Doutorado) - Ciências Urbanas e Regionais, Texas A&M University, 2006.

TALEN, E. Sense of community and neighborhood form: an assessment of the social doctrine of new urbanism. **Urban Studies**, v. 36, n. 8, p. 1361-1379, jul. 1999.

WILKERSON, A.; CARLSON, N. E.; YEN, I. H.; MICHAEL, Y, L. Neighborhood Physical Features and Relationships With Neighbors: Does Positive Physical Environment Increase Neighborliness? **Journal Environment and Behavior**, v.44, n. 5, p. 594-615, 2012.

WIRTH, L. Urbanism as a way of life. **American Journal of Sociology**, Chicago, v. 44, n. 1, p. 1-24, jul. 1938.

WOOD, L.; FRANK, L. D.; GILES-CORTI, B. Sense of community and its relationship with walking and neighborhood design, **Journal Social Science & Medicine**, v. 70, p. 1381-1390, 2010.

YANG, Y. A tale of two cities: physical form and neighborhood satisfaction in metropolitan Portland and Charlotte. **Journal of the American Planning Association**, v. 74, n.3, p. 307-323, 2008.

YIN, R. K. **Estudo de caso, planejamento e métodos**. 2. ed. São Paulo: Bookman, 2005.

APÊNDICES